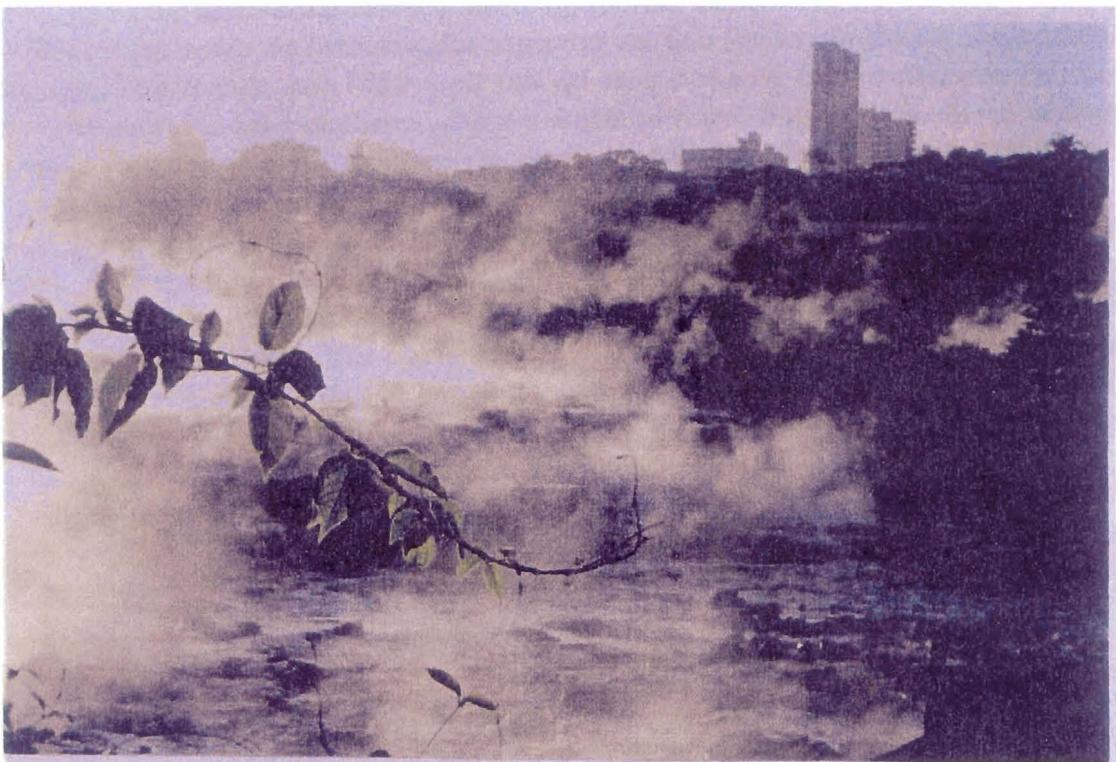


Projeto Beira Rio

*Diagnóstico
Prefeitura do Município de Piracicaba*

A Cara de Piracicaba



O véu da noiva sobre o salto : foto A. Stefani, maio 2001

Por
ARLINDO STEFANI
Antropólogo Urbano
22 rue Hoche 92130 Issy/França
T. 331-46427889 - Fax. 33147365682
E-mail. astefani@club-internet.fr

Relatório final Agosto 2001

Senhor Prefeito José Machado,

Na qualidade de coordenador tenho a honra de apresentar o relatório da fase de diagnóstico do Projeto Beira Rio.

O tema da cultura que animou o diagnóstico se refere à declaração dos governos membros das Nações Unidas reunidos em Estocolmo em 1972 segundo a qual a cultura está no centro do desenvolvimento. Essa declaração se espelha na imagem que utilizou dia 23 de abril para apresentar Piracicaba cidade-rio: A cara de Piracicaba está nas margens do Piracicaba. Essa figura lembra o sobrenome poético da cidade chamada A Noiva da Colina com as duas faces, a de Vila Rezende e a da Colina Sul. A Noiva da Colina olha para oeste, aonde vai o rio, o sol e a civilização agora animada pelo Mercosul. A foto de cobertura mostra o Véu da Noiva ondulando sobre o Salto de manhã cedo no início da estiagem. Desta maneira o Piracicaba entra na lista dos rios sagrados de São Paulo, do Brasil, da América do Sul e do mundo. Fabricando em 1990 mais um de seus bonecos com o lixo dos barrancos, Elias do Boneco professa ao jornalista: - O rio é minha mãe, é meu deus. Ele é tudo para mim. Eu amo o rio, adoro o rio. Aqui no rio estou no paraíso. Como no coro litúrgico da Grécia Antiga, podemos ouvir o povo de Piracicaba respondendo em coro a este hino ao rio-deus-mãe de Piracicaba. O diagnóstico foi em busca deste espírito do lugar que jorra da relação entre o rio e os piracicabanos ao longo de suas beiras. Carregadas de relações as beiras se tornam um lugar autêntico.

O trabalho da comissão, das comunidades e dos convidados confirma o papel do rio no desenvolvimento de Piracicaba. A imagem poética me permite resumir este papel em cinco linhas.

O índio veio aonde o peixe pára.
O industrial veio aonde o peixe pula.
Nós vamos aonde o rio espera.
O peixe criou o índio.
O salto criou o industrial.
O rio conosco cria Piracicaba.

Os piracicabanos tem efetivamente razão de amarem e venerarem o rio. Com seus afluentes, garantiu o ciclo da vida da natureza e da cidade desde as origens compondo com o homem um mesmo e único sistema bio-cultural generalizado. O rio criou o índio e os piracicabano com seu peixe. Este foi o alimento básico da Noiva da Colina, o arquétipo de todos os alimentos e produtos da cidade, do município e do vale. Depois criou o industrial com a energia do salto. Hoje o rio cria Piracicaba junto conosco, pois vivemos com ele e não mais contra ele.

O rio no entanto pagou caro o preço desta longa relação com o homem e com seu formidável progresso. Está cansado, exangue e agonizante. Estudos da CETESB, da ESALQ, do Comitê de Bacias e do Consórcio, advertem que na estiagem suas águas urbanas estão próximas da anabiose, isto é da morte biológica. Além disto, cheira mal, anda maltrapilho, sujo, maltratado, empobrecido e perigoso. Há trinta e mais anos seu peixe não consegue mais pular Salto acima na festa nupcial da piracema a fim de reproduzir-se nas cabeceiras

como o fez desde os primórdios e donde voltava criando-se com os alimentos do rio, da mata ciliar e das chuvas. Há cinquenta anos para cá, o Piracicaba se tornou um dos três mais poluídos do Brasil. Suas barrancas urbanas estão entulhadas de detritos e suas beiras são diariamente contaminadas pelos esgotos industriais, comerciais e domésticos, além da poluição natural. Ali no entanto se apinharam os peixes herdeiros da ictiofauna legendária buscando no esgoto o alimento que a mata ciliar já não lhes dá.

Ora bem, apesar de maltratado e amado a chicotadas, o rio ainda sustenta a natureza e os homens como a era que se anuncia, fundada na economia de serviços, sobretudo os da cultura. Os pescadores de linha e vara conseguem hoje ainda 600 a 1.000 kilos de peixe por dia entre a Ponte Pênsil e a Ponte do Caixão. Em Tancuá, os 30 pescadores profissionais produzem a mesma tonagem diária. Porém, embora lá menos do que aqui, o peixe anda doente e contamina quem o come pois partilha da agonia do rio.

Diante deste cenário, o visitante chamado turista, forasteiro, hóspede ou transeunte, pode sentir um malestar. Ouviu dizer que os piracicabanos amam o rio, o adoram e se ufanam dele. Vendo-o porém naquele estado de belo agonizante, guardará a impressão de que os piracicabanos vivem afastados do rio, viram-lhe as costas e não se importam com sua agonia. Dizem que amam o rio, mas seus comportamentos com ele continuam predatórios e cruéis. Viajando para o interior do município, ao longo dos afluentes, observará o mesmo comportamento: a terra dos canaviais é esterilizada pelos fertilizantes e pelos inseticidas, sob o pretexto de corrigirem a natureza em favor do produto escolhido, num ecossistema especializado, dependente e frágil. Não verá ave alguma no céu nem minhoca saindo do solo encharcado. O verde da paisagem é monótono, quieto e inquietante. O forasteiro ousará perguntar se este comportamento paradoxal não brotaria da cultura piracicabana em relação com sua água, terra e ar, dizendo se não é assim que trata sua cidade também.

Ao manifestar esta impressão aos hospedeiros e lendo o que escrevem e dizem, o visitante sentirá alívio pois notará que são conscientes do dano causado pelo comportamento geral e que muitos tentam expiá-lo. Esta expiação é variada. Para alguns, a expiação consiste no sacrifício de bodes expiatórios. Estes já são rebanho. Mas o sacrifício de nenhum deles conseguiu até hoje resgatar a crueldade coletiva industrial, comercial, institucional e doméstica relativa ao rio. Outros se desculparam dizendo ao visitante que a responsabilidade do mal do rio incumbe aos moradores das 57 cidades Bacia montante. Como acham que estes não se importam, dizem ao visitante ser inútil qualquer cuidado com o rio que adoram tanto. O visitante pasma novamente e fica aterrado ouvindo quem afirme ser necessário o sacrifício e morte do rio e até da bacia por ser o preço a pagar sobre o altar do Progresso como o fizeram os países ricos. Esses adeptos ignoram que os rios, mares, solos e ar destes países ricos andam doentes também.

Prosseguindo seu caminho o visitante abatido encontrará um último grupo de gente, entre os quais o próprio prefeito e sua equipe agindo e pensando que o desenvolvimento pode ser feito com o rio e não mais contra ele. Dessa forma o rio se regenera junto com a regeneração da cidade e do município e o esforço comum se torna sustentável e durável. Ouvindo e vendo isto, o visitante escuta o hino do Elias do Boneco e recomeça a acreditar. Solicita participar no movimento o que os hóspedes aceitam. Assim o turista-visitante se torna ator do rio e não apenas seu consumidor.

Em 1989 os piracicabanos lhe confiaram um primeiro mandato político para dirigir esse movimento de reconciliação com o rio e seus braços. Tomando apoio neste elá, encorajou e ajudou os industriais, agricultores, empresários e comerciantes, associações e todos os demais cidadãos que já estavam cooperando com o rio Piracicaba embelezando-o e embelezando-se e depois saneando-se reciprocamente. Na escala do Vale, o Senhor

dinamizou a criação do Consórcio dos Prefeitos da Bacia do Piracicaba, Jundiaí e Capivari irmanados no objetivo de identificarem, decidirem, acompanharem e controlarem as ações públicas indispensáveis em favor das águas, ar, terra e árvores comuns.

Na escala do município e da cidade, resgatou a memória da civilização do rio, desapropriando e tombando o Engenho Central e os tópicos da arquitetura da usina de açúcar de Monte Alegre. Assim fazendo, reconheceu o trabalho de milhares de famílias de operários, de técnicos, de comerciantes da cana e do açúcar, do álcool, do algodão, do milho, do ferro e da cerâmica, sublimando-os ao nível da cultura Piracicabana. O Estado e a Federação confirmaram o gesto. Agora se propõe revigorar festivamente a memória do Peixe - o fruto do rio-cidade: o lugar onde o Peixe pára.

Re-eleito em 2001 para dar continuidade à esta ação de 1989 a 1992, voltou a dirigir a animar a sinergia com o rio e nomeou em janeiro uma Comissão multidisciplinar, inter-institucional e inter-profissional de 37 membros com o encargo de levantar com a Comunidade o estado da arte da relação com o rio, na áreas urbanísticas, ecológicas, paisagísticas e éticas a fim de lançar as bases de um plano diretor de intervenções públicas de revitalização do rio.

Este foi, senhor Prefeito, o contexto e os termos de referência do mandato da comissão para o diagnóstico do Projeto Beira Rio que tive a honra de coordenar sob a presidência do chefe de Governo, Dr. Alexandre Alves.

O presente relatório conclui o encargo recebido.

A primeira parte descreve a realização participativa do diagnóstico.

A segunda apresenta os resultados e suas conclusões.

A terceira enuncia orientações.

A quarta esboça o programa de ações a curto, médio e longo prazo, integrantes de um Plano Diretor do rio e de suas beiras.

ARLINDO STEFANI
Coordenador

COMPONENTES COMISSÃO BEIRA-RIO

Alexandre Alves
Secretário Municipal de Governo

Álvaro Sérgio Cavaggione
**Representante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-
seçãoPiracicaba)**

Carlos Consolmagno
**Representante da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de
Piracicaba**

Eduardo Pacheco Giannetti
Secretário Municipal de Trânsito e Transportes (SEMUTTRAN)

Francisco Carlos de Castro Lahoz
Representante do Consórcio do Rio Piracicaba/ Jundiaí

Gerson Ribeiro de Mello
Representante da Escola de Engenharia de Piracicaba

Heitor Gaudencio Júnior
Secretário Municipal de Ação Cultural (SEMAC)

Hélio Dias
**Representante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de
Piracicaba (UNIMEP)**

Jefferson Oliveira Goulart
**Representante do centro de Estudos e Pesquisas do Vale
Piracicaba**

João Paulo Araújo
Secretário Municipal de Esportes, Lazer e Atividades Motoras

José Antonio Fernandes Paiva
**Representante do Conselho Coordenador das Entidades Sindicais
de Piracicaba**

José Augusto Rego Barros Seydell
Presidente do Serviço Municipal da Água e Esgoto (SEMAE)

José Ferreira Assis
Representante da CETESB

Juan Antonio Moreno Sebastianes
**Secretário Municipal de Defesa do Meio Ambiente e Planejamento
(SEMA- SEMUPLAN)**

Luiz Antonio Martinelli
Representante do Centro de Energia Nuclear Aplicada (ESALQ)

Luiz Egídio Simoni
Representante do CODEPAC

Luiz Sartori
Representante da Irmandade do Divino

Marco Antonio Guidotti
Representante da COOPERVAP

Marly Terezinha Germano Perecin
Representante do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Orlando Berto
Secretário Municipal de Indústria e Comércio

Ricardo Ribeiro Rodrigues
Representante da Câmara de Vereadores de Piracicaba

Rui Cassavia Filho
**Representante do Sindicato dos Corretores de Imóveis de
Piracicaba**

Sérgio Antonio Furtuoso
**Representante da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba
(ACIP)**

Valter Bechari
Representante do Sindicato dos Engenheiros

Vanderlei Dionisio
Secretário Municipal de Turismo

Intervenções e Contribuições Membros da Comissão

Eduardo Pacheco Giannetti

Heitor Gaudenci Júnior

João Paulo Araújo

José Augusto Rego Barros Seydell

José Ferreira Assis

Juan Antonio Moreno Sebastianes

Luiz Antonio Martinelli

Luiz Egídio Simoni

Marco Antonio Guidotti

Marly Terezinha Germano Perecin

Ricardo Ribeiro Rodrigues

Sérgio Antonio Furtuoso

Vanderlei Dionisio

José Marcelo Castro

Nelson Torres

Sandra Stefanovitz

Intervenções e Contribuições

Comunidade

Comunidades

Irmandade do Divino - Rua do Porto
Comunidade do Calçadão da Rua do Porto
Associação de Navegadores
Comunidade de Ártemis
Comunidade de Tancuã
Comunidade de São Dimas
Comunidade da Rua Luiz de Queiroz
Comunidade de Monte Alegre
Instituto Memorar (em “Projeto Monte Alegre”)
Fábrica Boyes

Personalidades

Dom Eduardo Koaik
Cecilio Elias Neto
Moacyr Camponez do brasil
Antonio Ricardo Sanches
Adriano Ranzani
Roberto Canceliére
Thomas Burstschi
Paulo Kageyama
Epaminondas Ferraz
João Dagoberto
Dalcio Caron
Luciano Verdade
Oriovaldo Queda
Luiz Roberto Moretti
Tetê Giannetti
Patricia Vidal
Beth Betting

Reuniões e Passeios Projeto Beira Rio

17/03/2001- Passeio de Barco até Tancuã

24/03/2001- 1ª Caminhada – 16h30 ‘as 18h30

25/03/2001- 2ª Caminhada - 8h30 ‘as 10h30

30/03/2001- Visita ‘a Fábrica Boyes

31/03/2001- 3ª Caminhada – 8h00 ‘as 10h30

01/04/2001- 4ª Caminhada - 8h00 ‘as 10h30

**09/04/2001- Reunião no Instituto Histórico e Geográfico de
Piracicaba**

19/04/2001- Reunião na Irmandade do Divino

21/04/2001- Visita ao Museu da Água

24/04/2001- Reunião Ártemis

25/04/2001- Visita Monte Alegre

28/04/2001- Visita Esalq – Depto. Ciências Florestais

29/04/2001- Visita Tancuã

02/05/2001- Reunião Irmandade do Divino

04/05/2001- Reunião Ártemis

09/05/2001- Reunião Monte Alegre

23/05/2001- reunião Monte alegre

SUMÁRIO

Primeira parte	Diagnóstico Participativo.....	I
Segunda Parte	Conclusões	
	Buscando o Espírito do Lugar	8
	As Beiras Legais	
	Primeiro Centro do Mundo Fundador	
	a Taba.....	11
	Segundo Centro do Mundo:	
	Povoado de N. Sra. dos Prazeres.....	13
	Terceiro Centro do Mundo	
	Rua do Porto.....	14
	Quarto Centro do Mundo	
	Altos da Colina.....	15
	Quinto Centro do Mundo	
	a Prefeitura Atual.....	17
	Memória da Revolução Industrial(1881 – 1979)	
	O Salto entra em cena.....	19
	Realidade atual do Beira Rio.....	27
Terceira parte	Diretrizes.....	50
Quarta parte	Estratégias de Ação Indicações de um Programa de Ações para um Plano Diretor	53

Primeira parte

Diagnóstico Participativo

Organização participativa

Três atores realizaram o diagnóstico: a comissão, a comunidade e a prefeitura. Em torno da comissão entrevieram representantes das entidades e profissionais. Com a comunidade ribeirinha entrevieram progressivamente as instâncias dos moradores, usuários e visitantes. A Prefeitura trabalhou com ambos.

Os atores não começaram o diagnóstico ao mesmo tempo. Em março, a comissão trabalhou só. A sinergia entre ambos veio progressivamente. Mas as comunidades ribeirinhas não esperaram acontecer. Foram diagnosticando o meio ambiente e respondendo aos desafios, utilizando sua organização endógena, com seus próprios conhecimentos, técnicas e energia. Do lado institucional, a administração municipal foi gerenciando o município junto às comunidades locais e junto às empresas. O rio que sempre interessou a comunidade ribeirinha foi o rio imediato, integrante do território de trabalho e de vida local. Ao inverso a Comissão se organizou em função de projeto distinto do território de vida e de trabalho dos membros. O rio que receberam encargo de inventariar era abrangente, conceitual. O desafio da participação das duas instâncias do projeto foi portanto metodológico: como integrar os dois tipos de atores numa dinâmica só. O desafio não era somente intelectual, como também afetivo: certas comunidades expressaram desconfiança em relação aos intelectuais - apelidados de elite - que estariam mais uma vez tomado o poder sobre a comunidade em nome do saber científico e em proveito das instituições e das empresas. O diálogo teve o grande mérito de ser franco e público. Isto facilitou a reconquista de confiança recíproca e o relance da participação, mediante a prova da ação. A mesma confiança precisou ser restabelecida entre os membros da comissão e a Prefeitura. Voltarei a este ponto mais adiante. A criação deste clima de confiança foi a primeira grande conquista dos atores da comissão, das comunidades e da prefeitura. Tudo o mais foi viabilizado muito facilmente dentro de uma dinâmica de pesquisa-ação (que no século 19 os alemães denominaram praxis).

O objeto desta primeira parte do diagnóstico é portanto descrever esse encontro e sinergia de pessoas, de sensibilidades, de saberes e de territórios de poder democrático dentro do projeto comum de pequena, média e grande escala chamado Beira-Rio.

O objetivo da organização do diagnóstico Buscar o espírito do lugar

Os três atores do diagnóstico sabiam o que buscavam: o estado da arte em relação ao rio e suas beiras. Sabiam também para que: construir e realizar uma rede de projetos de revitalização do rio, como forma de desenvolvimento econômico diferente. Porém, o que mais procuraram foi a identidade que brotou desta longa relação conflitual ou harmoniosa com o rio. A essa identidade os antropólogos culturais chamam de cultura espacial.

Vocabulário

Por espírito do lugar, no sentido antropológico ou científico do termo, se entende o sistema básico de comunicações denominado territorialidade. A cidade como o rio são, neste sentido, um vasto sistema de comunicações harmoniosas ou conflituais. O território define portanto a identidade espacial de uma pessoa, grupo ou população, povo. Essa identidade se apresenta com força no conceito antropológico de centro do mundo.

Por centro do mundo também chamado umbigo, entende-se o espaço do poder institucional de uma cidade, país ou região. O símbolo é a cadeira (sé). No caso de um reino, o centro do mundo é o leito do rei.

Numa teocracia é o altar. Ele funciona como marco zero do território. Em Paris, esse marco foi definido numa placa fixada no chão na frente da catedral Notre Dame. Esta placa é o ponto de partida das quilometragens da França. Em Piracicaba, o centro do mundo tem por marco a cadeira do prefeito no seu gabinete. No início do diagnóstico, descrevi este conceito em referência ao método antropológico que elaborei denominado « cultura viva ». Porém, o conceito precisou da realização do diagnóstico para ser melhor compreendido e avaliado pelos participantes da comissão. Nas comunidades não houve problema nenhum porque os moradores vivem o centro do mundo e sabem onde ela está. Portanto, sem referência ao habitante em sinergia com o lugar, não há possibilidade alguma de observação e compreensão do que seja o centro do mundo dele e o espírito do beira rio dele. Este princípio nos levou ao método participativo de realização do diagnóstico e de todo o projeto.

Voltarei portanto a esse tema unificador em todo o presente relatório, pois vai unificar as conclusões, as diretrizes e o programa de ações do plano diretor proposto ao executivo depois de aprovado pela comissão.

A Comissão Oficial

Recrutamento e Organização do Grupo

A Comissão Oficial foi composta de pessoas jurídicas nomeadas por decreto municipal. Trabalharam gratuitamente. Cada membro representou uma ou várias entidades - empresas, universidades, sindicatos, associações, clubes, ordens, secretarias municipais, serviços ou direções e outras. (cf. Lista anexa). Novas entidades foram nomeadas mais tarde, totalizando 35 membros. Além delas muitos profissionais foram convidados a título pessoal. A composição da comissão se completou com a aceitação de membros ouvintes. A coordenação se ocupou também da acolhida de visitantes como da imprensa.

Esse número crescente de participantes exigiu flexibilidade na reorganização do espaço, do tempo e do ritmo dos trabalhos sabendo-se que o diagnóstico era destinado a cobrir todos os cidadãos da cidade e do município interessados na revitalização do Piracicaba como rio e como bacia ou ecossistema. O interesse cresceu de maneira impressionante, pois o número de testemunhas da vida e produção do Engenho Central, da Boyes e da Usina de Monte Alegre era considerável. A coordenação viveu rodeada por estas admiráveis testemunhas, detentores do patrimônio invisível da era industrial à beira rio. Muitos se integraram nos grupos de diagnóstico das comunidades. A principal medida de organização flexível consistiu portanto na alternância de observações de campo com reuniões em sala agilizada pelos transportes da frota municipal e pelas deslocações a pé ou de ônibus. Outra medida consistiu na gravação das reuniões da comissão e das comunidades.

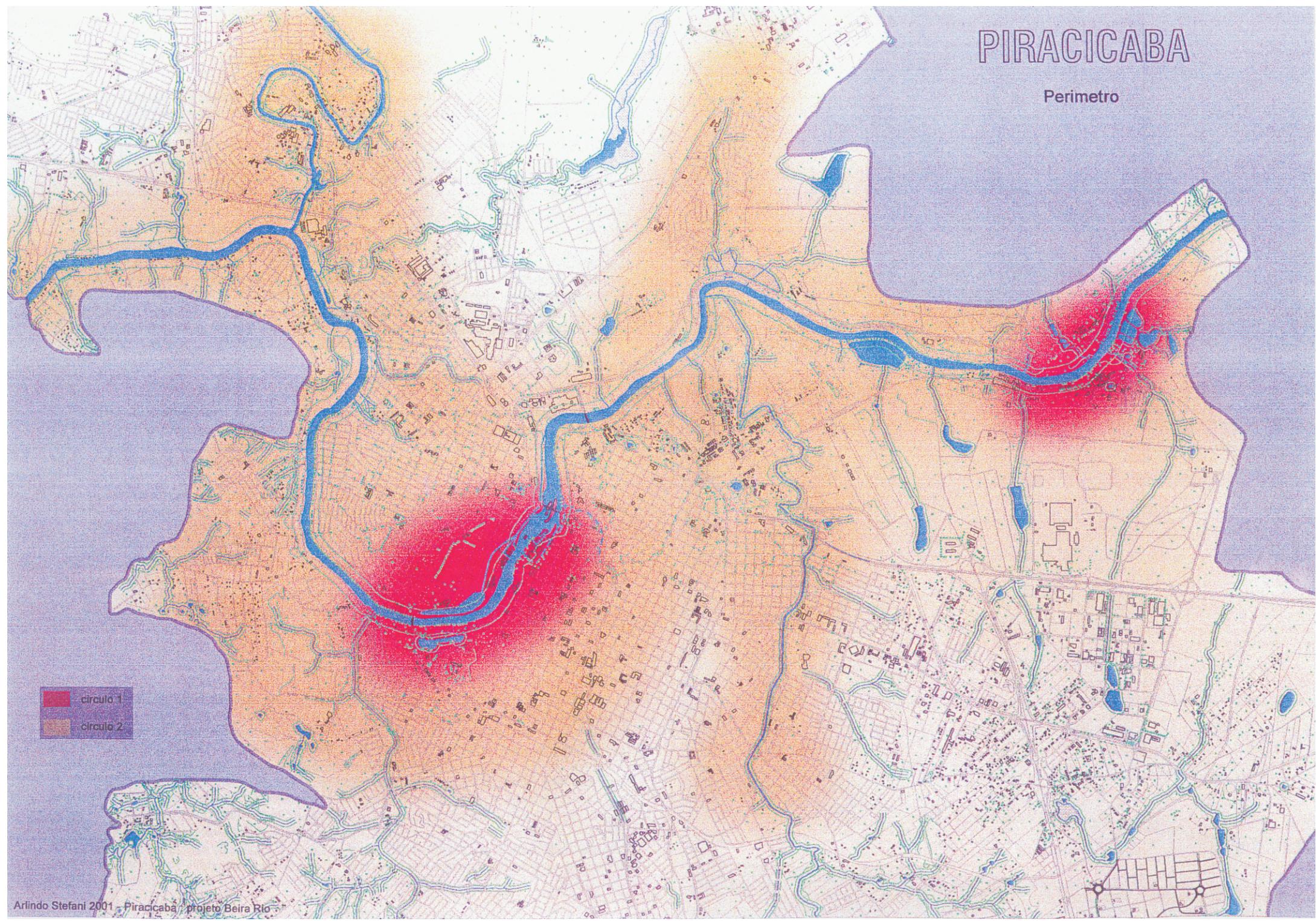
A Comissão Oficial se reuniu 18 vezes, a metade das quais em trabalho de campo ou na sede das entidades e nas comunidades.

Quadro Institucional

A comissão foi presidida pelo chefe da secretaria de Governo Dr. Alexandre Alves, secundado pelo coordenador Arlindo Stefani, e apoiada pelo Secretário Municipal de Ação Cultural, Heitor Gaudencio Júnior, pelo Secretário Municipal de Trânsito Eduardo Pacheco Giannetti e pelo Secretário de Meio Ambiente e de Planejamento Juan Sebastianes. Em conformidade com o espírito de trabalho transversal, todas as demais secretarias e serviços municipais entraram na dinâmica do diagnóstico. O secretariado da comissão foi organizado em apoio à coordenação por Vilma Romano. Toda a equipe do Engenho Central, em torno do seu diretor Diocleciano Villar participou no apoio (Fabiana e Lúcia). Inclui-se neste apoio o corpo da Guarda Florestal que participou tanto nas reuniões da comissão como nas comunidades.

PIRACICABA

Perímetro



Quadro Material e Logístico

A Comissão foi instalada na Galeria das Artes (ex- residência do diretor da Société Sucrière Brésilienne SSB). Possibilidade de projeções e de exposição de mapas sobre os muros. O secretariado foi instalado numa sala anexa.

Os equipamentos da comissão e das comunidades foram sóbrios, obedecendo ao princípio de se trabalhar com os meios disponíveis. Além da logística do transporte e de hospedagem do consultor e das equipes de campo, o secretariado dispôs de uma sala, equipada de um armário, de duas escrivaninhas, de um ramal telefônico, do acesso a um computador e fax. Em abril, o equipamento foi enriquecido de gravador, projetor e retroprojetor e de aparelho fotográfico. No desenvolvimento foi previsto uma linha direta de telefone e um computador dotado de ligação Internet. Sua instalação permitirá a criação do site cujo Home Page foi oferecido pela empresa Merconet através dos bons ofícios da Agência Torres Turismo.

Tal equipamento permitirá a ligação entre os atores das comunidades e das entidades e a constituição gradativa de uma rede de bibliotecas virtuais, conectadas com o mundo inteiro. O cérebro da rede poderá formar o embrião do Observatório do Rio, ligado aos cérebros já existentes do Engenho Central, da SEMAE, da ESALQ , do IHGP, do futuro Centro de Ciências e Tecnologia e outros. Em várias comunidades foi iniciado ou confortado o Arquivo Oral (ciência histórica inaugurada na Segunda Guerra Mundial). O transporte foi garantido pela frota da Prefeitura.

Perímetro e seus Quatro Círculos

O perímetro inicial se limitava ao trecho entre a Ponte Morato e a Ponte do Mirante, nas duas margens. Porém o perímetro evoluiu rapidamente sob a dinâmica do diagnóstico. Assim o perímetro final cobriu a totalidade do rio e seus afluentes e se abriu portas para a bacia. Por razões de viabilidade, o perímetro foi delimitado a 4 círculos a partir do Salto. (*Ver mapa n.º 1 - Perímetro*).

- O primeiro círculo comprehende o rio e suas duas beiras urbanas centrais
- O segundo círculo abrange todo o rio urbano entre Monte Alegre e Ártemis
- O terceiro círculo comprehende o rio na sua bacia municipal
- O quarto círculo passa as fronteiras do rio municipal para cobrir o rio do Consórcio

Os círculos do perímetro não são sucessivos, mas estratégicos. Assim Monte Alegre, Ártemis e o povoado de pescadores de Tancuã estão dentro do primeiro círculo associado ao bairro fluvial do centro. No segundo círculo estão os afluentes dos Corumbataí , Piracicamirim e Enxofre, associados ao corpo da cidade e do município.

Comunidades

A comunidade foi a instância de base do diagnóstico e a aliada da Comissão.

Como já foi escrito acima, ao tomarem conhecimento do diagnóstico e da nomeação da comissão oficial, várias comunidades manifestaram descontentamento, pensando que mais uma vez as <elites> estariam pensando tudo para o povo mas nada pelo povo - como dizia D. Pedro I. Aliás, se queixavam da pouca participação das comunidades na preparação e realização de projetos passados.

A primeira comunidade contatada foi a do Calçadão, pela associação de moradores e comerciantes. Sofria do impacto da construção do Calçadão e da Avenida Alidor Pecorari, 20 anos antes. Foi convidada a intervir na Comissão e participou até o final do diagnóstico. A segunda foi também da Rua do Porto, reunida na sede da Irmandade do Divino. Seguiu a de Monte Alegre, depois a de Tancuã, de Ártemis, de São Dimas Vila Boyes. Estabeleceram-se contatos com moradores da rua Luiz de Queiroz, da Travessa Maria Maniero, da Avenida Cruzeiro de Piracicaba Nova. Graças à organização do Orçamento Participativo, a dinâmica prosseguiu em contato com uma dezena de outras comunidades ribeirinhas.

Como todas as comunidades associavam o diagnóstico a projetos concretos de ação, a Comissão entrou em sinergia com os mesmos, porém na perspectiva do projeto Beira Rio como um todo. Entre os projetos assim dinamizados citamos o do Centro Comunitário Monte Alegre junto com a equipe do Instituto Memorar (Tetê Giannetti, Patricia Vidal e Beth Betting), através do Projeto Cultural "Imagens de Monte Alegre" e apoio da SEMAC; Ártemis: reabilitação da piscina de águas sulfurosas e do acesso ao Porto João Alfredo, Tancuã: construção de rampa do canal, organização de cooperativa do lixo do Pantanal, iluminação pública, espaço público etc. No nível inter-institucional e comunitário citamos: Museu da Água e Ilhas dos Amores e dos Namorados (SEMAE, ESALQ, Agência Adriano Ranzani, visitantes, turistas e moradores e operários), UNIMEP com os estudantes de Hotelaria e Turismo, Arquitetura e Administração, Cultura e da Biblioteca, outra o Instituto Histórico e Geográfico. A Rádio e TV de Piracicaba e outros órgãos da Imprensa, a CETESB também se prontificaram. Outra veio também: a associação de pescadores profissionais e guias de turismo ecológico do rio. Uma entidade sensível foi a do Centro de Reabilitação e a do Lar dos Velhinhos. A Igreja Católica. A Ordem dos Advogados do Brasil, Ordem Maçônica e de modo geral, todas as entidades participantes da Comissão vieram se juntar à dinâmica do Projeto Beira-Rio. O Bispo da Igreja Católica insistiu no rio, mais do que nas beiras.

Realização do Diagnóstico

Metodologia

Sinergia entre rio e cidade, uma relação criadora da cultura piracicabana do rio.

O consultor ilustrou com documentos experiências de diagnóstico participante de espaços urbanos, inclusive de Beira-Rio, coordenados por ele na Europa e noutro países, um deles pela Universidade Federal de Sta. Catarina. Para introduzir a realização do diagnóstico do Projeto Beira-Rio Piracicaba, propôs à comissão organizar o diagnóstico da relação entre rio e cidade, entre rio e município, exemplificado na beira, denominada interface. Pensar o rio e a cidade como variáveis do mesmo sistema. Não pensar o rio de um lado e os moradores ou a cidade de outro. Mas juntos. Assim, o rio linear e o rio com seus afluentes passou a ser considerado junto com a flora, a fauna, a terra, o ar e o habitante humano. Não pensar em termos hierarquia ontológica (o homem centro do universo) mas pensar em termos de relação, isto é de comunicação. O sistema vivo é feito de relações. Isso define também o urbanismo: uma relação de diálogo entre prédios, lotes, bairros, ligados por calçadas e ruas.

Para um trabalho coletivo, em equipe multidisciplinar e transdisciplinar, o consultor propôs um diagnóstico do rio e de suas beiras sob 5 categorias ou ângulos de visão básicos:

O rio que se conhece (cientificamente) notadamente o espaço e o ritmo do rio.

O rio que se lembra (história científica e a memória cultural)

O rio que se fez (os ciclos do desenvolvimento econômico social pelo rio)

O rio que se vive (os ritos e funções do rio)

O rio que se imagina (as representações mentais e os comportamentos) - o rio imaginário.

Nas comunidades, junto com moradores não habituados com esses conceitos, essas categorias foram chamadas de « balaios ». O balaião do rio que se lembra foi o que mais encheu. Todos os moradores, de cultura oral ou universitária conheciam perfeitamente a vivência destes conceitos. Não foi difícil ao consultor fazer a ligação entre essa vivência e os conceitos.

Porém, estas cinco categorias eram mais úteis à classificação e análise dos dados do que para a observação participante. Esta foi levada adiante pelo método monográfico. Não fariam ciência, mas preparávamos um projeto de ação sob o comando político da Prefeitura e a participação da comunidade.

Nas três primeiras reuniões de março, a comissão procurou então organizar-se em função da metodologia. Como referimos anteriormente, a comissão se ocupou primeiro da construção de conceitos. Os

membros cobriam áreas profissionais, científicas, ideológicas e culturais de rara diversidade, o que formava um elenco de grande riqueza. Além disso se alguns vinham procurar compreender, outros vinham saber o que fazer, e outros ainda queriam saber como divulgar e até festejar. E doutorandos de universidade vinham buscar temas para fazerem teses no interesse das comunidades. Era então preciso criar instrumentos comuns, aceitos por todos, conceitos transversais. Antes do mais, a comissão queria saber o que estava fazendo ali: qual era o seu estatuto.

Elaboração de Conceitos Transversais e Criação do Espírito de Equipe

As primeiras reuniões tiveram por objeto, o estatuto, os objetivos da comissão e a construção dos instrumentos conceituais fiáveis. Nas discussões, os participantes manifestaram diversas preocupações.

Uma primeira preocupação se referia à confiança. Já abordamos o assunto. Vários participantes, notadamente os que vinham pela primeira vez, expressaram claramente o receio de que a Prefeitura trazia mais uma vez um consultor com projeto já empacotado pedindo à Comissão de emitir parecer para começar os trabalhos. Foi explicado que assim não era, pois o consultor vinha trazer à comissão uma metodologia de trabalho para a elaboração de um caderno de encargos do Projeto Beira-Rio. Não tinha nenhum projeto empacotado na sua maleta. Distribuiu-se o texto da Proposta de 29 de Janeiro do consultor que expunha esse instrumento de trabalho. Em outros termos, a comissão tinha portanto como encargo de realizar o diagnóstico, redigir o relatório no qual proporiam diretrizes para o projeto. Esta seria a primeira fase. Na segunda fase, seria elaborado o plano diretor seguido de editais de apoio a projeto, endereçados aos profissionais do ramo. Os laureados seriam chamados a realizar o projeto para o qual concorreriam. Esta seria a terceira fase.

Uma segunda preocupação foi epistemológica - ciência que estuda a ciência. Discutiu-se da distinção entre ciências exatas e ciências não exatas (segundo a divisão filosófica do conhecimento definida na Europa no século 19). Não se chegou a um acordo. Além disso, a questão não interessava muito os profissionais cujo interesse era marcado por um projeto de ação. Não era portanto por ali que os membros definiriam um instrumento conceitual para procederem juntos ao diagnóstico do rio, em seus aspectos arquiteturais, ecológicos, éticos e outros.

Uma terceira preocupação se referiu ao estatuto da poesia. Complicou a discussão sobre a natureza da ciência aplicada ao beira rio. Acusado de lesa-poesia, o consultor foi convidado a redigir um texto que explicasse o que a poesia tinha a ver com o peixe, por exemplo, no planejamento de uma praça. Obviamente, a poesia não gozava de grande prestígio na visão de vários membros da comissão. Como se tratava de assunto central no diagnóstico de campo o debate prosseguiu numa segunda reunião. Tentou-se uma reabilitação da poesia e da arte, da estética, explicou-se a teoria científica da forma (Gestalt). O consultor lembrou ainda a poesia de um prédio que tinha mais toneladas de poesia que de cimento, falou ainda da cotação da imagem de marca na bolsa de valores, e ainda do papel da publicidade, da função do imaginário na venda da imagem de um candidato, etc. Porém, o consultor só convenceu os convencidos e teve a impressão de chuva no molhado. Os representantes das comunidades que não se sentiam poetas, nem artistas, não viam interesse naquele debate. Era sem dúvida importante, mas cansativo. Era preciso mudar de menu. Ir a campo, segundo o método científico experimental clássico: observar, classificar, concluir, aplicar, avaliar, corrigir, etc. Observar fatos e não mais conceitos.

Observar fatos, não conceitos

Para a responder às três preocupações, a comissão mudou de método: em vez de discutir conceitos, decidiu observar fatos. Para isto, nada melhor do que ir observar o rio ali perto e visitar suas beiras a pé. A proposição obteve consenso unânime. Evidentemente a comissão evitou de polemizar sobre a natureza científica de um fato. Isso acordaria a imensa teoria científica da percepção. Saber se o fato era fato verdadeiro ou falso, isso viria da dinâmica da pesquisa de campo, eventualmente com poesia também. Foi o

que aconteceu. A poesia veio em penca. E os fatos aos balaios. A questão agora não eram os conceitos abstratos mas o rio concreto e partilhado.

Visita ao Rio na jusante

A primeira visita coletiva foi organizada com 9 pescadores. Destinação: conhecer o rio pelo seu leito, partindo do Salto e descendo até Tancuã (40 a 60 Km). A organização levou duas semanas pondo em ação a Guarda Florestal, o Corpo de Bombeiros, a Guarda Civil. A monção foi organizada pelo representante da ACIPI, Sérgio Fortuoso. Por isso foi denominada “Monção Fortuoso”. Partiu num sábado, 17 membros da comissão, embarcados em 9 canoas. Durou 8 horas. As impressões da monção foram escritas e lidas na reunião seguinte. Insistiu-se na observação emotiva, a do turista. Dois resultados paradoxais da monção: a viagem criou a equipe e reabilitou a poesia do rio. O consultor nunca mais foi solicitado a redigir aquele texto em defesa da poesia. Aliás, entre os que mais tinham alertado sobre a intrusão da poesia se evidenciaram excelentes poetas em ato.

Nesse ínterim, foram organizadas caminhadas de observação a pé, sob a orientação do consultor, em referência ao seu método denominado Cultura Viva. A caminhada visou ao conhecimento do rio sensível (o rio que se vive e imagina). Assim desencadeamos também o diagnóstico participativo. Estudantes da UNIMEP, da ESALQ, do SESC, SENAC, UNICAMP, militantes associativos, secretários do Governo e diretores de serviços, se associaram às caminhadas. Elas abririam o caminho do encontro da comissão com as comunidades e com as instituições. Ao todo, foram realizadas 25 caminhadas em grupo de pelo menos duas pessoas. Somando-se as reuniões em sala, os passeios e caminhadas de observação, são 45 sessões.

As Cinco Etapas de Evolução do Diagnóstico Participativo

Primeira Etapa: foi a da organização em sala, discussão sobre os conceitos científicos e estéticos do diagnóstico e sobre o estatuto da comissão.

Segunda Etapa: Constituição da equipe solidária e multidisciplinar a partir da observação física do rio humano (antrópico). Redescobre-se o Porto dos Índios, a Lagoa das Almas, o local da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, o cemitério dos Índios, visita-se a Boyes, a Agência Torres, o Hotel Beira Rio, Clube de Campo, Shopping, Bongue. Projeta-se visita às nascentes do Corumbataí em Sta. Gertrudes. Começam os encontros da comissão com as comunidades de moradores e comerciantes. Estes às reuniões da comissão, como membros convidados (sempre houve uma comunidade convidada) ou como ouvintes. Participam também nas caminhadas e passeios de observação. A comissão e o projeto se tornam conhecidos pelo efeito do telefone árabe (de boca a orelha). Há participação da comissão em eventos que acontecem na beira do rio, como arrastões, festas e exposições e na vida cotidiana. O Orçamento Participativo entra em sinergia com Projeto nas comunidades.

Terceira Etapa: a comissão se reúne com as comunidades no território delas (Ártemis, Monte Alegre, Tancuã, Rua do Porto e outros). Vai reunir-se também na sede de entidades (SEMAE, IHGP, ESALQ). Intervenção de convidados, três a cinco por reuniões. Entrevistas do coordenador com personalidades: bispo diocesano, secretários municipais, autoridades da Câmara e outros, empresas e fundações, Lar dos Velhinhos, Comando da Guarda Civil e outros.

Quarta Etapa: elaboram-se projetos locais com as comunidades - Monte Alegre (Centro Comunitário e equipe do Instituto Memorar - Tetê Giannetti, Patricia Vidal e Beth Betting), Tancuã, Rua do Porto e outros. Participa-se nas reuniões do Orçamento Participativo e do Projeto Piracicaba 2010.

Quinta Etapa: elaboram-se projetos unindo entidades como ESALQ, SEMAE, Prefeitura, Comunidade local, visitantes, estudantes e professores, na realização do projeto Ilhas dos Amores e dos Namorados. Seguimento do muito sucedido projeto realizado pelos arquitetos Adriano Ranzani, Thomas Rutcher e engenheiro do SEMAE Roberto Cancelieri. Projeta-se mais um encontro com a comunidade de Tancuã num fim de semana. Nesta quinta etapa a dinâmica da pesquisa-ação do diagnóstico está em marcha.

Final do Diagnóstico

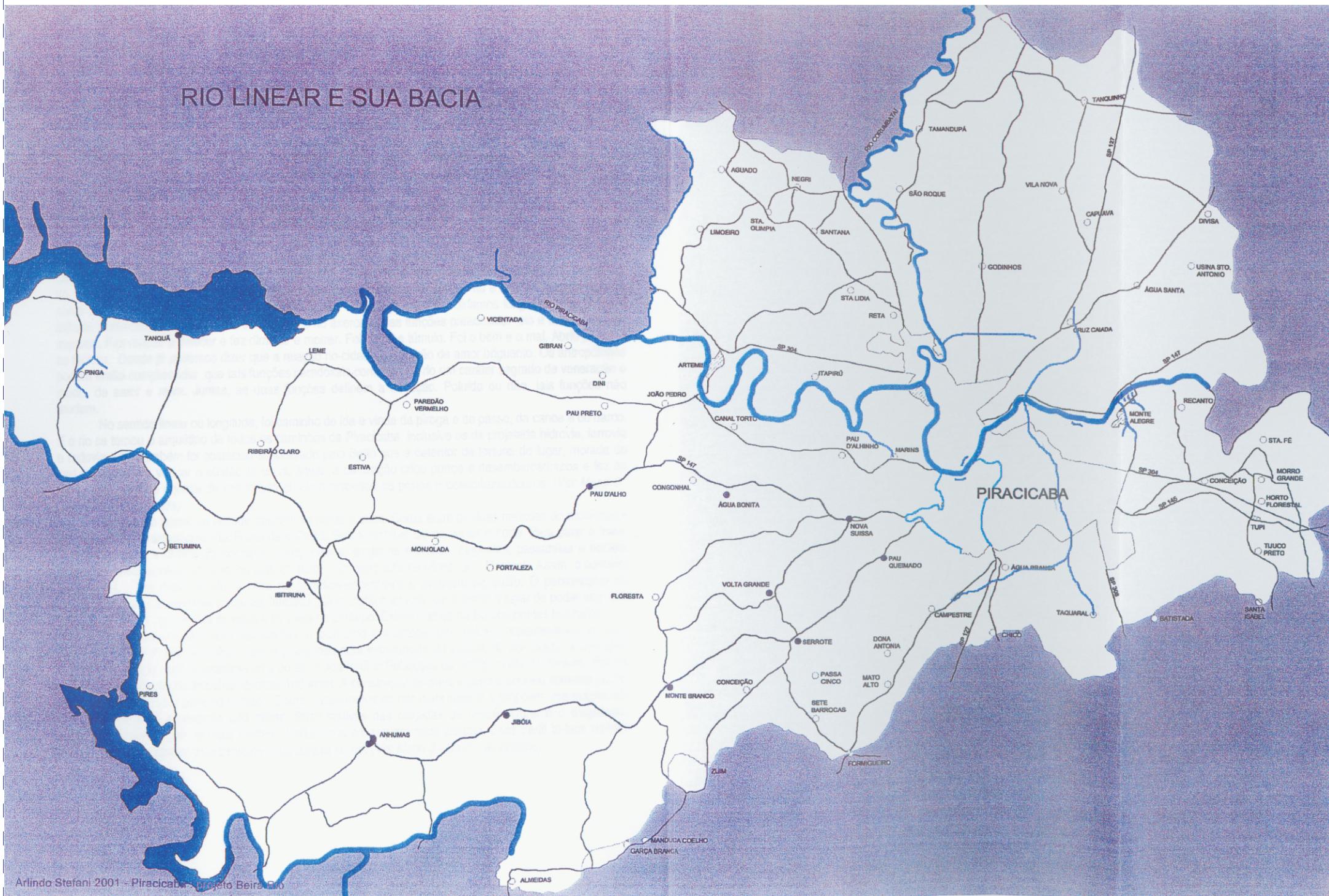
Ao termo do diagnóstico, a Comissão dispunha de soma considerável de informações: 53 horas de fitas gravadas, escritos, mapas e plantas, além das anotações de campo, sobre o leito do rio, ao longo de suas margens urbanas e municipais, inclusive no interior.

No capítulo II. são apresentadas as conclusões relativas ao estado da arte do rio, segundo as análises das informações reunidas pela comissão, pelas comunidades e pelo próprio consultor. Boa parte das conclusões é apresentada sob a forma de desenhos mapeados. Desenhados pelo consultor, foram transcritos na forma da arte por Pierre Couic, arquiteto do seu escritório em Paris e ultimamente com apoio técnico de Antônio Celso Duarte, arquiteto do SEMUPLAN-SEDEMA e Cristiano Nardon. Esses mapas tem igualmente por objetivo a restituição das informações às comunidades e ao grande público, podendo servir de instrumento para a dinâmica do projeto participante da revitalização do rio e de suas beiras e afluentes.

Além dos arquitetos, o consultor agradece o apoio técnico de Lígia Duarte do SEMUPLAN, de Juan Sebastianes, Secretário Municipal de Defesa do Meio Ambiente e Planejamento e do arquiteto Egídio Simoni, representante do CODEPAC na Comissão do Projeto Beira Rio .

O consultor sublinha a importante cooperação de Eduardo Giannetti, Secretário Municipal de Trânsito e Transportes durante o desenvolvimento do projeto e agradece em especial o apoio material para a finalização deste Relatório e a impressão dos Mapas. Agradece ainda o paciente e esmerado trabalho de Patricia Vidal e Tetê Giannetti na Revisão e Edição deste texto.

RIO LINEAR E SUA BACIA



Buscando o Espírito do Lugar

O objetivo das presentes conclusões do diagnóstico é pôr em evidência o espírito do lugar resultante da sinergia entre rio e cidade, rio e município ao longo do tempo, do espaço e do ritmo da civilização. Pretendemos pô-lo em evidência na micro escala, nos projetos « mirins » mais simples e curtos, como nos projetos de grande escala (escala « açù » ou « macro » escala) de todo o rio e bacia municipal ou urbana. Procuramo-lo através do rio que se conhece, lembra, fez, se vive e imagina.

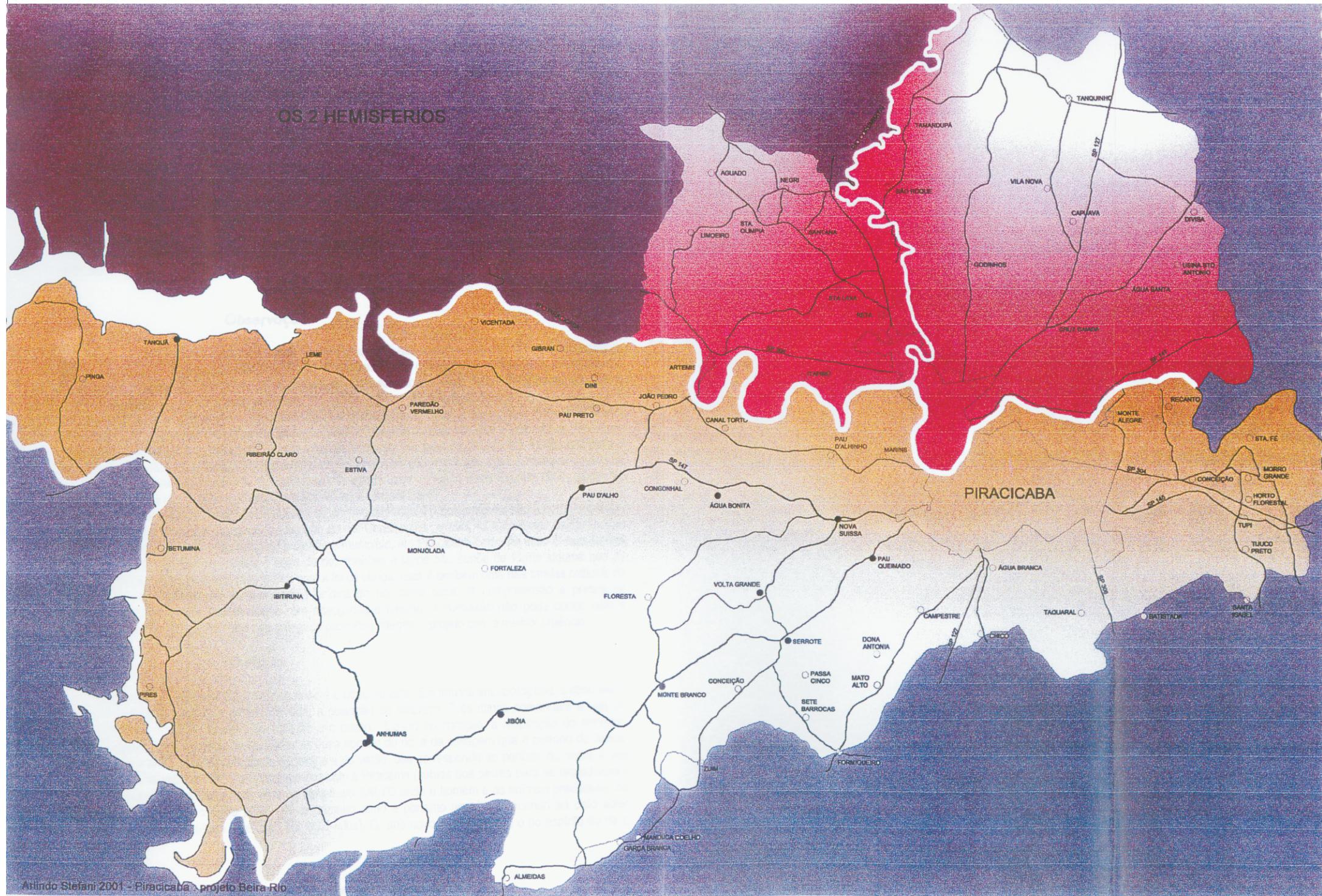
Quatro grandes linhas desenham o perfil do lugar do rio-cidade: longitude, latitude, beirada e ritmo. Quatro mapas principais ilustram essa estrutura geral, dando as coordenadas das conclusões e do Plano Diretor. Com efeito, desde o tempo imemorial até hoje, a civilização piracicabana se organizou em função do rio, de modo que se pode afirmar que foi e continua sendo uma civilização do rio e merece perfeitamente o nome de rio onde o peixe pára. Ela é cidade-rio. Em termos geográficos, diríamos longitude Este-Oeste e latitude Norte-Sul e interface. Nas três linhas, o rio exerceu duas funções paradoxais: elo e muro. Uniu e separou. Fez nascer e crescer e fez diminuir e morrer. Foi berço e túmulo. Foi o bem e o mal. Abriu portas e as fechou. Desde já podemos dizer que a relação rio-cidade foi relação de amor briguento. Os antropólogos podem então compreender que tais funções paradoxais conferem ao rio um caráter sagrado de veneração e medo, de amor e raiva. Juntas, as duas funções definem a sedução. Poluído ou não, tais funções não mudam.

No sentido linear ou longitude, foi caminho de ida e vinda da piroga e do passo, da canoa e do barco. E o rio se tornou o arquétipo de todos os caminhos de Piracicaba, inclusive os da projetada hidrovia, ferrovia e rodovia. Mas também foi obstáculo simbolizado pelo Salto que é detentor da fortuna do lugar, morada do seu espírito. Para vencer o obstáculo do rio linear, a civilização criou portos e desembarcadouros e fez do Salto uma fonte de riqueza da era industrial. O rio respeitou os portos e desembarcadouros. (*Ver Mapa 2 - Rio Linear e sua Bacia*)

No sentido lateral ou latitude também foi corda e taipa. Corda entre as duas metades do município e da cidade. Taipa separando Vila Rezende e Colina Sul, a vertente sul da vertente norte. Para pular a taipa, desde os Índios, a civilização construiu vaus, passos, jangadas e balsas, pinguelas, passarelas e pontes. Mas o rio nunca aceitou isto e levou embora tudo. (*Ver mais adiante Mapa 19 - Pontes*). Assim, o conceito de ponte é o arquétipo do elo, a obra do pontífice-ingenheiro e arquiteto da união. O personagem do pontífice das antigas religiões romanas, herdada pelos cristãos lembra que a ponte é lugar de poder sagrado, o do poder de ligação de dois mundos e também de pedágio. Existem ainda na Europa pontes habitadas.

Como corolário dos dois hemisférios, o município e a cidade são bi-faces: representando as duas faces da cara da Noiva da Colina. Esta é a segunda nota estruturante do espírito do rio-cidade. A comissão estranhou que até 1960 só existisse uma ponte: a dos Irmãos Rebouças ou antiga ponte do Mirante. Por ela passou toda a revolução industrial durante 100 anos. A construção de mais 4 pontes ocorreu somente no fim da era industrial, sob o governo Luciano Guidotti. Voltaremos ao fato mais adiante a propósito dos mapas das beiras do rio e da proposição das trilhas, filhas festivas das calçadas da cidade. Durante o diagnóstico propôs-se a construção de mais pontes. Voltaremos ao assunto mais adiante. Esse perfil bi-face definirá mais um princípio diretor do urbanismo e arquitetura do rio. (*Ver Mapa 3 - Os 2 Hemisférios*).

OS 2 HEMISFERIOS



As Beiras Legais

Mapa 4 - As Beiras Área de Preservação

A junção do rio linear com o rio lateral se realiza nas beiras. Esta é a terceira nota geral estruturante das conclusões e do Plano Diretor. Devido à sua importância, o relatório lhe atribuiu 4 mapas. Com efeito, as beiras são uma espécie de linha do equador da vida do rio Piracicaba. Da beira para o interior do município, conjuga-se a graduação das distâncias que vão do leito às cabeceiras, para o norte e para o sul. Essa graduação é também critério comercial. Aqui surge um paradoxo: As beiras são símbolos da vida vegetal, animal e humana, símbolo das duas faces da cara do rio. Ao mesmo tempo são desprezadas ou esquecidas. Entende-se por paradoxo não a contradição, mas a complementaridade de realidades em conflito. O dia e a noite são realidades opostas, porém complementares. O mesmo ocorre com o dentro e o fora de uma porta.

Observação

Como veremos nos mapas das beiras, nossa observação não comprovou a existência de uma cultura das beiras. 500 anos depois dos Índios, as beiras continuam sendo desprezadas e reduzidas à vaga noção de barranco, onde vai dar toda a miséria do mundo, um caos sem nome. Afora certas residências urbanas e rurais que ajardinaram os barrancos, por vezes com gênio, a beira não é valorizada como espaço específico. Está ausente da Rua do Porto e do Hotel Beira Rio como do Clube de Campo, Shopping e Engenho Central, usina Morganti. O Engenho Central, é por exemplo, está na beira do rio mas não vive a beira do rio. Ora, para os cientistas das ciências da natureza como para os cientistas sociais, para os paisagistas e artistas a beira é a pele da vida do rio e da cidade, o interface. A emergência do conceito e vivência das beiras parece portanto ser fenômeno recente em Piracicaba. Talvez esteja emergindo com o Projeto Beira-Rio, em 2001, depois da intuição do Prefeito que conclamou todos para ir lá vê-las e revitalizá-las.

A extensão do conceito e valorização das beiras do rio, dos ribeirões, Tijucas e lagoas são e serão o terceiro eixo estruturante e funcional da cultura ou espírito do rio. Conscientes ou não, foi e será nas beiras que se realizaram e realizarão a sinergia entre rio e cidade e município, em Piracicaba como no vale. O fato de que exista uma legislação modelo relativa à beira do rio, ribeirões e lagos não supõe de forma alguma que os cidadãos estejam conscientes da realidade à qual a lei os obriga. Esta é também uma das tarefas radicais do Projeto Beira-Rio: a formação da consciência jurídica do rio, como base da compreensão e prática da legislação do rio. Tarefa em colaboração com advogados e juristas. A comissão não pode contar com a participação constante da OAB. Mas seu delegado prometeu integrar o projeto com a melhor urgência.

O ritmo

A quarta linha do perfil geral da cidade-rio é o ritmo ou ciclo. Em termos antropológicos, o ritmo fixa o calendário e regula a vida e a partida da vida, a pulsação da natureza. Três ritmos comandam a vida do planeta humano: o sol, a pulsação do coração e o passo. Ligado ao coração, a respiração do remador. Todos os moradores e usuários do rio vivem as duas épocas do rio: a da estiagem que é período do defeso correspondente aos meses sem R (maio-agosto) e a do verão, que corresponde ao período da pesca e aos meses com R (setembro-abril). O período começa com a Piracema (subida dos peixes para se reproduzirem nas cabeceiras tendo que pular para cima na barreira SALTO onde o homem e os animais predadores os esperam no "lugar onde o peixe pára". Este primeiro ritmo é portanto anual obedecendo ao ciclo solar associado com o da Lua (Araci = de arai - sol, e Ci = lua). O ano novo de Piracicaba, o do espírito do rio é

portanto o da Piracema, no começo das chuvas de setembro. A comissão levantou este acontecimento em referência à festa do peixe, ano novo da Piracema.

Um terceiro ritmo foi notado pelos antigos ribeirinhos e pescadores, na tradição milenar dos índios: o das enchentes. Todos afinaram seus comportamentos e construções em função desta grande medida da energia vital do rio. Mas foram os cientistas (ESALQ, CETESB, Comitê) que puderam medir esse ritmo na escala « açú » do tempo. A medida maior, comandando todas as demais, é a grande enchente de 100 anos, quando o rio vai lavar os degraus Prefeitura. Mas o Barão de Rezende, Luiz de Queiroz, Morganti e a exemplo dos Índios se botaram fora do alcance do ritmo secular. Os únicos que não puderam obedecer ao batuque de 100 anos foram os moradores da rua do Porto, justamente por culpa do porto que os obrigou a morar ali, com o pé na água. Esta é a quarta linha do perfil do rio e de suas beiras. Ver *mapa das Enchentes detalhado por Luiz Antônio Martinelli (ESALQ)*.

Busca do Espírito do Lugar no Tempo

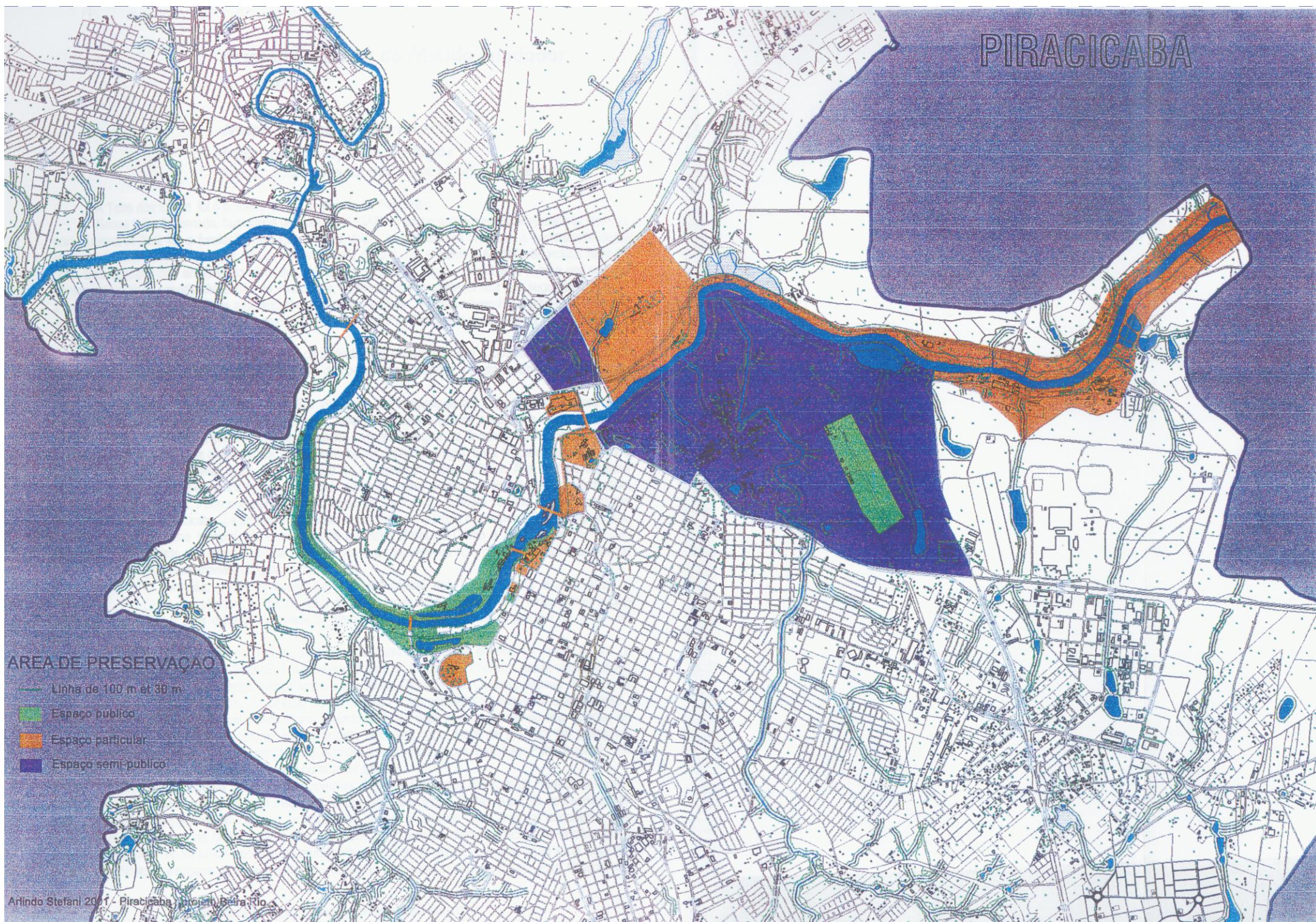
Na série de mapas a seguir, acompanharemos o espírito do lugar ao longo do tempo e do espaço do rio e de suas beiras, depois seguiremos suas pegadas ao longo dos ciclos da economia do rio que se fez onde serão lembrados os corifeus Queiroz & Boyes, Rezende e Morganti (o rio que se fez). Prosseguiremos a busca através dos ritos e usos do rio sensível, para finalizarmos as a busca no rio imaginário. Neste longo caminho concentraremos a busca dentro do perímetro do 1º círculo marcados pelos três grandes pólos urbanos do Salto.

Primeira Série de Mapas:

As cinco Viagens do Centro do Mundo de Piracicaba ao longo de 500 anos

- Centro do mundo indígena, fundadores do lugar
- Centro do mundo do primeiro povoado
- Centro do mundo do lado esquerdo: vila
- Centro do mundo da cidade alta: cidade
- Centro do mundo da Prefeitura atual.

PIRACICABA



ÁREA DE PRESERVAÇÃO

- Linha de 100 m et 30 m
- Espaço publico
- Espaço particular
- Espaço semi-publico

Primeiro Centro do Mundo Fundador a Taba

Mapa 5 - Taba : Marco zero buscando o espírito do lugar

Anterior a 1500 até muitos anos depois. Arquétipo: o peixe

A Taba dos Índios foi o primeiro centro do mundo de Piracicaba.

Nessa primeira parada, buscamos descobrir o LUGAR no tempo anterior ao da chegada dos brancos portugueses. A taba foi a fundação do lugar. Depois viriam os povoadores brancos. A importância desta memória fundamental merece que nos demoremos mais do que nas seguintes. A comissão nunca falou da taba. Esta resultou das análises do consultor. Só temos o nome do lugar - Piracicaba. A taba era um dos pontos salientes da grande civilização de Pindorama, pertencente ao continente Abli que segundo eles tinha a forma de uma tartaruga - forma arquitetural das malocas até hoje. No mapa desenhei a taba com forma de dorso de um cágado ou jabuti. Desta memória do lugar fundador de Piracicaba restam-nos 5 referências.

Porto dos Índios : visitado numa das caminhadas de observação sob a orientação de Marly T.G. Perecin. Está situado na margem direita, na altura do obelisco do povoador, a oeste do Engenho Central, na perpendicular do rio.

Lagoa (hoje assoreada) que os Índios Guarani e Payaguás teriam denominado Ciaporã (Lua Bonita). Este é ainda hoje o nome da Bica d'água, fonte contaminada que se encontra a oeste da Lagoa, fonte protegida por taipa feita pelos imigrantes africanos - escravos negros do Engenho de Rezende. Ali perto se encontra ainda um pé da emblemática ximbú ou timbó ou orelha de negro. Essa lagoa conserva talvez o arquétipo mais profundo deste lugar. Sabemos que os Guarani da tribo Carijó da Ilha de Sta. Catarina celebravam as núpcias na lua cheia (Ciaporã) refletida sobre as águas mansas do Estreito. Aquela cerimônia era chamada Mei-Imbipe. Podemos pensar que a lagoa de Ciaporã foi também cenário nupcial como em Santa Catarina. Em Piracicaba, os primeiros povoadores batizaram a lagoa chamando-a Lagoa das Almas. Cabe lembrar então uma coincidência entre Ciaporã nupcial e Noiva da Colina e Ilha dos Amores e dos Namorados. É evidente que nesta hipótese o espírito do lugar tem mecha com o amor de namorados e de noivas. *Si non vero è bene trovato*, diz o provérbio italiano.

Taba. Por dedução, podemos inferir que a TABA central dos Índios estaria situada entre a Ciaporanga e o porto das pirogas, acima da linha das enchentes, não longe de uma fonte, talvez a que alimenta hoje ainda a Bica d'água. No mapa 5, situamos o Centro do Mundo imemorial na TABA de Ciaporanga.

Sorocodeba - Cemitério dos Índios situado na margem esquerda na encosta da colina. Cobria a área alta da Boyes, Ferro Liga, SEMAE, Palacete e dali para a cidade alta. O último reduto deste imenso campo santo é o Jardim da Boyes, alias Parque Hermelinda Otoni Ferraz Queiroz, esposa de Luiz de Queiroz, nora do Barão de Limeira. O símbolo da Sorocodeba é representado no mapa por uma igaçaba - túmulo em forma de útero, no qual o defunto era sentado na forma fetal. Pode comparar-se esta posição do rito funerário indígena com a do defunto cristão deitado num leito onde descansa em paz. No passeio a Tancuã, passamos pela Ilha da Sepultura onde também foram encontradas igaçabas. Pela dimensão do cemitério podemos deduzir o tamanho da taba ou rede de tabas.

Itapuca - Gruta de pedra de inscrições rupestres. Segundo Marly, nos alicerces da Fábrica de Tecido Arethusina-Boyes, havia uma gruta com inscrições ideográficas dos Índios. Antes que Luiz de Queiroz, em 1885, a fizesse desaparecer no cimento, antropólogos tiraram decalques que hoje se encontram nos arquivos de antropologia da USP. A Biblioteca Municipal de Piracicaba deveria solicitar fac-símile. Pelos estudos das grutas rupestres do neolítico do mundo inteiro, podemos pensar que esta gruta seria lugar de culto e de iniciação indígena. A proximidade do cemitério não seria então por acaso. Esta Itapuca era

conhecida dos povoadores e do próprio Luiz de Queiroz e de seu pai e ficou nos arquivos da memória do IHGP.

Loca ou Itaoca - casa ou abrigo para fabrico de utensílios de pedra, osso e madeira ou barro. Marly a situou a leste do parque Hermelinda de Queiroz, aliás Jardim da Boyes.

Salto do Piracicaba (lugar onde o peixe pára). O topônimo devia referir-se mais ao remanso onde parava o peixe do que ao Salto. A propósito, na época o Salto não tinha ilhas, pois estas resultaram da construção dos canais na encosta da colina à beira do rio. Nem os Índios e nem os primeiros povoadores, antes de 1881, conheceram tais ilhas.

Deveríamos acrescentar outras referências da civilização Índia como a toponímia, o léxico de plantas, animais, receitas alimentares, rituais funerários, técnicas de pesca, e sobretudo a língua Guarany, uma das línguas do Nhengatú (língua dos homens) cuja gramática foi codificada por José de Anchieta e que se encontra na Biblioteca Nacional.

Este centro do mundo terá durado centenas e até milhares de anos. Com certeza perdurou muitas gerações no encontro problemático com os colonizadores europeus. Sabemos que estes acabaram submetendo a civilização Índia e reduzindo seus homens, mulheres e crianças à escravidão (préias), deportando-a para as fazendas e destruindo assim a organização e a memória social indígena. Convém lembrar que até 1750, a língua veicular do Nhengatú era mais falada do que o português em São Paulo. Pombal a proibiu sob pena de morte naquele ano.



Segundo Centro do Mundo: Povoado de N. Sra. dos Prazeres

Mapa 6. O Povoado Caipira

Arquétipo: peixe - remo - enxada e munição

01 de agosto de 1767. Substituiu a Taba. O povoado (termo que lembra a figura dos povoadores do Pindorama considerado pelos portugueses como terra de Cristo, portanto do rei de Portugal e não mais dos milhões de índios que a habitavam) era situado em torno da capela dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres, do lado Leste da Lagoa das Almas, a antiga Ciaporã, e de certo não longe do sítio da Taba. Os moradores prosseguiram utilizando o porto dos Índios e continuaram a navegação pelo rio. No mapa é indicado o Picadão de Mato Grosso, construído em 1725 e abandonado cinco anos depois e que passava pela frente da capela. Porém, a estrada para Itú e Santos prosseguiu. E outras foram construídas unindo as roças dos posseiros.

Note-se ainda que a civilização do segundo centro do mundo olha para oeste, mas não sobe o rio acima do salto. Este funciona como barreira para os peixes e para os barcos dos homens. Foi ainda nesta margem direita que o povoado foi promovido a Freguesia em 1774. No mapa conservamos os tópicos da civilização indígena a fim de ir superpondo as memórias na busca da cultura do lugar que ainda hoje está no subsolo da identidade de Piracicaba.

Este centro durou 18 anos, de 1767 a 1784. Mas de certeza continuou habitado por muitos anos formando o paleosolo (chão original) de Vila Rezende.

Memória Caipira

Neste período se desenvolveu uma outra memória social da cultura piracicabana, a caipira (caa-i-pira = floresta, rio, peixe). É falada em todo rio e nas suas orlas, como em todo o município. Essa memória é o elo entre que uniu a memória indígena e a memória do colonizador branco. Ela criou sua própria língua, seus modos de vida e de trabalho. Cf. Cecílio Elias Neto, que publicou um dicionário da língua caipira.



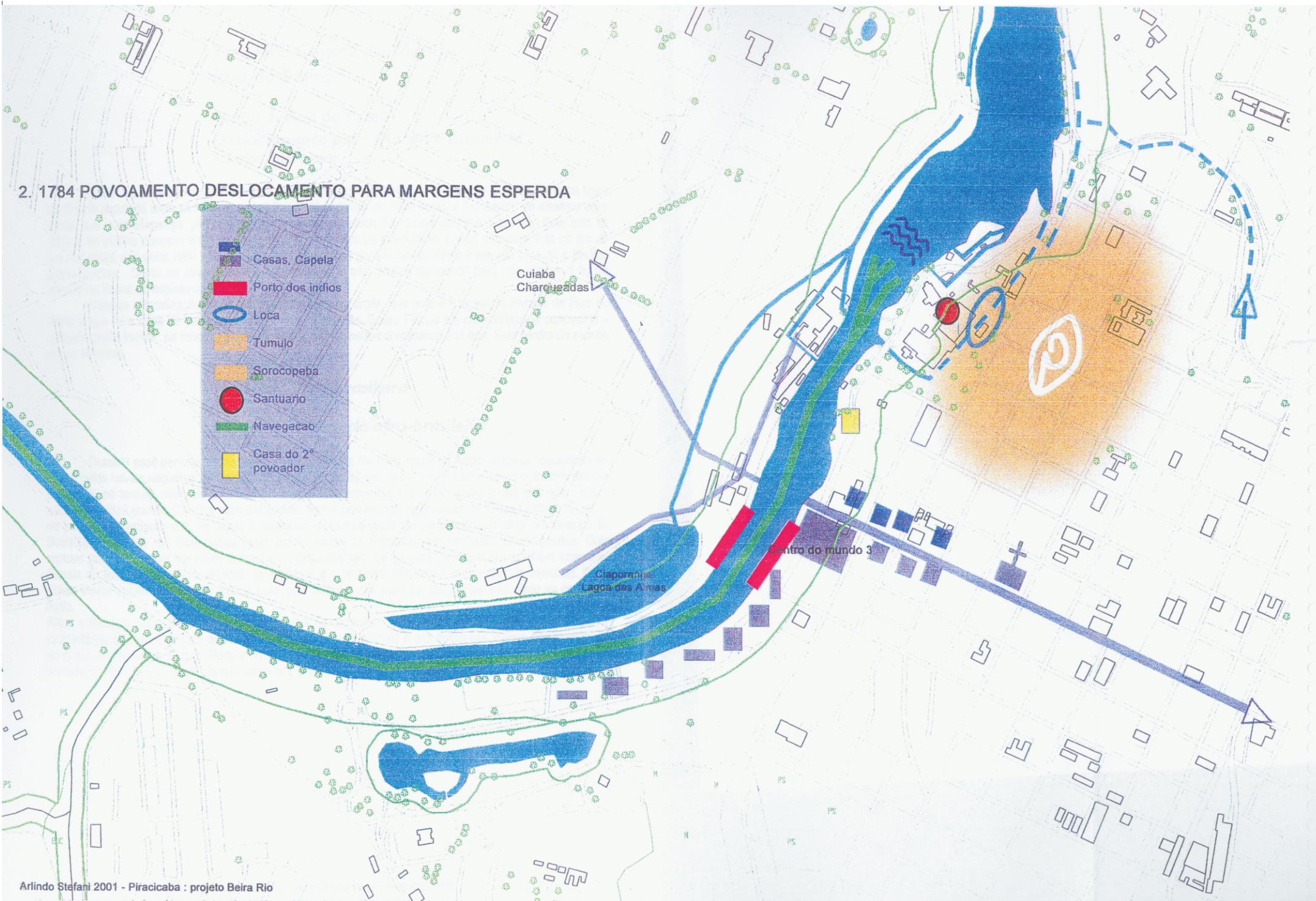
1. 1767 POVOAMENTO CAIPIRA

Cuiaba
Chaves

Caaporanga
Lagoa das Almas

Arlindo Stefani 2001 - Piracicaba : projeto Beira Rio

2. 1784 Povoamento deslocamento para margens Esperda



Terceiro Centro do Mundo Rua do Porto

Mapa 7. Rua da Praia Deslocamento para Margem Esquerda

Arquétipo: peixe e porto

1784 - a sede da Freguesia passou para a margem esquerda, onde hoje é a Rua do Porto na base da Colina reputada mais sadia para se habitar. Porém, devido ao novo porto, a Freguesia se alastrou para oeste, em zona alagadiça, pior que a dos precedentes centros do mundo indígena e branco. Este erro foi origem de muitas doenças entre as quais a endemia crônica da tuberculose que só desapareceria no fim da era industrial, nos anos 1960 - 1970. O caminho das águas para Anhembi, como a estrada para Itú e Santos prosseguiram. Como no mapa anterior, superpomos os três centros do mundo para não perder o fio da meada na busca do espírito do lugar.

Note-se a localização da Tijuca, mina de barro ou argila, que hoje é a lagoa do Parque da Rua do Porto e que foi a mina de barro para as olarias do Calçadão. Essas Tijucas era com certeza já conhecida e utilizada pelos Índios, na fabricação das igaçabas, dos utensílios domésticos e outros. Este centro do mundo durou 18 anos.

Memória Afro-Brasileira

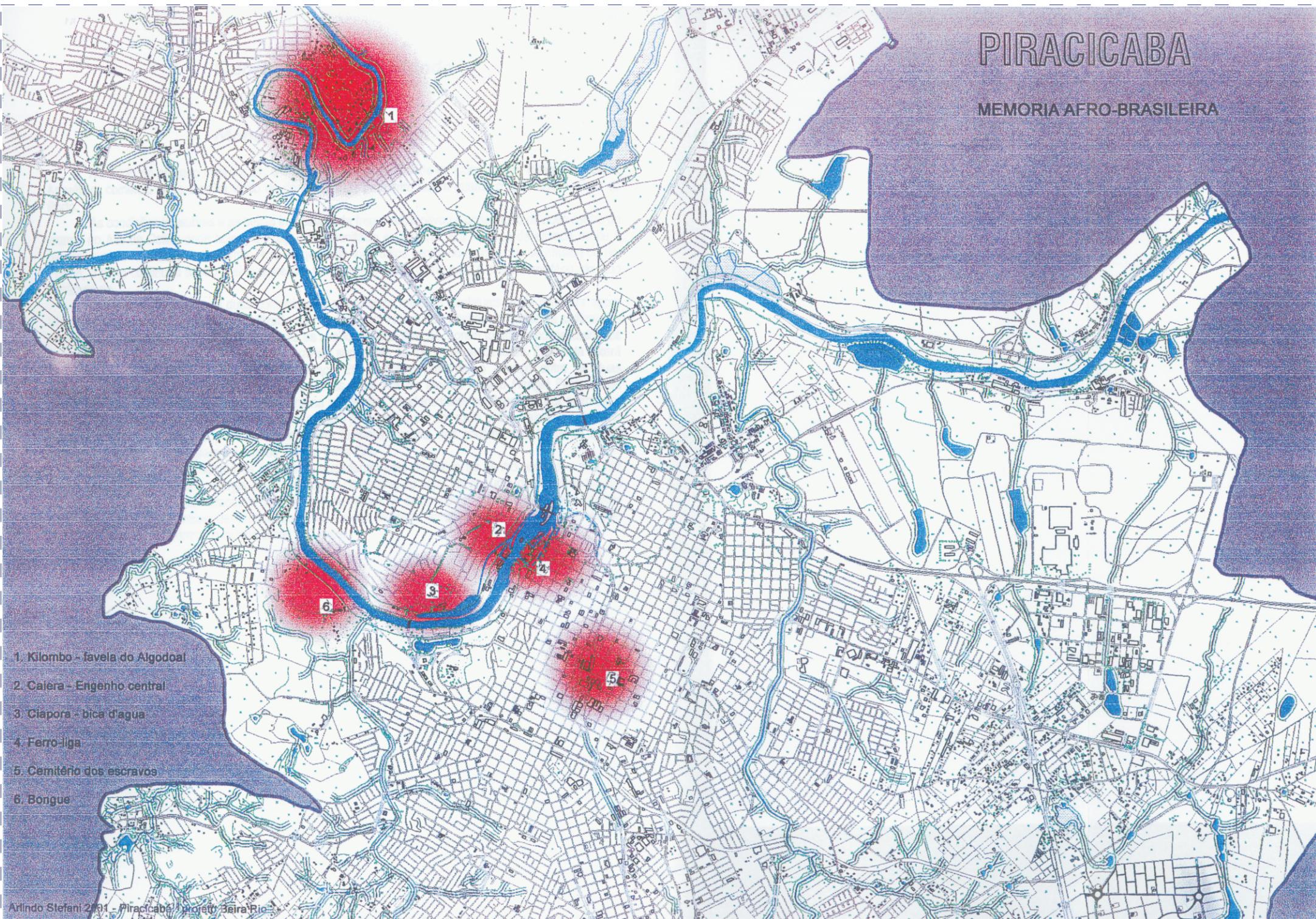
Mapa 8 – Memória afro-brasileira

Durante esse período, desenvolveu-se uma terceira memória social do negro-africano, deportado ao Brasil pelos navios negreiros (homens, mulheres e crianças) que foram escravizados como o tinham sido os índios. Essa terceira memória se misturou com as duas primeiras, porém por baixo e não pelo alto - isto é não pelas elites sociais. Criaram mais um crioulo, língua oral oriunda de dezenas de línguas africanas com a do índio e do português oral. No *Mapa 8* aparecem os tópicos desta geografia negro-africana, no contexto do Beira-Rio, segundo as observações feitas por membros da comissão, em particular pelo consultor. Dois tópicos (topos = lugar) merecem destaque: o Quilombo (em bantú significa rei, reino) também chamado Favela do lado direito do Corumbataí, no Algodoal, e o cemitério dos escravos (no sitio da catedral). Esse último tópico merece verificação aprofundada, pois seria um alto lugar simbólico a ser associado ao cemitério Índio.

Aliás, o tema da morte foi levantado seguidamente na comissão: morte humana, morte animal (matadouro e mortandade de peixes), morte dos objetos (lixo ou resíduos sólidos) e das empresas (ruínas dos engenhos, da olaria do Parque da Rua do Porto e outras). No Projeto Beira- Rio, o tema da morte deverá portanto estar presente pois é o tema central da qualidade ambiental da vida e da cultura do rio-cidade.

PIRACICABA

MEMORIA AFRO-BRASILEIRA



Quarto Centro do Mundo Altos da Colina

Mapa 9 - Altos da Colina

No início do primeiro império, 21. 04. 1821 – criação da Cidade da Constituição, futura Piracicaba. Arquétipo: comércio onde o peixe vindo do rio ainda está presente. Quem guarda o arquétipo é a rua do Porto.

As condições insalubres e as beiras inundáveis da freguesia, motivou a construção de novo centro do mundo no Alto da Colina onde hoje é a Praça José Bonifácio e Catedral. Era no topo da estrada de Itú e Santos, a atual Rua Moraes de Barros. Note-se que este foi o único centro do mundo que se afastou do rio. Porém, o porto continuou sendo o eixo comercial tanto para o oeste como para o outro hemisfério, do lado direito do rio.

Durante muito tempo, as duas comunidades mantiveram relações conflituais, a de cima era agora Cidade. Considerava-se mais rica e civilizada que a de baixo. No mundo inteiro, em todas as civilizações urbanas, os pescadores como os técnicos forma os símbolos da civilização, porém foram menosprezados. Já entre os Índios, as tribos caçadoras se consideravam superiores às tribos de pescadores. Esta nota estará presente no mapa social da rua do Porto (*Mapa 29*). Progressivamente, o espaço entre as duas comunidades, ao longo da estrada Moraes de Barros e da rua do Morrão (atual Rangel Pestana) se encheram de casas, unido as duas localidades numa só. Porém, as identidades continuaram. Por outro lado, a cidade já possuía território rural com o qual foi preciso proteger-se por um rocio (muro, taipa ou coisa que valha). Foi o que a comissão pode ver na maquete histórica exposta nas conferências feitas no IHGP. Documento de imenso valor para o futuro do Projeto Beira-Rio.

Sublinhemos o fato de que os centros se sucederam pelo desprezo do centro anterior e não por acumulação ou assimilação e sinergia. Este fato trágico do espírito do lugar vai ser uma das maiores tarefas do Projeto Beira-Rio: a reconciliação e sinergia das memórias. A superposição das 4 civilizações ou eras salienta o enorme desperdício de informação. A civilização Indígena tinha raízes profundas e conseguiu brotar até hoje. Este 4º centro do mundo durou 150 anos.

3. 1821 CENTRO DO MUNDO 4



Cuiaba
Charqueadas

Claporanga
Lagoa das Almas

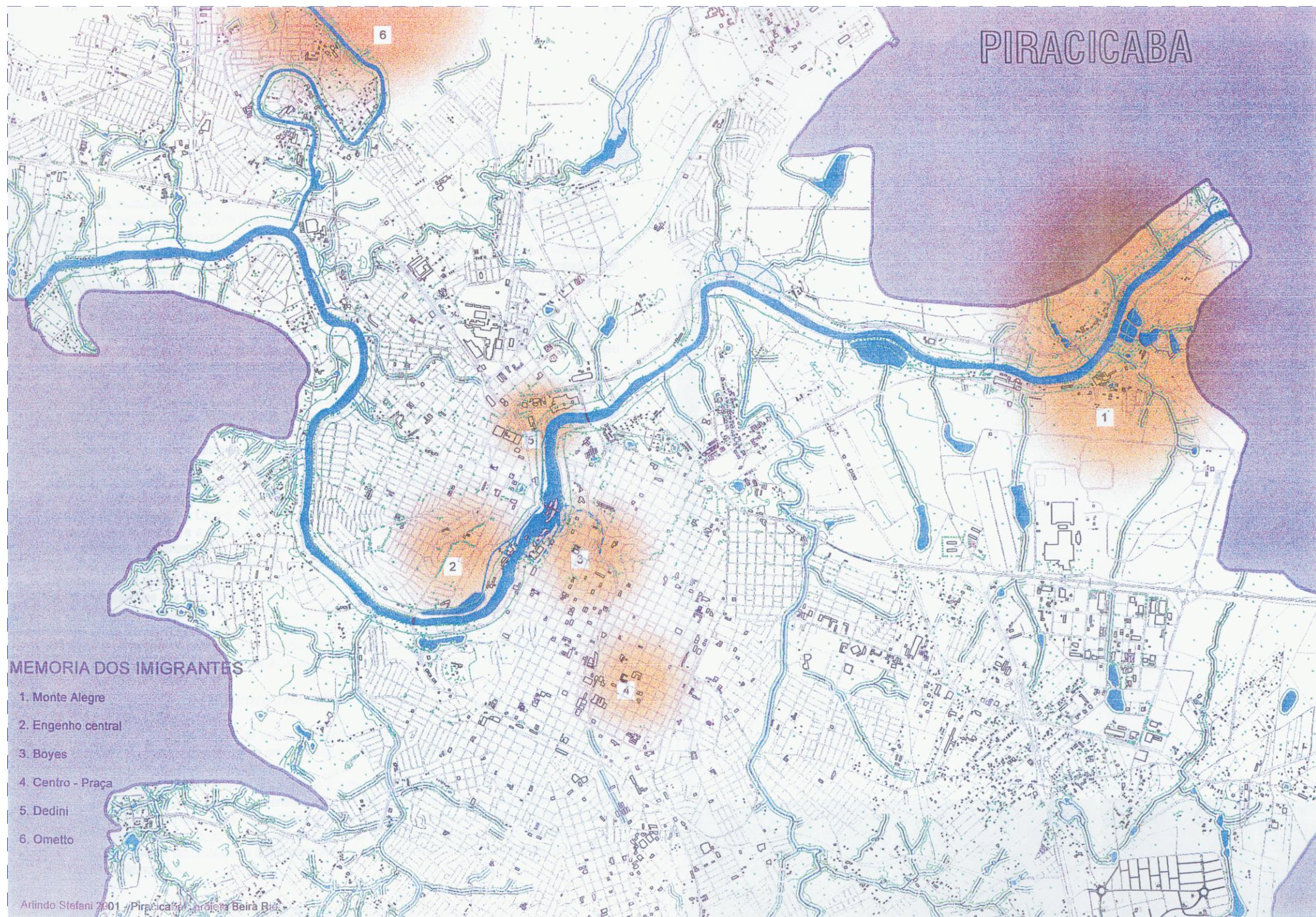
Centro do mundo 4

Memória Colona ou Imigrante

Mapa 10 – Memória dos Imigrantes

Durante esse tempo, apareceu uma quarta memória: a do imigrante europeu (italiano, espanhol, francês, alemão) e oriental (sírio-libanês, egípcio, hindus, chineses). No mapa 10 situamos os tópicos marcantes desta memória, em particular italiana. Seu ponto mais forte foi situado em Monte Alegre.

PIRACICABA



Quinto Centro do Mundo a Prefeitura Atual

Mapa II - A Prefeitura Atual Resumo das Viagens do Centro do Mundo

Arquétipo: o peixe sublimado pela cultura.

Esta mudança ocorreu em 1988, sob o mandato de Adilson Maluf. Era depois do colapso do Engenho Central e quase no fim da Usina de Monte Alegre. O mapa 11 resume as cinco viagens do centro do mundo ou do poder institucional de Piracicaba.

A taba que no local durou muitíssimas gerações. Somente análises de documentos extraídos de escavações controladas, combinando dezenas de disciplinas científicas poderia datar com alta probabilidade a civilização indígena de Piracicaba neste lugar. Aliás, seria preciso também verificar a existência da taba no lugar indicado pela proposição deste relatório.

A partir do povoado de 1767, possuímos certeza histórica dos fatos. A passagem de um centro para outro ocorreu evidentemente num só dia. Porém a transferência efetiva do poder simbólico sempre durou vários anos. Atualmente ainda, o poder do centro urbano da Praça José Bonifácio continua forte. Por seu lado, o Centro Cívico está ainda em formação, inacabado.

Sublinhe-se o RETORNO do Centro do Mundo para a beira do Rio. Mas ao mesmo tempo, a mudança de escala: o quinto e último centro engloba da Rua do Porto e os centros primordiais do lado direito e puxa a cidade para Oeste. Pelo efeito de irradiação, o quinto centro relativiza o da Colina. Nesta viagem não conhecemos o território total da civilização Índia de Piracicaba. Notamos que à medida dos deslocamentos, o território branco se expande, sendo que hoje está fora do corpo da cidade, como o fruto do caju. Observamos que o centro no alto da colina se afastou do rio. Enfim, notemos também o crescimento da colina gêmea hoje denominada Vila Rezende cujo território engloba a taba e o segundo centro do mundo.

O Salto permanece o elo de ligação entre as duas meia-cidades. Mas a Lagoa das Almas e o cemitério indígena, como a Loca e a Itapuca sagrada foram abandonadas. Foram também abandonados o primeiro povoado branco e a antiga freguesia da Rua do Porto. Isto demonstra mais uma vez que houve superposição e não sinergia das eras entre si. Se houve sinergia, esta foi a da língua, sobretudo a toponímia, a tecnologia da pesca, as alianças do sangue pelos casamentos de direito ou de fato. Porém, o rio continua sendo o guarda e o testemunha maior de todas as eras: o caminho das civilizações. Porém o 5º centro criou estradas por terra e por ar.

O espírito do lugar é o da continuidade da viagem do centro de mundo urbano. Veremos agora a mesma continuidade, embora com rupturas violentas, na evolução do rio que se fez ao longo dos ciclos da economia e da sociedade de Piracicaba. Demoraremos no ciclo sócio-industrial do qual somos os herdeiros diretos. Este quinto centro do mundo está durando 25 anos, partindo-se da data de 1976.

Quinta Memória : Industrial

Durante esta última viagem do centro do mundo, surgiu uma quinta memória: a industrial que se afirmou depois da desativação do fim da era industrial do Beira-Rio (Engenho Central, Arethusina e Boyes, Usina Hidráulica, Ferro-Liga e Monte Alegre).

Uma dimensão fundamental desta memória é a da vida operária que se desenvolveu durante 100 anos e cujos testemunhas ainda vivem e entraram em contato com a comissão e participaram nos grupos das comunidades ribeirinhas. Ligada a essa dimensão da cultura oral do engenho (engenhos e fábrica, olaria) está a memória da navegação, do trem, do bonde, da carroça e aranha (ainda em uso) e do caminhão.

Evidentemente, faz parte desta quinta memória o salto, o rio e seus canais, formadores das Ilhas dos Amores e dos Namorados.

O Risco das cinco amnésias de Piracicaba

As cinco memórias associadas às viagens do centro do mundo, suscitaron emoção nas comunidades e entre os membros da comissão. Distinguiram história (fatos verificados e documentados) e memória (lembraça vivenciada ou cultura, fonte dos valores e da ética que acaba no direito positivo ou escrito).

Porém, tornou-se também evidente que Piracicaba enfrenta o desafio da reconciliação e valorização das suas cinco memórias. Corre o risco do esquecimento ou amnésia o que a faria perder a lembraça da sua relação com o rio. Segundo a tradição da antiga Grécia, quando os deuses queriam castigar os homens, os faziam esquecer. Este olvido levava os homens à loucura pois não sabiam mais o que eram e nem reconheciam mais nada e nem ninguém. Aliás, no Hades, as almas dos defuntos deles eram condenadas a beber do rio Styx que as faziam esquecer. Portanto, segundo essa tradição, o esquecimento coletivo é maldição que tornaria Piracicaba louca.

5 VIAGENS DO CENTRO DO MUNDO

- 0. -1500. Índios
- 1. 1767 Povoado
- 2. 1784 Vila
- 3. 1821 Cidade
- 4. 1976 Prefeitura

0

1

2

3

Gericinó
Lagoa das Almas

Memória da Revolução Industrial 1881 - 1979

O Salto entra em cena

Este segundo ciclo de mapas é consagrado à memória do rio que se fez. Buscamos agora o espirito do rio-cidade no Salto. Uma revolução de 100 anos se desencadeia entre 1881 e 1979. Do rio que alimenta com seu peixe passamos para o rio que fornece energia. O motor econômico é agora o rio do salto, não mais o rio do vai e vem imemorial. Não é mais o peixe, mas a energia que dinamiza o desenvolvimento e reordena a sociedade. Então renovo aqui a síntese da apresentação que fiz ao prefeito no preâmbulo deste relatório.

O índio veio aonde o peixe pára.
 O industrial veio aonde o peixe pula.
 Nós vamos aonde o rio espera.
 O peixe criou o índio.
 O Salto criou o industrial.
 O rio conosco cria Piracicaba.

Os Três Ciclos que Geraram o Espírito do Lugar

A relação rio-homem-rio deu nascimento ao espírito do lugar. Este percorreu três grandes ciclos econômico-sociais e ambientais para nos introduzir no atual.

O ciclo do índio, do colonizador, do povoador compreende a época imemorial até o momento em que Rezende e Queiroz se aproximam do Salto. Ali descobrem que o rio é energia além de ser peixe. Começa então a era industrial, filha do Salto.

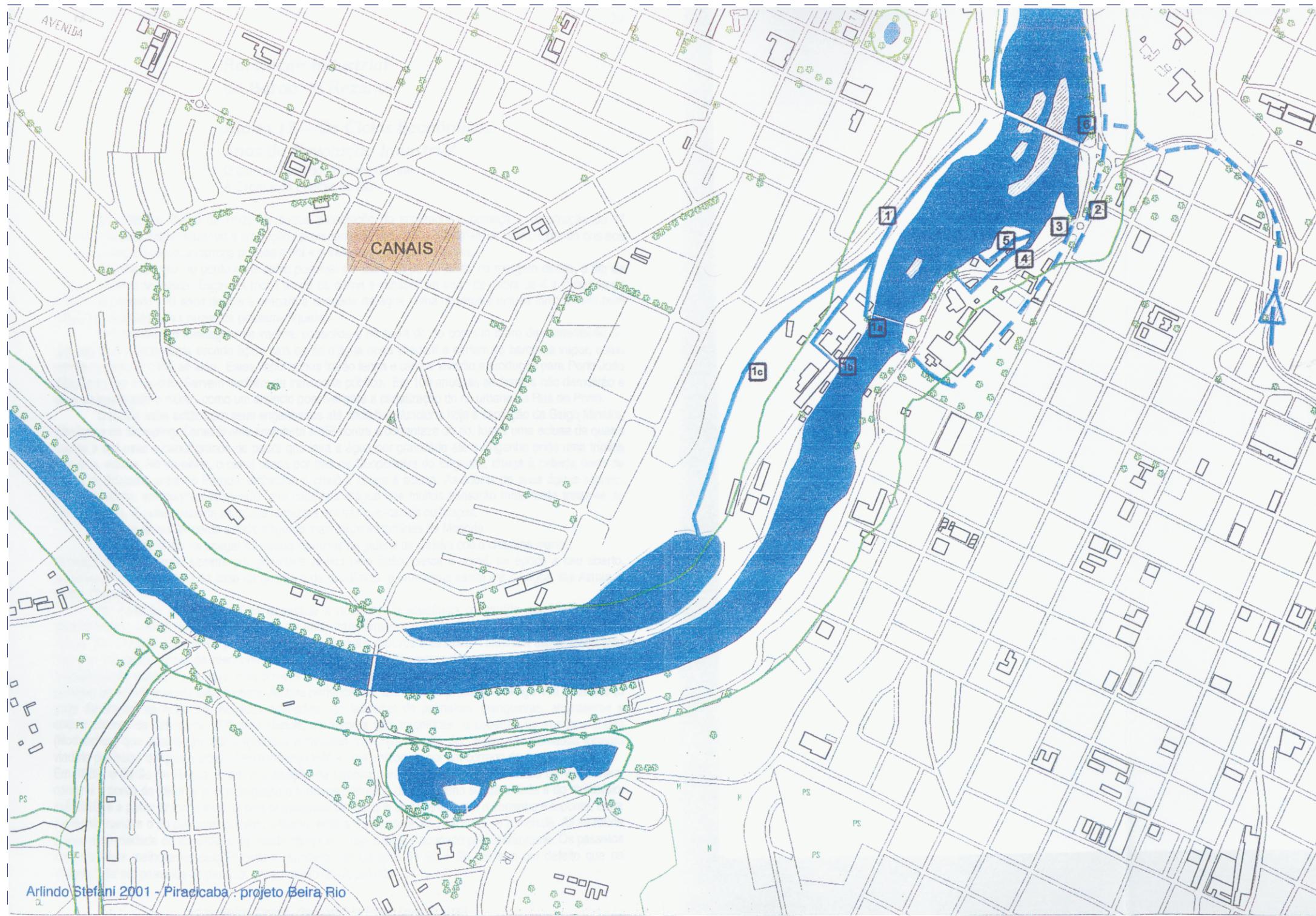
O ciclo industrial dura 100 anos. Começa com o primeiro golpe de picareta e termina com o giro da chave fechando o Engenho Central. Ainda prossegue na margem esquerda, esmorecendo lentamente.

O ciclo da informação começa naquele giro de chave que se repete 5 anos depois em Monte Alegre. Dos três ciclos, somos os primeiros a não jogar fora o passado, pois o integramos na memória do futuro. Enfim começamos seriamente a fazê-lo desde o grito do prefeito em 1989. Fazendo isto, acordamos a memória de todos os ciclos passados, desde o índio até o Elias do Boneco - paradigma de nós todos. A ele vem se juntar o Visitante, nosso novo industrial da cultura do turismo (foi apresentado no preâmbulo deste relatório).

Os Canais do Salto

Mapa 12 – Canais

A conclusão do diagnóstico focaliza os 7 canais como o nó vital do lugar industrial denominado Salto. Pelos canais corre a energia da era industrial: hidráulica e depois hidroelétrica. Em várias caminhadas e passeios, membros da comissão visitam os canais. Pessoalmente, visitei-os todos. Foi uma expedição de bandeirantes pois os canais dormem agora em mata ciliar densa que a natureza fez crescer. A Prefeitura junto com a ESALQ e amigos do rio ajudaram a mata a crescer. Isto ocorreu na Pedreira do Bongue, na Rua do Porto e Calçadão, na beira ao longo da Avenida Renato Wagner ou Bandeirantes e no Parque do Mirante. Mas os canais de 100 anos continuam dormindo esperando que os acordemos.



Arlindo Stefani 2001 - Piracicaba : projeto Beira Rio

Revolução Industrial do Barão de Rezende

Mapa 13 – Os Ciclos Econômicos Anos de Revolução Industrial

O grande Canal do Engenho Central
A Captura da Energia do Rio

Em 1881, o Barão de Rezende segue proposição do imperador e começa a construção do 1º Engenho Central, especializando a produção - produtores de um lado e industriais de outro. Ligando uns aos outros, o trem e o barco, a carroça puxada a boi e o trem vivo da tropa de mulas.

Escolhe o lugar no ponto mais baixo possível da colina ao pé do Salto, na margem direita, a fim de obter o máximo de queda. Escava a rocha ao pé da colina e constrói um muro de pedra de 4 a 7 metros de altura que persiste 100 anos depois e prepara a chegada da água numa quádrupla eclusa também em bom estado e protegida pelas raízes de possante figueira.

Empreende terraplanagem da várzea, consolida-a na beira do rio com um muro de sustentação do Cais do Porto. Uma dupla escada liga o cais ao fio d'água onde chegam e partem os barcos a vapor, como vemos na foto de 1904 ao lado. Estes vaporzinhos trarão lenha e cana e levarão a produção para Porto João Alfredo e para o mundo. Servem também de transporte público. Em 100 anos, as enchentes não demolirão e nem ultrapassarão o muro - como um anúncio possível para a canalização do rio urbano da Rua do Porto.

O Barão sobe então com seus engenheiros até onde hoje funciona hoje a captação da Belgo Mineira, não longe do Shopping. Constrói uma espinheta a 45º contra a correnteza do rio, forma uma eclusa de quatro portas e dali cava o canal grande de pedra que leva a água por gravidade até o Engenho onde uma tríplice eclusa a recebe. No caminho, o canal passa por trás da Cooperativa do Engenho, chega à cabeça norte da Ponte do Mirante, entra no Parque, embeleza o chalé e chega à eclusa. As sobras de suas águas escoam pela cascatinha em degraus formando uma cabeleira d'água que muitos pensarão mais tarde tratar-se do Véu da Noiva. A eclusa reparte as águas restantes em três sub-canais ou braços.

O braço do sul alimenta a roda d'água e mais tarde as turbinas da Moenda.

O braço do meio vai apagar as brasas reunidas na galeria da Caieira sob a chaminé menor.

O braço do norte segue sempre por gravidade regida pelo Salto, passa o portal, na época a céu aberto, continua pelo lado de cima da casa da guarda e da residência e prossegue assim até a Lagoa das Almas, a antiga Ciaporã.

No meio do bosque social de qualidade a noroeste da residência construída em 1937, o canal encontra nova eclusa (ainda está lá perto do atual transformador à beira da rua Lázaro Sampaio). Ali as águas são redistribuídas para o pomar e jardim, as piscinas, repuxos e tanques. Terminam alimentando lado oeste do engenho antes de reencontrarem o rio a uns 20 ou 30 metros do antigo porto dos Índios - que também ainda existe. No bosque, dois bueiros em arco romano, ambos em bom estado, cruzam o canal: o primeiro na eclusa e outro mais a oeste. Ambos pertencem à alameda de prestígio que liga Vila Rezende (o paço do Barão) ao engenho. As duas alamedas são ladeadas de palmeiras, mangueiras, abacateiros e outras árvores de alto porte. 100 anos depois, as árvores são magníficas e cobertas de imensos imbés (filodendros) que suscitaram admiração dos jardineiros mais requintados. Ao descer, as alamedas formam viaduto por baixo do qual passa o trenzinho cujo leito é hoje percorrido por um córrego de águas limpas. Em 1882, o Barão de Rezende, em substituição da terceira ponte de madeira no remanso do Vai e Vem, constrói a ponte do Mirante por onde passa o trem, os operários do hemisfério sul da cidade e do município. Até 1960, é a ponte única unindo os dois hemisférios. No bosque do Mirante entre o engenho e a ponte, entre o grande canal e o rio defronte ao Salto, o Barão edifica o belvedere nas sacadas de um chalé. Ali se reúne a nata da sociedade do engenho e da cidade da época. Hoje o local é ocupado pelo restaurante. Os passeios restaurados e melhorados pela Prefeitura Humberto de Campos de 96 a 99 só tem um defeito que os impedem de ser passeios do paraíso: o mau cheiro do rio poluído.

Pela observação do lugar, durante o diagnóstico, anotamos a escrita de quatro idades do engenho ao longo de 100 anos.

A idade do Barão de Rezende, 1881 a 1899, que utilizou a energia hidráulica propiciada pelo canal. Pela foto de 1904, nota-se que a grande moenda era encimada por um tambor, dotado de respiradouro.

A primeira idade dos franceses de la Compagnie Sucrière Brésilienne SSB, de 1899 a 1937.

A segunda idade dos franceses, de 1937 a 1970, idade áurea durante a qual foi o maior engenho do Brasil.

A quarta idade foi a de Silva Gordo, de 1970 a 1974, ano da desativação do Engenho.

O Mapa 13 apresenta o maior trecho do grande canal e seus três sub-canais. As águas correm ainda até as escusas donde são despejadas pelo falso Véu da Noiva.

A linha verde do mapa, de ambos os lados do rio, corresponde à delimitação da área de preservação permanente fixada por lei federal. Ela é de 100 metros de ambos os lados a partir dos rios que são todos federais, e são de 30 metros para os ribeirões e lagoas que são todos municipais.

O espaço azul do lado esquerdo é a Tijuca ou pântano que foi desde os índios mina de barro e depois matéria prima da olaria cujas torres marcam ainda hoje o espírito do lugar. Este espaço no coração do Parque da Rua do Porto, em frente da Prefeitura, é atualmente área de esporte aquático. A simetria das duas chaminés do Calçadão e as duas chaminés do Engenho Central coroadas pelas 4 palmeiras imperiais da linha do céu (sky line) sugere o caráter bi-face da cidade de dois hemisférios. Esta simetria constitui mais um dos princípios diretores da reurbanização do Beira-Rio central.

Oito Notas Emergem das Observações do Diagnóstico do Engenho

Ressonância Territorial

A primeira se refere à imensa rede de ressonância do Engenho Central na cidade e no município graças ao trenzinho (bitola estreita). O trenzinho entrava pelo oeste, na baixada. Na altura da Bica d'água de Ciaporã, a linha bifurcava: a de baixo passava entre a lagoa e o rio, entrava no engenho por dois terminais, um deles ia para a moenda, o outro parava na casa de direção onde hoje está o bondinho. A segunda linha partia da Bica d'água para o norte, passava pela Esterqueira, ali recolhia os estrume dos cavalos e acompanhava o canal de cima até encontrar a linha do engenho onde hoje é o portal. Continuava pela estrada de pedra pelo vale em contrabaixo da Travessa Maria Maniero e prosseguia até a Ponte do Mirante onde encontrava a linha Sorocabana que vinha de São Paulo. E dali para as fazendas.

Ressonância Social

Outra nota é a ressonância social: o engenho fazia trabalhar o município e a cidade. Sua produção ia para o mundo inteiro. A SSB era uma multinacional. Portanto, em ressonância com a arquitetura tanto apreciada e da sua tecnologia, outra arquitetura social invisível que organizava a vida de milhares de operários e de operárias, durante 100 anos (5 gerações). Sua sirena ritmava a cidade à beira do rio, como suas chaminés organizavam a paisagem fluvial, em contraponto (simetria dos dois hemisférios ainda uma vez) as chaminés da Olaria da Tijuca da Rua do Porto em face. Essa arquitetura invisível, já enunciada na memória do 5º centro do mundo, se impõe como marca social do espírito do Engenho Central. Ele poderá inspirar as futuras festas das Nações e outros macro-eventos do Engenho Central.

Hecatombe

A terceira nota é a da dupla hecatombe: a da mortandade dos peixes pelo vinhoto do Engenho Central e a da falência de 1974. Pouco se falou desta última, talvez por pudor. Note-se que o mesmo silêncio ocorreu na desativação da usina de Monte Alegre. Este é um dos aspectos trágicos do espírito do lugar que tem repugnância em lembrar os sofrimentos, a fim de somente conservar o idílio e sublimá-lo, como se fez com os heróis da guerra-espetáculo. Nem eu e nem os outros membros da comissão soubemos da reação sindical operária da época.

Ambiental

A quarta nota é ambiental: a mata ciliar e o bosque do Engenho Central se tornaram magníficos, suscitando emoção estética que encantaria os melhores jardineiros do mundo.

Superposição de Memórias

A quinta nota é a superposição dos lugares e épocas e ali veríamos o paleosolo dos índios, dos povoadores e a grande coreografia dos trabalhadores humanos, animais e dos objetos. O fruto disso tudo - o açúcar e álcool - esconde ainda hoje essa epopéia das mãos, do remo e do passo dos animais. Nem Rezende e nem os franceses conservaram a herança física da memória Indígena (Ciaporanga, Porto) e muito menos da Memória Negra (Rezende era escravagista convicto). Esse comportamento fazia parte da cultura do Engenho Central com empresa.

Áreas de Lazer para Elite

Restam vestígios esplêndidos das áreas de lazer da alta sociedade do Engenho Central (Belvedere bosque de prestígio). Mas não foram observados vestígios visíveis de áreas de lazer para o povo operário do Engenho. A metamorfose recente (12 anos) do Engenho em território de Festa seria então uma revolução simbólica na tradição do espírito popular do lugar. Estas festas não possuem memória ancestral da era do Engenho Vivo.

O Engenho e o Rio

O Engenho esteve por 100 anos na beira do rio e ali continua. Porém hoje não tem sinergia com o rio do qual se protege com alambreado, quando ali tinha o seu porto desde 1881. Com certeza, o rio ali é perigoso e a SEMA multiplica os cartazes de advertência. Porém a luva do desafio do rio ao engenho continua jogada esperando quem a ajunte para brigar de amor com o rio. O Vai-Vem afogou muita gente.

Sociedade Aberta, porém vertical

O Engenho Central foi uma sociedade aberta, fusionou com a cidade em volta. Ao contrário do que fez Morganti em Monte Alegre. Porém, como a Usina de Monte Alegre, o Engenho Central era organizado segundo a estrutura piramidal íngreme de uma sociedade vertical severa. Nisto os franceses guardaram a tradição aristocrática ou monarquista de Rezende. Luiz de Queiroz achou a pirâmide que virou bola.

***Revolução Industrial
de Luiz de Queiroz
1885-1898***

Mapa 13 – Os Ciclos Econômicos

Anos de Revolução Industrial

Fábrica de tecidos Arethusina de Luiz de Queiroz & Boyes:

segunda filha do Salto

Os três canais de Luiz de Queiroz

Quase ao mesmo tempo e em simetria com a iniciativa do Barão de Rezende, Luiz de Queiroz, filho do Barão de Limeira, constrói ou amplia a Fábrica Arethusina de Dona Francisca. O que mais nos interessa no diagnóstico é a filiação desta grande obra industrial ao Salto, graças aos canais. Estes são mais curtos que os do Barão de Rezende, porém mais numerosos e com ressonância urbana e política muito maior.

A fábrica está situada no ponto mais baixo da colina do lado esquerdo do Salto. Porém, como este fica relativamente longe e inclinado numa curva do rio para o norte, Luiz de Queiroz faz vários cortes na base da colina cujo pé compreende na época as atuais ilhas dos Namorados e dos Amores. Durante o diagnóstico, não conseguimos saber se a embocadura de origem do rio Itapeva era lá onde hoje se despeja ou mais para baixo perto do salto ou até na enseada abaixo do atual Museu da Água. Nessa última hipótese, a ilha dos Namorados, mais alta, foi originariamente uma espécie de cabo que separava o rio e o ribeirão Itapeva que ia se despejar no Salto. Aliás, o Salto despeja as águas enviesado, a 45º a norte da corrente do rio, como se a colina sul o empurrasse durante séculos contra a colina norte. Esse pormenor é de importância para os urbanistas e paisagistas que deverão, como nós, procurar a linha de origem das duas colinas, as anteriores ao corte dos canais. Seja como for, Luiz de Queiroz escava três canais diferentes.

O primeiro canal busca a água do Itapeva, ao leste da cabeça de ponte do Mirante. Ergue uma barragem na frente do ribeirão e leva as águas a céu aberto até a Fábrica. Hoje o canal é encoberto a partir da guarita em frente do Hotel Beira Rio. A cobertura do canal foi feita na construção da Avenida Beira Rio nos anos 70 ou seja uns 80 anos depois de Queiroz. Hoje ainda esse canal funciona. Com o enterro do Itapeva (cujo impacto ainda deverá ser avaliado) que carrega as águas do maior esgoto da cidade sul, o canal purifica as águas que passando pelas turbinas, oxigena para as despejar em cascatas de degraus na pequena enseada do Museu da Água.

O segundo canal construído por Queiroz começa no meio do rio, na frente da captação da Belgo Mineira e passa ainda hoje diante da embocadura do Itapeva. Dali, levava a água do Piracicaba até a Usina Hidráulica (o atual Museu da Água) onde gerava eletricidade para a cidade - Queiroz foi o pioneiro na eletrificação urbana em São Paulo. Uma questão de monta, não pôde ser respondida durante o diagnóstico: a de se saber se o braço do Piracicaba acima da embocadura do Itapeva é de origem ou se também foi escavado. Se foi escavado a margem esquerda ia até além das atuais ilhas. Retomando o caminho do segundo canal, Queiroz o conduziu por cima de aqueduto para reforçar a queda d'água. No final do aqueduto, uma dupla clausa que funciona ainda partilha as águas com a Usina Metalúrgica da Ferro Liga. Esta era também a céu aberto. A avenida Beira Rio a enterrou também, nos anos 70, como o fez com o canal da Arethusina.

O terceiro canal foi captado no meio do rio acima da ponte do Mirante e conduzia as águas para os tanques de decantação - a água considerada de aprovisionamento da cidade, entre 1885 e 1919. Dessas piscinas, as águas iam para o depósito da grande galeria restaurada por Adriano Ranzani Cancelieri e Burtscher em 1995-98, sob o governo de Humberto de Campos. Deste reservatório ia para a grande bomba que funcionava por pêndulo que enviava a água para os altos da cidade. Sua inauguração foi feita no chafariz da Praça José Bonifácio. No tempo do diagnóstico, a Ilha dos Namorados não era acessível. Ali, num dos

tanques, morreu afogada uma sucuri de uns 4 metros de comprimento, há 3 ou quatro anos. O fato foi manchete dos jornais durante semanas. Um bando de umas 15 capivaras foi observado nesta ilha.

Outro canal merece menção: o da SEMAE. Este começa na Captação n.º 1, perto do lugar chamado Bica d'água que é potável, a uns 200 metros acima da foz do Itapeva. Se houve corte da colina, esta bica d'água ficava totalmente isolada do Itapeva. Este canal é subterrâneo e vai alimentar o grande reservatório que fica acima do Ferro Liga. No mapa 13 está assinalado em pontilhado.

A rua Luiz de Queiroz. Uma obra diferente completou os trabalhos de Queiroz: a Rua que hoje tem seu nome. Esta rua partiu da cabeça da ponte do Mirante onde passava o trem da Sorocabana, cortou o bosque do Jardim Infantil (alto ponto da memória social educativa de Piracicaba), varou a mata ciliar até o Parque (que de certo Queiroz ignorava pertencer ao cemitério dos Índios, aos quais aparentemente não dava grande importância), prosseguiu até seu Palacete em construção e dali até a rua Moraes de Barros. Dessa rua se podia descer a produção até o Porto.

De costas para o Rio

Note-se que a Fábrica e o Palacete foram construídos de costas para o rio. Suas fachadas dão até hoje sobre a rua Luiz de Queiroz. O rio estava nos fundos da Fábrica e do Palacete. O mesmo comportamento urbanístico foi adotado por Rezende no lado direito.

Explicação: No tempo de Queiroz, o rio estava longe e separado da cidade por canais. Além do mais, as beiras eram infestadas de mosquitos e insalubres. Piracicaba sofria de tuberculose crônica - com o atesta a memória do Sanatório São Luiz, hoje demolido.

Porém, como Rezende, Luiz de Queiroz construiu área social do rio festivo sobre o Salto. Ajardinou aquela antiga beira de rio que os canais transformaram em Ilhas de lazer da população. Rezende fez jardim para a elite, mas Luiz de Queiroz fez os jardins para o povo. É a origem da Ilha dos Amores e do Namorados. Neste sentido Luiz de Queiroz foi um humanista e o primeiro urbanista democrático de Piracicaba.

Em 1891 Luiz de Queiroz vendeu a Arethusina para a família inglesa Boyes (que o ajudara na construção e gerenciamento). Guardou o Palacete. Com o dinheiro, comprou a fazenda São João da Montanha nas margens do Piracicamirim e na margem esquerda do Piracicaba. Ano seguinte fez doação da fazenda para o Estado sob a condição de ali ser feita escola de formação de técnicos agrícolas. Em 1898, ao falecer, deixou à esposa Hermelinda Otoni Ferraz de Souza de Queiroz a honra de ver a criação do que hoje é a ESALQ.

Doze Notas sobre o Espírito ou Tema do Lugar dos Canais de Queiroz

Estamos no ponto sensível da cara de Piracicaba. Portanto, é preciso tirar algumas conclusões úteis para o Projeto Beira-Rio.

A dimensão social primou na epopéia Queiroz. Era humanista.

O Salto foi a referência básica, fonte de energia. Alimentou a Fábrica, os Armazéns, a Capela Na Sra. Aparecida, o Palacete, a Usina, a iluminação pública, a água encanada potável, as Ilhas, a Rua, o Itapeva, o Parque Hermelinda de Queiroz, a Tradição Índigena, a ESALQ e a ligação com o Engenho Central e o Porto e o trem, compunham um mesmo sistema de sociedade industrial aberta.

As Ilhas dos Amores e dos Namorados faziam parte integrante da Colina Original e de sua paisagem. Os canais isolaram do corpo da cidade a beira superior esquerda do Salto. Porém, Queiroz resgatou este inconveniente criando passarelas de acesso a leste (pela Ponte do Mirante) e pelo sul (passarela ainda visível hoje).

Queiroz pensou na urbanização social criando no espaço convertido em ilhas uma área de Lazer Popular, em contraponto do Belvedere da aristocracia no Mirante em face. As ilhas ouviam a música do Salto, porém não permitiam vê-lo, pois se situavam acima dele. Queiroz como Boyes, Rezende e os Franceses construíram com o máximo de beleza, segundo os padrões da época.

A mata ciliar abatida pela construção dos canais e da rua, não foram substituídos por Queiroz.

O peixe perdeu seu valor simbólico principal, sendo substituído pelo produto industrial remunerado em salário. Não havia férias. Estas seriam criadas pela Frente Popular Francês em 1936.

Queiroz e seus contemporâneos não deram valor à herança cultural Índia (Itapuca sagrada e cemitério indígena onde construiu a fábrica, o palacete, os armazéns e a rua).

A desativação das ilhas como área de lazer foi resultado da poluição do rio e não da desafeição da população. Pelos testemunhos ouvidos, a população prosseguiu fazendo piqueniques na mata ciliar situada entre a fábrica e o rio. E a nostalgia das ilhas dos namorados persiste.

A enseada dos fundos da Boyes, Ferro Liga e Museu da Água, foi resultado artificial dos canais. Não fazia parte do rio.

O ribeirão Itapeva exerceu e exerce ainda função central no dispositivo da era industrial. Sob este ângulo, seu enterramento parece ter sido um erro grave, cujas consequências não foram ainda avaliadas por equipe multidisciplinar.

Com o Barão de Rezende e mais tarde Morganti, Queiroz utilizou com arte os canais, represas e lagoas. Morganti, como Queiroz, socializou as águas industriais. Não consta que isto foi feito por Rezende ou pela SSB.

Toda a produção da Boyes ia para Inglaterra. Hoje, com seus 400 operários, está totalmente orientada para o mercado nacional.

Ferro Liga

Construída a leste da Fábrica Arethusina, provavelmente anos antes se levarmos em consideração restos de senzala dos escravos negros no casarão beira rio, a metalúrgica chamada Ferro-Liga participa da era industrial que viveu da energia do Salto.

Sua irradiação territorial e social foi muito menor que o da Fábrica e Engenho. Detém no entanto a mesma herança social e a mesma variedade de paleosolo cultural (paleo = antigo). Tem em seu chão a herança Índia, negra, imigrante, industrial, além da memória do Salto e dos Canais.

O caráter poluidor da metalúrgica, sua falta de elegância arquitetônica, o despejo malcheiroso de suas águas por baixo da avenida na enseada do rio, o estado decrépito de seus muros tornam sua posição e presença muito desconfortável. Os céus de seu telhado são lotados de fios da rede de alta tensão que poluem um dos mais esplêndidos visuais dos hóspedes do Hotel Beira Rio e dos visitantes do Engenho Central que ingressa pela Passarela. As águas da Ferro Liga foram controladas pela CETESB e sancionadas. Hoje não funciona mais como metalúrgica mas como depósito e comercialização de carvão.

Centro das 6 Memórias

Como veremos nas proposição de programa, o Ferro Liga é depositário das 6 memórias seguintes : Índia, Caipira, Negra, Colona, Industrial e do Rio. Por isso, sugiro que ela seja transformada no centro da 6 memórias ligadas à Boyes, ao Museu da Água, ao Engenho Central e à Tijuca da olaria do Parque da Rua do Porto.

Epopéia Morganti e Ometto em Monte Alegre

O terceiro protagonista da Revolução Industrial de Piracicaba na Beira Rio foi a equipe Morganti – Ometto. A descrição desta terceira epopéia é feita nas páginas 35 a 37 relativa aos pólos associados ao perímetro central.

O Fim da Era Industrial do Beira Rio

Em 21 de abril de 1960, no final da idade de ouro do Engenho Central, da Boyes, de Morganti, a construção de Brasília reorganizou todo o sistema viário e industrial do Brasil, notadamente o de São Paulo. Imensas hidroelétricas (Furnas, Três Marias, Itaipú) tornaram obsoletas as hidroelétricas particulares como as do Engenho Central e Boyes. Por seu lado, a cidade de São Paulo perdeu a noção de seus limites e se tornou megalópole. Sem pedir licença, construiu a Barragem da Cantareira onde captou boa parte do Piracicaba, impossibilitando a Piracema e aumentando a poluição, sobretudo na estiagem. Em 1953, o governador Adhemar de Barros deu início aos estudos do projeto da Hidrovía que prossegue suscitando polêmica 50 anos depois.

Ao mesmo tempo, a política rodoviária do ministro Juarez Távora de Juscelino Kubitschek, de 1956 a 60, favoreceu o caminhão e o automóvel, não o trem. Idêntico processo de reorganização se operou no mundo inteiro, redistribuindo as cartas da economia e da divisão internacional do trabalho, com forte impacto no açúcar (divisão com Cuba, Vietnã e outros). Começou o declínio da indústria agrária de Piracicaba, confirmada em 1970. A SSB vende o Engenho Central a Silva Gordo. Este abre falência em 1974. Boyes resiste, mas Ferro Liga menos. Monte Alegre desativa em 1979.

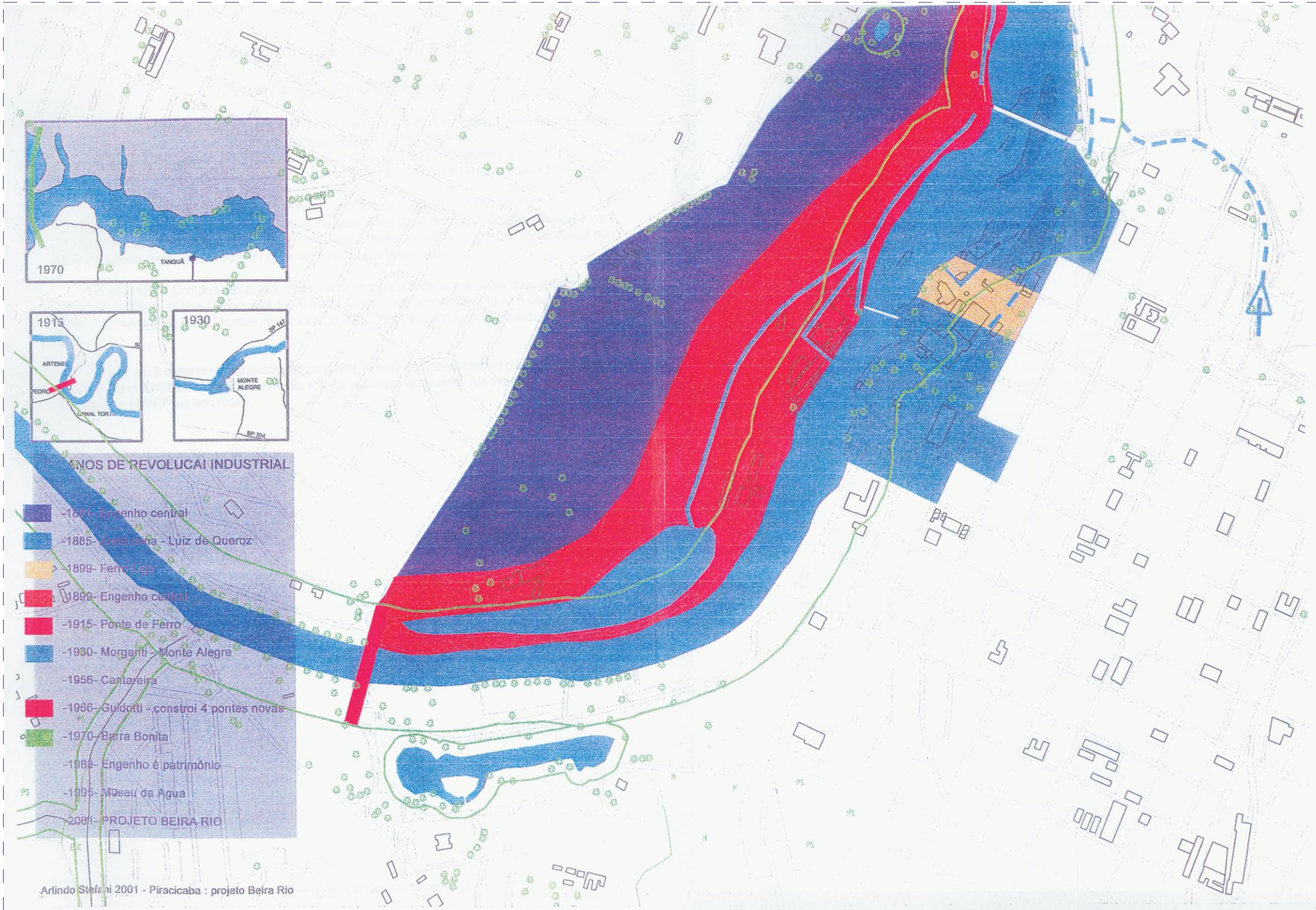
Os industriais desligam da energia do Salto e abandonam as beiras do rio e vão para a periferia alta da cidade onde a energia de fora lhes permite nova expansão. Depois do Peixe e depois do Salto, as beiras ficam também órfãs de suas fontes de trabalho. Rua do Porto declina. O porto e seu trapiche é demolido e vira tapera. A própria Festa do Divino nessa década 70 – 80, sofre recesso, complicado pelas críticas da nova teologia, avessa ao folclore da fé católica.

A sirene do Engenho não toca mais e não ritma o passo da cidade. O bondinho não rola mais. O Itapeva continua sua missão junto à Boyes. Porém as Ilhas dos Amores estão há anos em repouso forçado e devolvidas sem cuidados à Natureza. Muita gente falou à comissão da tristeza imensa que o povo sentiu naqueles anos do fim da idade de ouro. Impressão muito desagradável de que os industriais estiveram ali para si e não para a cidade e para o povo. Muitos choraram e outros sentiram raiva. E outros se meteram a reagir.

Luciano Guidotti, o prefeito da época, captou a mensagem e tomou medidas imediatas e fortes. Concebeu imensa reorganização urbana da beira do rio nos dois lados. Construiu 4 novas pontes: Morato, Velhinhos, Caixão, Monte Alegre e tentou outras mais. Seus sucessores prosseguiram a reação: construíram a avenida Beira Rio que isolou ainda mais a cidade do rio, a avenida Renato Wagner que também ficou inacabada até hoje, a Juscelino Kubitschek que é mais estrada do que avenida, a avenida Cruzeiro do Sul que luta para ter pé na água. A reação continuou em 1976 da avenida Alidor Pecorari, do Calçadão, do Parque da Rua do Porto e de sua Lagoa ou Tijuca ou mina de barro. A Prefeitura construiu o Hotel Beira Rio, amputando ainda mais o Jardim Infantil e se isolando da beira do rio. Enfim procederam ao gigantesco enterro do Itapeva (pedra podre, em Guarany). Falando linguagem do mito, diríamos que o Itapeva foi humilhado pela função obscura de esgoto da cidade e não cessa de manifestar seu descontentamento ao longo de seu percurso. Sua imensa abóbada subterrânea de 5 metros de diâmetro foi seguidamente visitada pois reclama constante manutenção.

O mesmo cenário de trabalhos não ocorreu em Monte Alegre, nem em Ártemis. Nas duas comunidades, o sono das ruínas do Beira Rio continua numa noite comprida.

Enquanto isso, nas outras 57 cidades de toda a bacia, o fim da era industrial sacudiu a consciência geral que também reagiu e reage ainda. Carioba II levantou movimentos em todo o vale.



Realidade atual do Beira Rio

Mapa 14 – Os Pólos Urbanos

1989 - José Machado desapropria o Engenho Central e o tomba na lista do patrimônio Industrial. Logo depois anima a criação do Consórcio. É fundado o Comitê de Bacias em 1991.

Nos mapas a seguir são esboçados em grandes traços a situação atual da beira rio.

No Mapa 14, os três pólos urbanos do centro atual estão assinalados na ordem de prioridade.

O polo nº.1 comprehende o centro do mundo entre Ponte do Caixão e Ponte do Mirante.

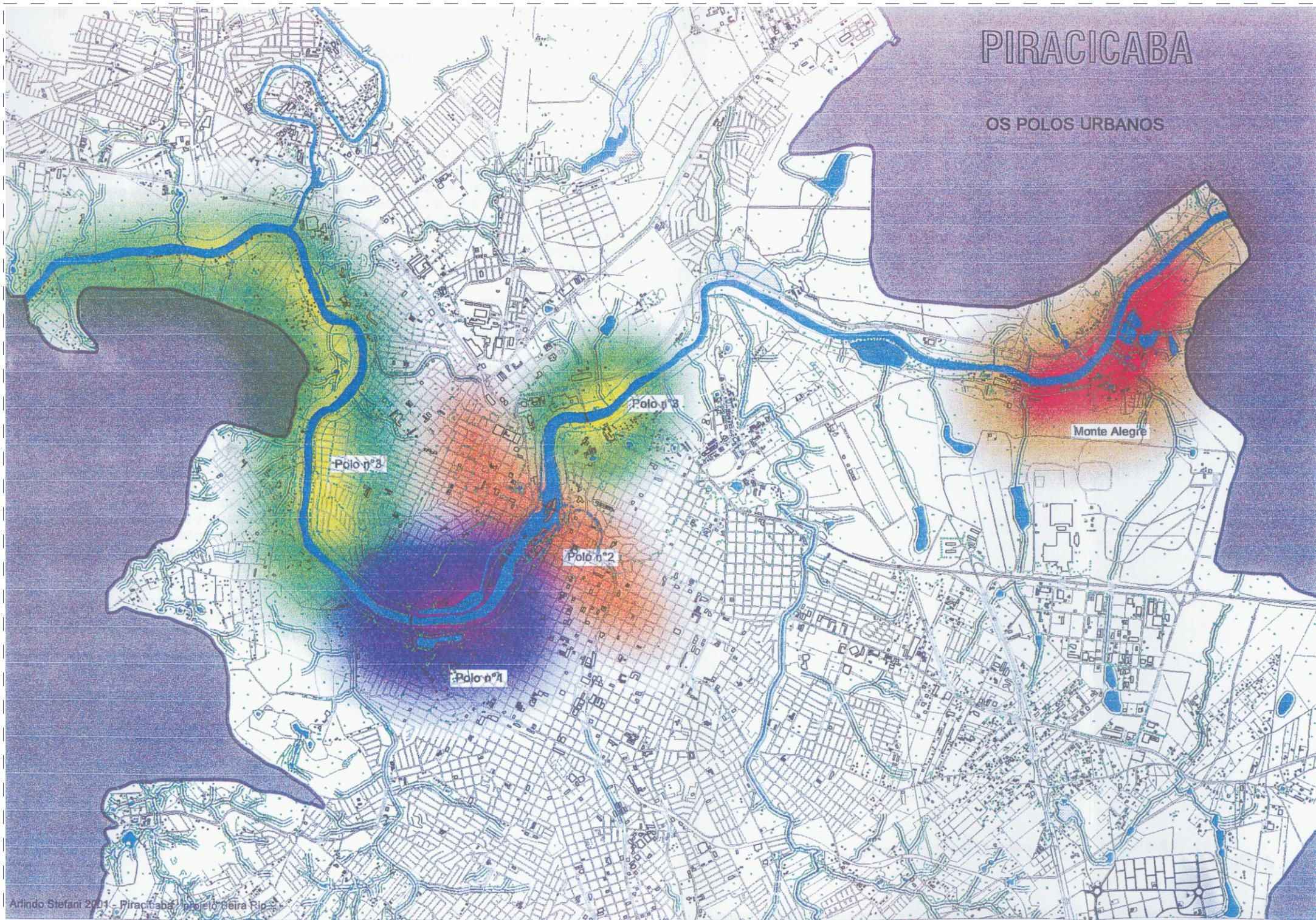
Ele integra a Rua do Porto, Boyes, Salto, Museu da Água, Ilhas, Hotel Beira Rio, Engenho Central e os 7 Canais. Dentro do pólo n.º 1 estão inscritos os centros de Monte Alegre, de Ártemis e de Tancuã. Esses dois últimos não puderam ser desenhados no mapa em razão de sua abrangência.

O pólo n.º 2. Compreende o trecho que vai da Ponte do Mirante com suas duas cabeceiras na direção da rua Barão de Serra Negra e da Av. Armando Salles. Pega o Hotel Beira Rio e o Clube de Campo ao sul, bem como área que do Parque Infantil atrás do Hotel Beira Rio até a Igreja Imaculada Conceição, ao Norte.

O pólo n.º 3 comprehende ao mesmo tempo a área de lazer do Trabalhador até o Bongue inclusive e, a leste, o Lar dos Velhinhos no lado esquerdo, e a Av. Juscelino Kubitschek, rua Rui Barbosa, Shopping, Odontologia e FUMEP, no lado direito.

PIRACICABA

OS POLOS URBANOS



Beiras Sociais e jurídicas do Rio Piracicaba

Mapa 15 - Beiras

Já visto no inicio do relatório, este mapa se refere às beiras sociais públicas e privadas, industriais, universitárias e selvagens. As beiras jurídicas(Ver Mapa 4) são altamente problemáticas. Há beiras que são espaço público respeitado como tal, espaço público invadido por ocupantes privados, espaços públicos vividos como particulares, vividos como públicos. Assim, o estado jurídico das beiras é complexo. Esta complexidade será analisada mais detalhadamente no mapa consagrado à Rua do Porto. Note-se a linha verde de ambos os lados do rio e das ribeiras e lagoas. As beiras do rio (território federal) são de 100 metros. As dos córregos e lagoas (territórios municipais) são de 30 metros. As observações dos fatos evidenciam um grande desconhecimento ou desrespeito da legislação relativa às beiras. Em todos os casos, a agressão do rio pelos detritos e esgotos é geral.

A observação foi paradoxal: a única beira social é a da Rua do Porto entre a Ponte Morato e a cascatinha da Boyes e as sacadas do Parque do Mirante. De Tancuã à Monte Alegre, ao longo de 80 Km ou seja 160 Km somando-se os dois lados, não observamos nenhuma outra beira social pública.

Em cor verde são indicadas as beiras selvagens não praticadas.

Em cor verde claro: as beiras selvagens freqüentadas pelos pescadores de lazer a seus riscos e perigos.

Em cor violeta: não são acessíveis e nem praticadas pelos exploradores esportivos.

Em cor vermelha: as beiras ocupadas por indústrias ou comércios ou instituições ou clubes.

Em cor azul marinho as beiras universitárias da ESALQ.

Em cor vermelho-bordeau (bordô) as beiras da Votorantim e da Usina Monte Alegre. A embocadura do ribeirão do Enxofre, as beiras do Engenho Central e do Complexo Boyes, Ferro Liga e Palacete são industriais ou semi-proibidas.

Em cor bege: são indicadas as beiras sociais (os balcões do Mirante são classificados em beiras sociais - visuais - olfativas e sonoras). Em pontilhado, são indicadas longas beiras lindas selvagens, que tendem rapidamente à urbanização. Vão da Ponte Morato ao Bongue e da Ponte Morato à foz do Corumbataí. Várias associações e grupos beira-rio trabalham para esta “urbanização” de beiras sociais públicas.

Note-se que Clube de Campo (classificado numa beira institucional) fez como Luiz de Queiroz, virou as costas para o rio e construiu suas próprias piscinas. Aliás, ele está sobre as costas raivosas do Itapeva que vai levando as misérias do mundo para o canal da Boyes sem ser agradecido. (Este ponto será visto no mapa dos odores como o ponto mais fétido de todo o beira rio urbano).

PIRACICABA

BEIRAS

- Beiras sociais
- Beiras selvagens
- Beiras privadas
- Beiras não praticadas e não acessíveis
- Beiras industriais/comerciais
- Beiras periurbanas/urbaniás

Muralhas do Rio

Mapas 16 e 17 - Muralhas Urbanas

Por muralha entendemos a barreira interposta entre os cidadãos a pé e o rio, entre a cidade arquitetônica e o rio. Tais muralhas foram observadas pelo consultor e sentidas sobretudo nas caminhadas e passeios de observação a pé, feitas de dia e de noite pelas calçadas de ruas, avenidas, passeios e caminhos públicos e pontes. O critério de percepção das muralhas sensíveis foi portanto a experiência simples do cidadão andando a pé. Foram observadas muralhas necessárias à proteção física dos cidadãos contra os perigos de afogamento ou de saúde dos cidadãos, sobretudo as crianças e os pescadores inexperientes. Porém, observamos barreiras que agrediam o cidadão a pé na sua intenção de ir ao rio público. Em Ártemis, por exemplo, não pudemos chegar ao rio sem pedir licença aos proprietários particulares ou sem invadir ou transgredir - em posição conflitual. Isto ocorreu muito na rua do Porto. Em Monte Alegre, a comunidade não tem acesso ao rio urbano sem transgredir a propriedade privada da Usina desativada.

Em cor vermelha: Como se pode observar nos mapas 16 e 17, as muralhas são gigantescas ao longo de quase todas as duas beiras, só permitindo acesso ao cidadão por brechas e portas furtivas. Os carros passam pelas pontes. Note-se que na Rua do Porto não há barreira alguma. Porém a Rua do Porto é um enclave, estando prisioneira de muralhas situadas mais longe indo do Castelinho à ESALQ, passando pela belíssima muralha formada pela Chácara Nazaré. Aqui no alto panorâmico, a cidade de cima é barrada da rua do Porto e do rio.

No Mapa 16 as faixas verdes, barreiras vegetais, impedem o acesso direto para o Rio. As faixas bege representam avenidas, que são barreiras.

No Mapa 17 em traço de cor vermelha, aparecem muralhas que são ruas, avenidas. As avenidas Renato Wagner, Beira Rio, Barão de Serra Negra, Morato entre outras, são muralhas separando do rio o cidadão a pé. Aqui o critério de observação foi o da calçada que é o autêntico espaço da rua para o cidadão a pé. Em cor azul escuro: aparece no mapa os lugares onde a cidade vira as costas para o rio. Este é um dos maiores desafios urbanos de Piracicaba.

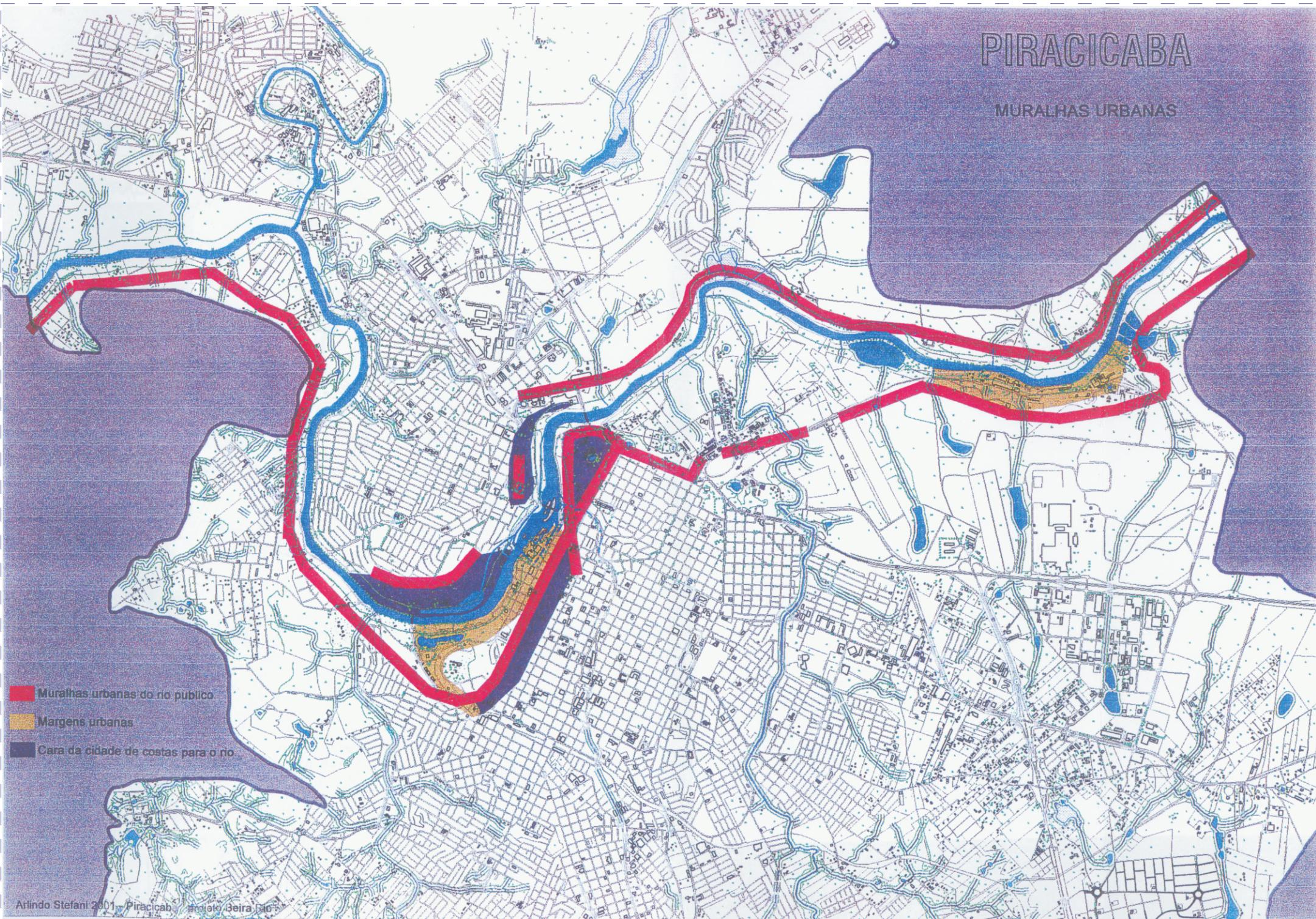
Em termos de ação urbanística do Plano Diretor, as muralhas sugerem a abertura de brechas, portas, janelas, sobretudo para o pé e o passo. A concepção de tais Brechas, Aberturas ou Vazios poderia ser confiada aos arquitetos e urbanistas de Piracicaba mesmo.

A participação dos moradores e usuários (inclusive turistas) será importante por tratar-se de território público deles.

Existe também uma muralha invisível que é a muralha do cheiro, que será mostrada no Mapa 23 no Mapa 24.

PIRACICABA

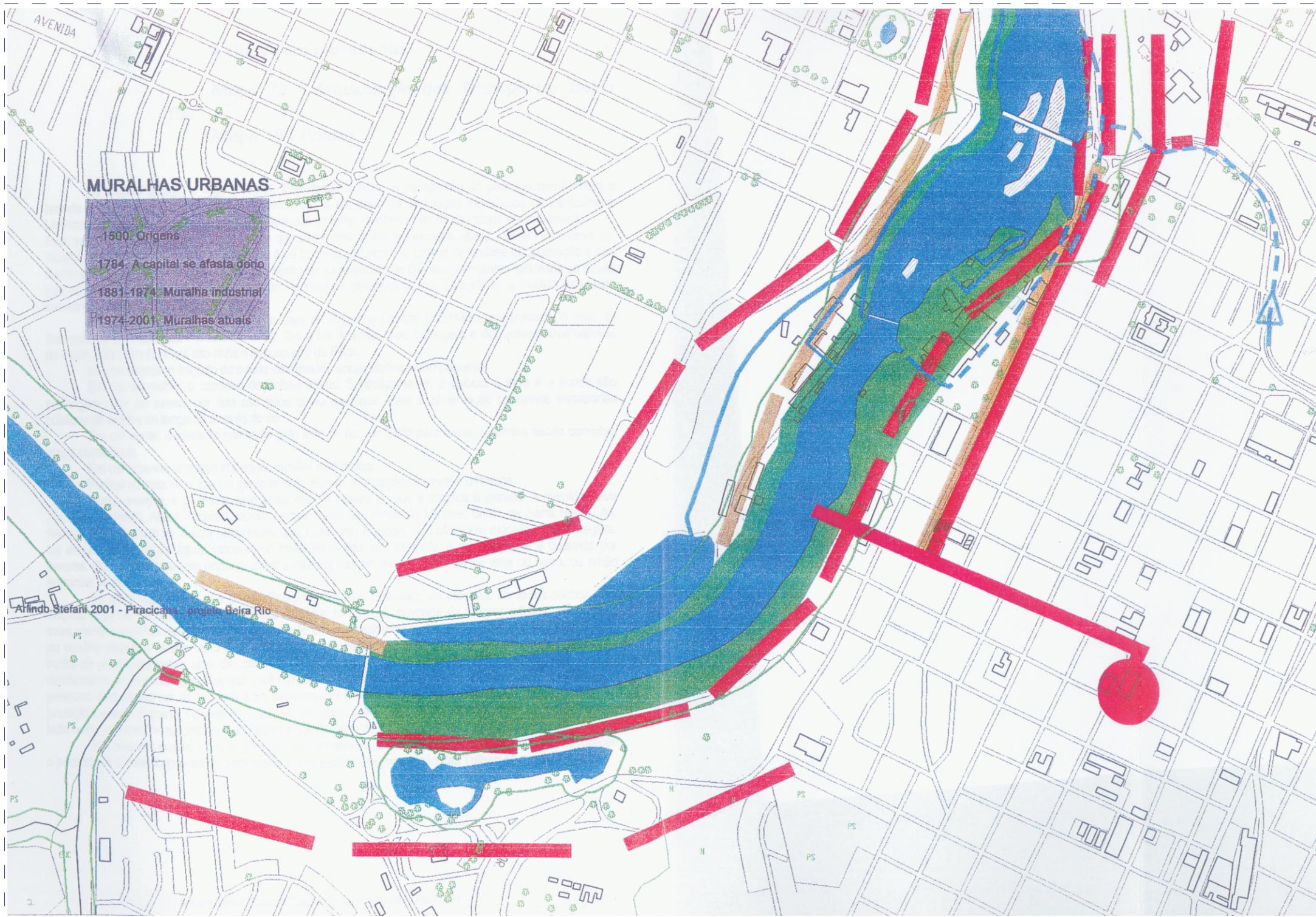
MURALHAS URBANAS



Muralhas urbanas do rio público

Margens urbanas

Cara da cidade de costas para o rio



A cidade em movimento

Mapa 18 - Arqueologia dos Transportes Beira Rio

Mapa 19 - Pontes

De arqueo (antigo) e logo (estudo). Este mapa mostra os transportes do passado que formam a história e a memória dos transportes públicos ou a pé, além da circulação motorizada de particulares. Limitamo-nos às observações dos traços existentes ao longo das beiras do rio da cidade em movimento. Este mapa sintetiza portanto muitos outros que são relativos aos transportes atuais. Esse mapa deve ser cruzado com o anterior sobre as muralhas. Aqui também utilizamos o critério de análise da legislação e das declarações éticas das Nações Unidas, em particular as relativas aos Direitos do Homem aplicados ao direito dos cidadãos à cidade. Segundo esse critério inscrito no desenvolvimento sustentado, a medida da cidade em movimento é o cidadão mais frágil a pé.

Em cor azul escuro: o caminho do trem do Engenho Central (FEPASA), encontrando o trem da Sorocabana que vem pela Ponte do Mirante. Ele ia até Ártemis, onde carregava e descarregava os vapores do Porto João Alfredo. Para isto fazia o famoso giro da Pêra.

Em cor laranja: o traçado do bonde de memória social afetiva muito presente.

Em cor vermelha: o caminho do ônibus atuais. Simbolicamente, o ônibus, o trem e o bonde são prolongamentos do passo, por isto são tidos como pacíficos. Para a observação utilizamos transportes públicos de ônibus ao longo ou através do rio.

Em cor verde: o caminho imemorial pelo leito do rio, do Salto para oeste. Continua sendo caminho, agora como lazer.

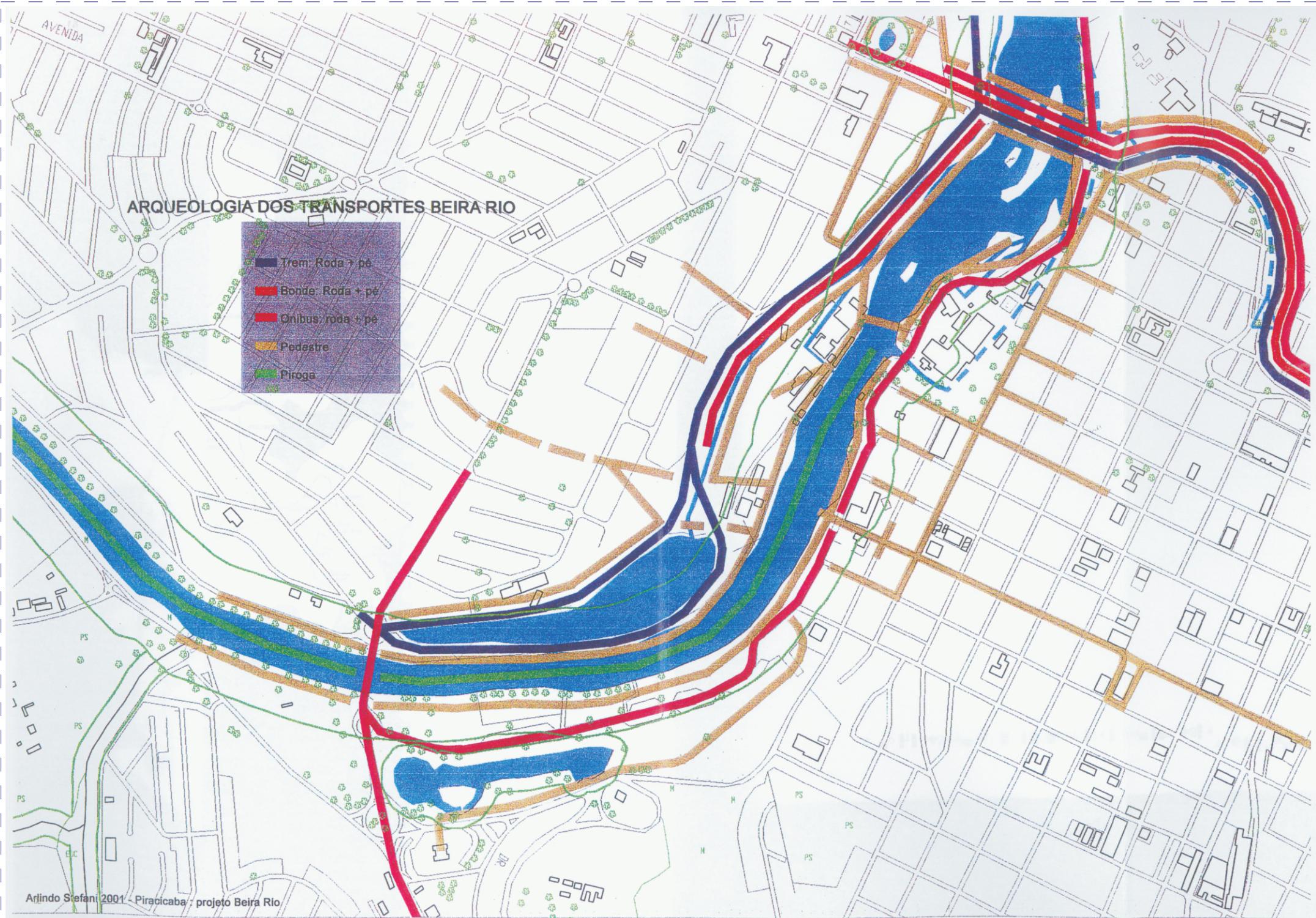
Em cor amarela: o passo individual, familiar e de grupo.

Parece abundante e que vai por todo lado. Porém, a situação concreta é diferente

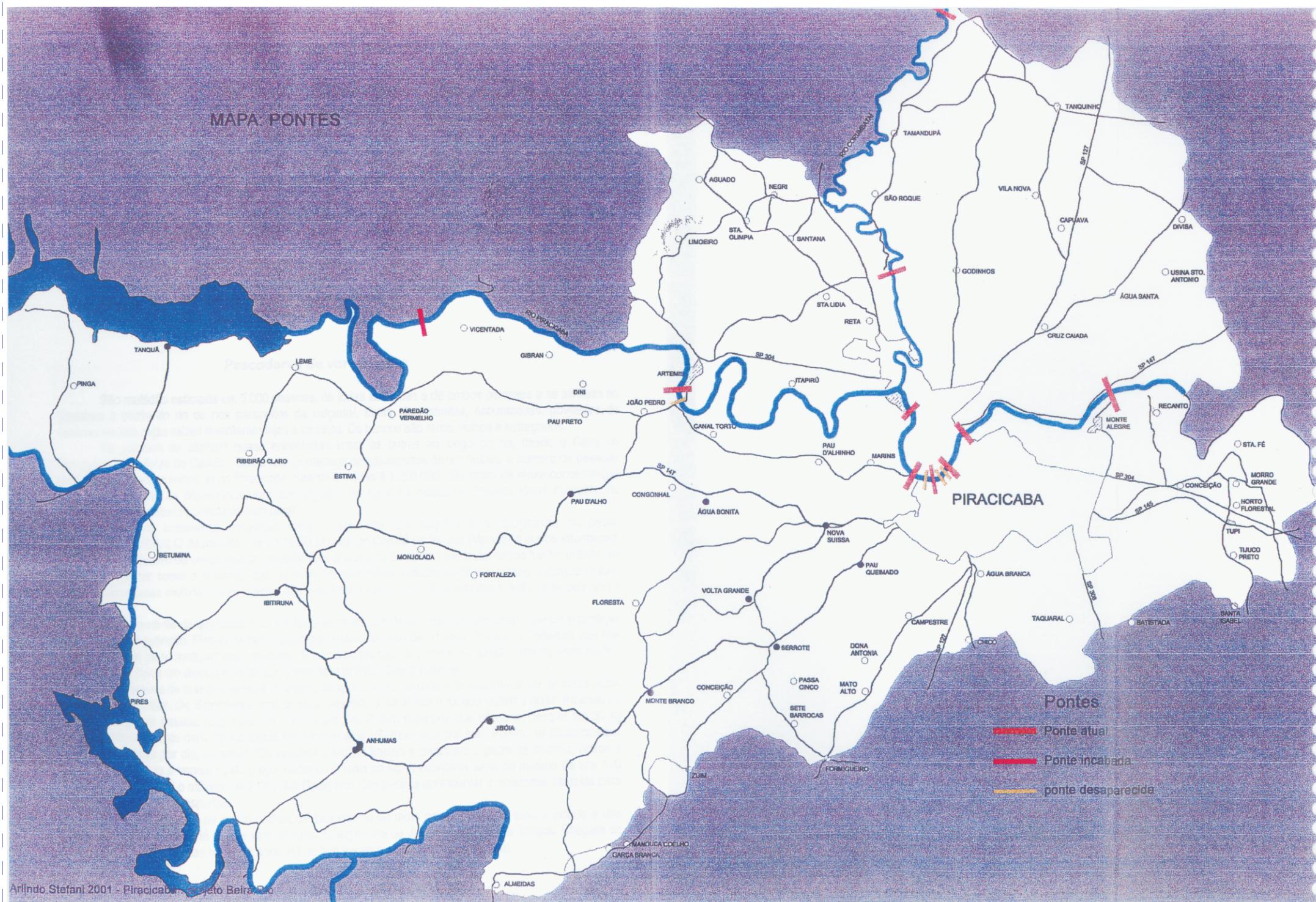
Quase sempre, o pedestre deve andar em fila india porque a calçada é estreita. A avenida Beira Rio, Rua do Porto, Alidor Pecorari, Morato, Armando Salles, Ponte do Mirante, Barão de Serra Negra, Av. Renato Wagner, José de Souza (aliás Ponte dos Velhinhos) e outras, não oferecem calçada digna e segura. Na altura do Museu da Água, vindo-se do Hotel Beira Rio, por exemplo, a calçada norte é ocupada por árvores. Os pedestres devem portanto evitar a calçada das árvores e sujar o pé na terra ou barro, ou então enfrentar os carros.

Na altura da Ferro Liga e Boyes, Palacete, Casa do Povoador, do lado sul, há vários trechos sem calçada alguma. Na rua do Porto a calçada da beira do rio está povoada de árvores adultas, verdadeiros monumentos vegetais mas entram em competição com os pedestres que são multidão. O maior desconforto ou conflito pedestre versus carro é localizado nas duas passarelas da Ponte do Mirante: houve construção tardia de duas passarelas, uma de cada lado. Porém, a do oeste é mais utilizada. Ela mede apenas 60 centímetros de largura, sua proteção está rompida em vários pontos. Não permite o cruzamento de duas pessoas. Ora, passa por ali o maior fluxo pedestre das pontes da cidade. Do lado leste, há uma passarela protegida, porém é quase inacessível. E passa pelo ponto mais fétido da cidade à beira rio. Chegando-se do lado norte, o pedestre que deseja ir ao Engenho Central tem de arriscar uma brecha.

Em resumo: quanto mais se avançou nos transportes, mais se favoreceu o carro e se desfavoreceu o pedestre e o transporte público. Voltaremos a este assunto na proposição das Trilhas (Mapa 29) e Pontes.



MAPA: PONTES



Bairro da Rua do Porto

Mapa 20 – Sociologia Bairro da Rua do Porto Tema : Porto e barro

Organização social do espaço

No mapa indicamos a composição da organização social das quatro principais entidades que anima o lugar chamado Rua do Porto.

- Em cor amarela : os pescadores de vara e linha.
- Em cor laranja: os clientes de casa e de fora
- Em cor violeta: os comerciantes, artesãos e moradores.
- Em cor verde: o parque da rua do Porto.

Pescadores de vara e linha

São multidão estimada em 5.000 pessoas, de todas as idades e de ambos os sexos e se alinham no barranco à borda do rio ou nos parapeitos da calçada/. Estas são estreitas, esburacadas, povoadas de árvores adultas cujas raízes levantaram lajes e cimento. Os bancos são raros, velhos e estragados.

As pessoas se alinham quase encostadas umas às outras ao longo do rio, desde a Casa do Povoador até a Ponte do Caixão. Como nas contagens de passageiros de um ônibus, o número de pessoas que pescam nos barrancos do rio Piracicaba durante 8 meses é 1.200.000. Os locais de maior concentração de pescadores são as desembocaduras dos esgotos. Na beira da cloaca da Prainha foram contados 80 pessoas de várias idades pescando sem parar.

Observamos uma inquietante correlação entre a presença dos esgotos e a abundância de peixe. Engenheiros da ESALQ (Martinelli) , da CETESB (Assis), do Comitê de Bacias (Moretti) e outros informaram a comissão do estado de contaminação considerável dos peixes do rio, em particular nesse trecho urbano, os peixes carnívoros como o dourado, são os mais contaminados, notadamente por metais pesados (meias vidas). Porém, essa multidão come o peixe que pesca ou o vende. Das duas maneiras, todo peixe pescado é comido.

Existe controle da qualidade e há leis federais muito bem feitas para regulamentar a pesca e proteger as espécies em extinção. Fiscais da pesca proibida existem há mais de 50 anos. Porém, a Prefeitura não tem gente suficiente para controlar essa multidão. E como suspender, em nome da saúde pública, essa prática emblemática? Seria um desastre turístico e grave risco político. Como informar ?

De memória de homem, sempre foi assim, de vara e linha, de rede e de espinhel e até de mãos nuas. Os Índios já o faziam. De Setembro a final de abril, pescam o dia inteiro e muitos varam a noite. Pescam no mínimo 300 gr por pessoa. Isso daria uns 600 Kg por dia. Porém sabemos que há quem pesque até 30 kg por dia. Esse montante daria 18 toneladas por mês ou seja 160 toneladas por ano. Porém, se tomarmos por média 3 toneladas por dia, teríamos 720 toneladas. Muitos limpam e preparam o peixe ali mesmo, outros o levam para casa ou o vendem pelo preço médio de 3 reais ao kg. A economia seria no mínimo de uns 400 000 Reais por ano até o máximo de 2.000.000 Reais ano. Dever-se-ia acrescentar a economia induzida para o comércio e para os transportes.

A maioria chega a pé ou de ônibus, de bicicleta ou de moto provenientes de toda a cidade e das localidades do município. Há os que vem de carro. Chegam até de Jundiaí e mesmo de Santos. Chegam ao raiar do dia e ficam até altas horas da noite. Há os que varam a noite e dormem no local.

Não existe sanitário algum, poucas caixas de lixo, nenhuma bica d'água potável. A sede das crianças e bebês é intensa. Não há abrigo contra o sol e a chuva (a pesca é praticada nos meses de chuva). Há proteção civil eficaz. Mesmo assim, os afogamentos são fatos correntes na memória de todo mundo. As pessoas fazem suas necessidades ao longo das muretas do barranco baixo. Com o calor imenso do dia e o sol, a fidentina é simplesmente intolerável. Muitos vão portanto aos banheiros dos restaurantes onde também buscam água potável. Porém os comerciantes reservam os raros sanitários para seus numerosos clientes.

Essa multidão de pescadores não vai aos restaurantes, não consome, não gasta. Pertence à camada sócio-econômica de pouca renda. Para o turismo econômico, não é público interessante. E pouco ou nada se faz por esse público imenso, que é a raiz da tradição alimentar.

Apesar desta precariedade, esse povo fica lá fascinado pelo rio e pelo peixe, feliz. Os pássaros fazem o mesmo, horas a fio, dias e meses a fio.

Clientes de casa e de fora

Cor laranja no mapa.

São os clientes dos restaurantes em sala e nas calçadas. São gente de média e alta renda? Gastam facilmente uns 30 reais por pessoa. uma posta generosa de Filhote custa 15 a 20 reais. E as mesmas estão lotadas ao meio dia de sábados e domingos. Também se apinharam na rua do Porto, nas calçadas, e não deixam sobrar uma mesa. Porém não pesca. Não se misturam com a multidão do povo dos barrancos. Aliás, não comem o peixe do rio. As postas de piapara ou de filhote vem do Pantanal de Mato Grosso. São duas culturas diferentes. Os clientes olham o rio como paisagem estética, romântica. Os pescadores do barranco e dos parapeitos mexem com o rio útil, em sinergia com ele, pés na água. Vimos meninos e adultos como em êxtase. O cheiro, não parece incomodá-los.

Ao meio dia e sobretudo à noite, os barrancos cheiram muito mal e estraga o delicado perfume da cozinha da rua do Porto.

Esse público chega de carro, não de ônibus e nem a pé. Ocupam os parkings, as beiras de rua, por toda a parte onde podem. O carro é portanto devorador de espaço público e exila fora da rua os pedestres ricos e pobres. A poluição dele é questão incômoda que a dos barrancos.

Não obstante, é um público maravilhoso.

Moradores e Comerciantes

Moradores

Cor marrom no mapa.

Ocupam área mais vasta do que a rua do porto. Nesta, o número de pessoas é de uns 80. Mas no Bairro chegam a mais de 400. Em nossa análise, consideramos indistintamente ambas junto porquanto partilham o mesmo destino e identidade.

Os moradores são filhos do rio, amam o rio, numa relação animista quase de adoração. São os paradigmas das gentes do barranco, misturam-se com eles. pescam de barco. Mas há uma hierarquia que todos respeitam. Guardam memória viva do rio e de sua história, de suas lendas e tragédias. Vivem o rio agonizante, lamentam. Propõem soluções. Mas em geral são fatalista. A maioria são comerciantes também.

Comerciantes

São ao mesmo tempo moradores. A rua do Porto sofreu do colapso da economia do engenho central, da desativação e demolição do porto e do seu trapiche. O comércio era fraco. Porém houve a construção da

Avenida Beira Rio e depois da Avenida Alidor Pecorari, nos anos 70. E então começou a vir turistas e os restaurantes prosperaram.

Porém a avenida Pecorari desviou para o sul, na altura da auto-escola e da casa e comércio Tangará. Os clientes que chegam e carro acompanham esta avenida e prosperaram. Os do Calçadão que não tem acesso à avenida e não recebem carros, definharam e a maioria faliu ou está com dificuldades.

Duas comunidades

Assim a avenida gerou duas comunidades diferentes: Rua do Porto e Calçadão.

A comunidade da rua do porto leste, que é próspera. Contém o largo dos pescadores, a rampa do antigo porto e a emblemática festa do divino.

A comunidade oeste chamada Calçadão, que empobreceu. Seus restaurantes funcionam sobretudo ao meio dia. A multidão que passeia por lá não é forçosamente cliente.

Ambas tem imensas possibilidades.

A comunidade do leste, dispõe do tesouro da memória da cidade e do município, seu porto, o vaivém do Salto, a Casa do Povoador, a primeira estrada dos dois hemisférios, o comércio fluorescente.

A comunidade do oeste possui os símbolos da rua do Porto pré-industrial, a Tijuca jazida do barro matéria prima das civilizações do índio, do caipira, do negro e hoje reservatório da memória enterrado no Parque emblemático. Possui o Casarão, a Casa do Artesão, o bosque da biodiversidade, a vista magnifica sobre o Engenho e a colina de Vila Rezende e para o Salto, vastas áreas verdes, as duas torres da cerâmica, a jazida de barro que é a Lagoa do Parque. O maior recurso da comunidade do Calçadão é sua organização associativa. Está disposta a participar ativamente no Beira-Rio, a curto médio e longo prazo. Propõe a criação do museu do barro (Mané). Talvez seja ele, o BARRO, o detentor do espirito do LUGAR, certamente o material utilizado pelos índios para fabricar as igaçabas de forma uterina onde sentavam os seus mortos queridos na forma fetal, para nascerem no além. No capítulo IV acentuaremos esta proposição numa perspectiva da memória do trabalho do barro, de sua arte, cujas raízes se encontram nos rituais funerários dos Índios - as igaçabas. Seria talvez

Os usuários do Parque da Rua do Porto

Verde, azul e roxo no mapa.

Esta quarta componente sociológica é diferente das três outras e a simbólica do espaço é específica. Afora os escolares que provém por definição de todas as camadas sociais, os demais usuários de todas as idades e de ambos os sexos, são sensivelmente das camadas de média e alta renda, os que se dedicam aos esportes matinais e de fim de semana., com trajes esportivos e sociais endomingados. Esta simbólica foi citada pelo grupo do Calçadão que lembrou com respeito e carinho dos operários do barro e do tijolo da cerâmica, gente cujos trajes lembravam não o domingo mas a segunda feira, não o suor esportivo prestigioso, mas o suor do trabalho duro dos homens e mulheres livres e escravos, associado ao suor do boi e do burro. A simbólica atual associa a quarta população aos turistas de casa e de fora que são clientes da rua do Porto. Eles também chegam de automóvel.

A área verde e aquática, construída nos anos 76 a 80 pela equipe de Arquitetos liderada por Egídio Simoni e Néia Gobeth, se irmana portanto à Chácara Nazaré nos altos do sul, à área de Lazer do Trabalhador e, mais a oeste, compõe a corrente de verdura que passa pelo Palacete, Parque Hermelinda de Queiroz, Parque Infantil, Ilhas dos Amores, mata ciliar da Av. Bandeirantes ou Renato Wagner, Lar dos Velhinhos, prossegue pela ESALQ e vai repousar em Monte Alegre onde antes de prosseguir rio acima até Recanto e Limeira. A Oeste, a corrente verde se associa ao Castelinho, ao Bongue e aos Altos de Pau Queimado em direção de Tancuã e do Tietê. Na frente, a lagoa de cayac se irmana à Lagoa imemorial de Ciaporanga (lagoa das Almas) e compõe o colar de pérolas aquáticas do rio, viveiros de espécies, reserva de água na estiagem, depósito para irrigação dos canaviais, parques e jardins, fontes de energia para a indústria e lazer.

Nesse contexto, a quarta comunidade é inteiramente voltada ao lazer: esporte, turismo, celebrações festivas municipais, estaduais e nacionais. O parque faz parte do Rio Festivo (ver mapa do rio festivo) já descrito: compondo com a festa espontânea dos barrancos do rio, com o Largo dos Pescadores, Engenho, Mirante, Vila Rezende. Além disso compõe a paisagem verde e aquática da cidade e do Município, porém é uma carta de visita escondida nos fundos do bairro.

A leste, perto da sede da Guarda Municipal se encontra o heliporto (em cor violeta no mapa), a área da largada dos balões e mongolfieres para turistas, fogos de artifício. Ali se realizam acampamentos de Escoteiros. A oeste, no espaço aquático, passeios de todas as idades, sobretudo dos jovens, prática dos esportes da água - o cayac.

A área é pública mas fechada. A Secretaria de Esportes quer abri-la ao público 24H por dia. Porém, existem três questões a resolver: proteção das pessoas sobretudo das crianças, é área de prestígio emblemático para a Prefeitura devendo ser interdita de se parkings, proteção das pessoas sobretudo crianças na proximidade da avenida, a simbólica do lugar - seu espírito de origem. Foi uma Tijuca dos Índios, área de inundação periódica, porém mina de barro desde os tempos imemoriais.

O projeto de 1976, realizado pelos Arquitetos Luiz Egídio Simoni e Dulcinéia Gobeth. precisaria hoje ser avaliado no seu impacto no tempo, corrigir os efeitos negativos, completar a visão urbana, incluindo a sociologia, a agronomia, a antropologia e economia do Barranco.

O desafio deste lugar é então o de irmanar o espírito ancestral com o espírito festivo de hoje. Esta simbiose dos dois espíritos uniria numa mesma economia as quatro comunidades. Não somente irmanar a Festa do Divino e do Peixe com as da Mongolfiere e dos restaurantes, como também a memória do oleiro e da comunidade do barranco e dos moradores com a memória nascente do turista e dos sonhadores de felicidade que andam pelo parque.

Outro desafio é o da planificação urbana e de trânsito: como acolher neste espaço de aldeia a multidão da nova economia turística de Piracicaba, um dos pontos altos do turismo de toda a bacia.



Monte Alegre

Mapa 21 - Monte Alegre

Pertence à área urbana, na Porta do Sol de Piracicaba. No mapa ao lado, retiveram-se os tópicos inventariados nas reuniões da Comissão com a comunidade atual, composta do povoado antigo, a leste, e do povoado novo, a oeste.

Em círculo laranja: o atual centro do mundo social de Monte Alegre. É centro e porta exterior de Monte Alegre e da cidade. O antigo centro do mundo era situado mais a oeste, na frente do centro oficial do mundo antigo que era a Fazenda, casa dos proprietários. A porta atual leste era também a porta das fazendas e do comércio. Ali também estava o centro do mundo festivo popular. O centro do mundo festivo da alta sociedade estavam no Clube Náutico da Teixeirada. Este ficava na embocadura do Ribeirão Figueira. Naquele tempo a sociedade era vertical, com estratos sociais bem definidos e com ritual de ascensão social estritamente controlado.

Cor amarela: as comunidades, a fazenda, a igreja e o condomínio

Cor violeta: a fábrica de Papel e Celulose Votorantim (3)

Cor verde, o perímetro atual da usina desativada em ruínas (11)

Cor azul: a Lagoa, centro social festivo popular de Monte Alegre e de Piracicaba toda (4)

Cor azul e orla vermelha: a Teixeirada: centro festivo da camadas sociais elevadas (6)

Cor azul marinho lagoas de decantação (7) e represa do rio. dos 2 córregos (9)

Cor laranja e branco, campo de futebol da Usina (preservado)

Cor laranja, o rancho atual dos pescadores.

Cor marrom, o tambor para leite (estrebarias).

Cor vinho: o sitio produtivo do Pedro. E o seu bar à beira da ponte do anel viário.

Ver outros tópicos indicados no mapa.

Doze Notas sobre Monte Alegre

No contexto do Diagnóstico, retenham-se as 12 notas seguintes :

Interface. A comunidade da usina desativada não dispõe de interface estando cercada até o pé das casas pelos canaviais, pelos restos da usina e pelo palacete chamado Fazenda. Resta-lhe a rua. Os canaviais não são mais território de trabalho da comunidade ao contrário da fábrica Votorantim.

Acesso ao rio. As duas partes da comunidade não tinham e nem tem acesso ao rio. O único acesso era o da Teixeirada. A lagoa (4) como a Teixeirada, entrou em decadência e desapareceram. Monte Alegre não tem mais acesso à água pública e gratuita. As duas fábricas não poluíam o rio. Tinham seu próprio sistema de tratamento dos efluentes industriais.

Centro do mundo social de Monte Alegre é hoje a porta leste onde estão a parada de ônibus, o telefone público e o restaurante. Ali é o embrião da praça pública, ao pé da Lagoa assoreada, no caminho do estádio e do anel viário. Era também ali a entrada industrial e comercial da Usina, do caminho para a Teixeirada e para o Tambor.

Arqueologia da idade de ouro. A reconstituição da arqueologia da idade de ouro da Usina contém o espírito do lugar de Monte Alegre. Este animava a geografia das colônias sobre os 3.500 hectares em volta e seus caminhos, nos dois lados do rio, ligados pela balsa e depois pela ponte.

Fábrica de papel. A fábrica Votorantim faz parte da comunidade. Mas a fazenda São José não integrou e nem integra essa memória. Entre ela e Monte Alegre não existe ligação.

Rio muralha. O rio foi e continua muralha física, social e cultural entre Monte Alegre e a Fazenda São José. Ali o rio separa mais do que une.

Brecha. A construção do anel viário, a abertura do aeroporto ao público e o asfaltamento da estrada que liga Monte Alegre à Piracicaba abriram brecha na muralha que cercava o “império fechado” da usina em sua idade de ouro.

Capela São Pedro continua privada. Foi da usina e dos seus empregados.

Cemitério. Monte Alegre não teve e nem tem cemitério. Nisto ficou ligada à cidade.

Trem. Havia um trem para a produção e para trazer e levar os trabalhadores e suas famílias.

Ritmo e calendário.

Ano novo: o corte da cana. O espaço e a memória da idade de ouro da usina deve ser ritmado. Espaço-tempo-ritmo são os três elementos do patrimônio cultural de Monte Alegre. O calendário verdadeiro foi ritmado pelo ciclo da cana, cujo ano novo era o do corte e moenda. A restauração da arqueologia do ritmo social, dentro do seu ano festivo específico é portanto uma tarefa integrada ao tema ou espirito da comunidade em torno do Açúcar. Foi pelo açúcar que a usina se ligou ao mundo, como hoje a fábrica o faz pelo papel de qualidade. Era sociedade fechada, como uma espécie de mosteiro leigo, um falanstério messiânico, uma saga. A comunidade de hoje é crítica sobre este modelo. Deseja reconhecê-lo, mas não restaurá-lo na vivência econômica e social.

Mão.

Desta forma, a memória de Monte Alegre é a memória da mão colona do cortador e da cortadora de cana notadamente italianos (inclusive a família Moraganti-Ometto - memória Colona) é o tema de Monte Alegre. Esse arquétipo sugere intercâmbio com El Instituto de la Mano do México via UNESCO e Unido e organismos afins. A empresa FIAT é mecenas de projetos culturais de origem italiana no mundo, como o fez em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo. Poderia ser interessada em financiar a memória da mão italiana de Monte Alegre.



Mapa 22 - Monte Alegre - Contexto

Rio festivo. O rio de Monte Alegre nunca foi nutricional. Foi somente de lazer. Hoje não é mais nem um e nem outro.

Margem direita. A margem direita do rio em Monte Alegre não fez parte da memória da Comunidade. Memória agro-industrial. O território de trabalho é hoje industrial.. Antes foi agro-industrial.

Porta operária. A antiga porta operária do império era a escadaria que descia da rua para a usina. Escola. A escola ficou a mesma e prossegue a mesma função.

A Fazenda. Antigo centro do mundo da idade de ouro : "A Fazenda".

Porta externa atual da comunidade e da cidade coincidia com a porta externa da comunidade atual. Era antiga porta do comércio e da produção. A porta interna para Piracicaba desapareceu. A determinação e revalorização das portas é ponto alto da identidade da comunidade passada e presente. Ela denota o reconhecimento dos de fora e o limiar da acolhida.

Lagoas de decantação. Em 26 anos, a natureza digeriu o restilo da usina. Hoje são lagoas de vida da avifauna, ictiofauna e flora.

O tema de Monte Alegre, como vimos foi a Memória essencialmente a da mão do cortador de cana. O tema artístico-religioso foi importante, porém o que mais apareceu nas discussões da comunidade foi a memória do trabalho, o da usina invisível, cultural, social. Neste mapa se apresenta o rio a área da Usina desativada, a fábrica Votorantim, o território da comunidade, o da Lagoa Social ou festiva, o sítio da Teixeirada, o campo de futebol. Nota-se que o lado direito do rio é vazio.

A Comissão foi a Monte Alegre para quatro reuniões com a comunidade, no Conselho Comunitário. Três caminhadas, uma delas em busca da legendaria Teixeirada, mas sem redescobri-la Este lugar do rio festivo apareceu nas narrativas dos testemunhas da memória dos moradores restantes. Visitas da equipe do Projeto Cultural do Instituto Memorar. Visitas individuais do consultor junto aos habitantes. Continuamos por leituras e entrevistas.

A usina Monte Alegre foi uma empresa familiar, formando sociedade patriarcal de tipo global, e fechada, separada do corpo da cidade. Tinha de tudo, inclusive igreja, cinema, escola, biblioteca, hospital, lazeres, clube e futebol, sistema de transportes. Tudo era de qualidade excelente. As ligações com a cidade não eram desencorajadas. O poder social estava nas mãos do proprietário. As organizações sindicais não eram encorajadas. Criou-se desta forma uma identidade, uma cultura social e econômica salariada solidificada pela cultura da empresa especializada no açúcar e no álcool. Todas as terras eram propriedade da usina. Não havia roças particulares dos colonos. As colônias eram também propriedade da usina. A dependência à direção da empresa fragilizou o sistema social não o preparando para a hecatombe. Não puderam defender a Lagoa e nem a Teixeirada que foi demolida sob as vistas dos moradores, o demolidor foi pago em troca dos tijolos. A prática do rio e da Lagoa desapareceu. A comunidade se recolheu e encolheu. Mas guardou intacto o patrimônio da memória e da história do lugar. Na desativação de 1979, o tecido social das se enfraqueceu e se desfez sob o impulso do êxodo rural acelerado. Afara a igreja, o clube de futebol, a escola, a bodega, os suportes da relação social esmoreceram: o hospital fechou, o cinema, a biblioteca, o jornal UMA fecharam.

Os 3.500 hectares de terra foram vendidos em lotes sucessivos, os moradores que o desejaram receberam o título de propriedade da casa em que moravam, menos as do território específico da usina. Porém, os remanescentes começaram novo tecido social. A usina de Papel ao lado (Votorantim) se tornou o novo instrumento de trabalho.

Note-se que a comunidade guardou lembrança saudosa muito positiva da epopeia Morganti.

Separada do rio. A Usina somente utilizou o rio como lazer, no clube Náutico chamado Teixeirada. Os moradores ali entravam sob controle da Usina. O principal ponto de lazer popular dos moradores das chamadas populares era a Lagoa formada pela represa do Córrego Figueira.

Sistema de Plantação extensiva e de industrial gerenciada por uma família.

Rede de colônias (sobretudo de imigrantes italianos) chegando a reunir 5.000 famílias, num território de plantações em monocultura da cana sacarina de até 3.500 hectares.

Porém, ao ser desativada, desativou-se o sistema econômico e social das colônias. Somente ficou um resto de habitantes, desorganizados que foram se estruturando devagarinho. Hoje são 300 a 400 pessoas, aos quais se deve reunir os restos das povoações das antigas colônias.

Como já foi dito, a comunidade não tinha acesso ao rio, muito menos à margem direita. Depois da desativação, o imenso território de trabalho que era a Usina virou ruínas, em meio às ervas selvagens e aos destroços, sendo sucateada. As margens do rio se tornaram inacessíveis e invisíveis. A lagoa assoreou e desapareceu. Propriedade particular, ela não é mais acessível além da rua final oeste.

Mas o apego da comunidade ficou enraizado nas moradias deles, as casinhas da estrada geral.

Ártemis

Mapa 23 – Ártemis

Neste Mapa estão representados:

Em cor laranja: o território de influência de Ártemis e o traçado possível da trilha sul, passando pelas fazendas à beira rio - todas as fazendas (Egidinho, Gibran, e chácaras como a do Villar, por exemplo, na margem esquerda, como a de Luizito na margem direita) já possuem dispositivo inicial de pousada preparado. Egidinho já recebe há 10 anos a comitiva do Divino.

Em cor vermelha: a extensão de Ártemis sem hidrovia.

Em cor verde: a área de influência atual

Em arco de cor bordô: área de extensão com hidrovia.

Vários encontros foram realizados com a Comunidade de Ártemis, na sede da associação AMADA (Associação de Moradores de Ártemis) cuja presidente é Célia Turim, e também nas sedes das Fazendas de Egidinho, Gibran, Luizito, da Chácara de Diocleciano Villar e na Olaria. Visitamos as ruínas da Piscina de Águas Sulfurosas, as ruínas do antigo Porto João Alfredo (em face da Piscina), o caminho do Trem chamado Pêra, a Ponte de Ferro e sua Passarela (fato recente por iniciativa de Egidinho) a ponte original construída em 1913 e inaugurada em 1915 não tinha passarela.

Ártemis (antiga João Alfredo) é contemporânea do povoamento de Antônio Corrêa Barbosa, em 1767. Foi Porto importante, por causa da profundezas de suas águas. Ártemis Urbana do lado direito do rio, tem 5.000 habitantes. D lado esquerdo é cheia de canaviais, mas vazia de gente. uma balsa pública, gerenciada sob o modo de concessão, funcionou no mesmo local da ponte, até dezembro de 1914.

A vila é prevista há muitos anos para ser o polo turístico e comercial mais importante a leste da hidrovia no caminho de Campinas - a capital econômica da Bacia. Por isto ela entrou no perímetro do projeto Beira-Rio. É caminho obrigatório de todo o movimento de Piracicaba ao Tietê, durante três ou mais séculos.

No quadro do projeto Beira Rio, Lígia Duarte (SEMA - SEMUPLAN) e Marcos Guidotti (vice-presidente da COOPERVAP) ambos membros da Comissão, apresentaram à Comunidade seus estudos respetivos. O trabalho da Lígia foi o de sua tese na Universidade de Campinas. Falou portanto em seu nome de cientista e não em nome da Prefeitura. Seu tema foi uma proposta de plano diretor para o Distrito de Ártemis, incluindo as duas margens do rio. Marcos Guidotti expôs o plano de polo turístico segundo a COOPERVAP da qual é vice-presidente.

Ártemis é uma gigantesca jazida de possibilidades turísticas. Na ótica do desenvolvimento sustentado, a condição de exploração desta jazida deve ser colocada sob o controle e participação da comunidade. O contexto local, forçosamente muito diversificado em termos de poder e ideologias, exige uma hábil coordenação e a escolha de pessoas que lancem a locomotiva. Elas existem e são excelentes, com longa experiência isto é competência, notadamente na área econômica.

No âmbito da Hidrovia que vai gerar o polo turístico, uma medida urgente consistirá na informação permanente e aprofundada na linguagem da comunidade. Uma atenção especial deverá ser dada aos jovens, a começar pelas moças. O primeiro ponto a tratar é o emprego. Este é o combustível da locomotiva do desenvolvimento.

O Espírito do Lugar – Ártemis

O tema do lugar de Ártemis é fora de dúvida o PORTO (Porto João Alfredo). Ali nasceu, viveu e vive ainda seu espírito. Está presente também na ponte que liga os dois hemisférios do município e que substituiu a memorável balsa desativada em Dezembro de 1914.

As Proposições da Comunidade de Ártemis fora do contexto da Hidrovia :

Valorização da Piscina de Águas Sulfurosas

Trilhas pelas sedes de fazenda - com pousadas

Turismo rural.

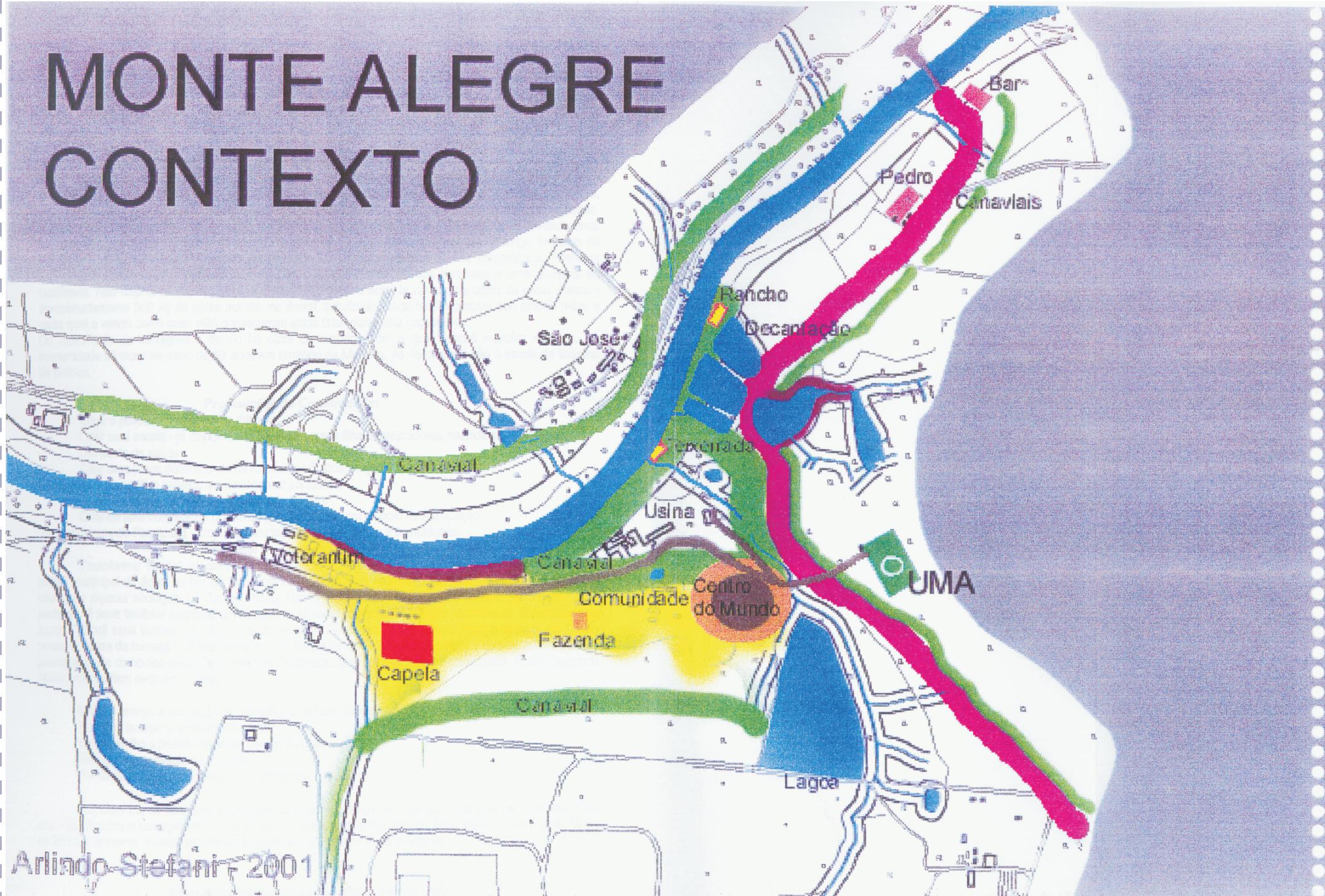
Limpeza e acesso às beiras do rio público

Recuperação do Porto João Alfredo

Saneamento do esgoto público da área do cais desse porto.

A longo prazo. A Hidrovia : Ártemis é prevista para ser seu pólo multimodal Leste. Sem ela, a jazida turística é também gigantesca.

MONTE ALEGRE CONTEXTO



Tancuã

Mapa 24 – Tancuã

Povoação de pescadores
Portal Oeste da água

A comissão visitou Tancuã em duas ocasiões, numa delas lá pernoitou.

Tancuã é hoje uma povoação de Pescadores: 30 profissionais, 20 homens e 10 mulheres. Pertence ao distrito de Ibitiruna. Lá moram com suas famílias formam uma comunidade de umas 80 pessoas. Porém, essa população ultrapassa 400 pessoas se contarmos os visitantes regulares e os comerciantes de atacado. E muito mais se contarmos a população das fazendas que chegam aos fins de semana ao povoado onde vendem queijo e outros produtos. Ali vêm os candidatos a cargos eleitorais, técnicos de longe, inclusive da Hidrovia, uns do estrangeiro. Dispõem de recursos humanos preparados de alta competência. Possuem eletricidade e suas águas potáveis são de poço. Tancuã dispõe de três barzinhos e uma pousada de qualidade. Não dispõe de espaço público afora o da pequena área da rampa dos botes do canal. Pescam aproximadamente 900 kg de peixe por dia, na época autorizada. Cada família prepara seu próprio peixe e cada qual o vende como quer. Não conseguiram ainda fazer durar uma cooperativa.

Do outro lado da barragem e do rio há outra comunidade com a qual Tancuã mantém relações. A comunidade ali mora há mais de 50 anos em território da Marinha. As 15 crianças vão à escola de Ibitiruna de ônibus.

Proposições da Comunidade:

Erigir o povoado em Bairro de Ibitiruna

Criar uma escola - já dispõem da professora que é filha de pescadores, nascida ali.

Um posto de saúde

Criar uma praça pública onde os numerosos ônibus chegam repletos

Consolidar o dispositivo turístico, melhorando as pousadas,

Consertar da iluminação pública e coleta de lixo.

Criar de uma cooperativa do lixo do pantanalzinho com o apoio da Associação de Deficientes de Piracicaba - proposta estudada no encontro com a comunidade.

Proposta do consultor:

Transformar Tancuã em um PARQUE MUNICIPAL NATURAL E CULTURAL. Futuro polo turístico do portal municipal da água no pôr do Sol. Com Hidrovia ou sem Hidrovia. Sem hidrovia seria mais fácil, por causa da riqueza ecológica do Pantanalzinho. Razão suplementar: a população seria a guarda natural do parque. Ali seria também instalado um dispositivo de formação e de informação permanente, observatório do lugar. Tancuã seria também um dos pólos da Pousada Oeste das Trilhas Panorâmicas e de beira-rio. O sítio possuía, antes da barragem, a localidade que no tempo de Antônio Corrêa Barbosa ficava de atalaia para as passagens de comboios pelo Tietê. Avisava Piracicaba, por uma cadeia de Trabucadas. Assim, segundo Marly, não pediam nenhum comboio.

Em cor laranja: a povoação de Tancuã e a do lado oposto.

Em linha laranja: o território de pesca

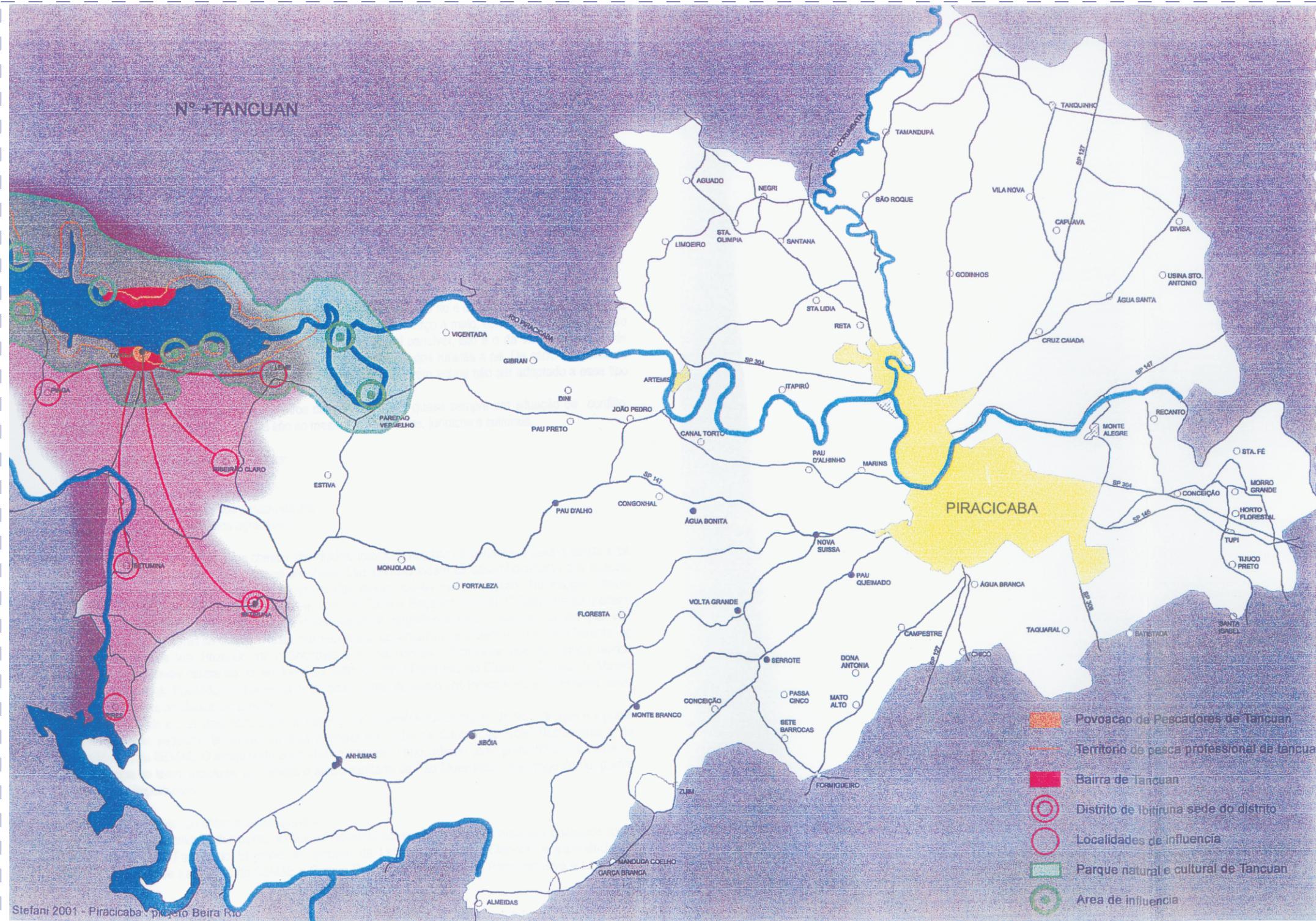
Em vermelho a possibilidade de criação do Bairro.

Em círculos: o distrito de Ibitiruna.

Em círculos vazios : localidades de influência.

No Mapa 25, se descreve a geografia do possível Parque de Tancuã e sua área de influência. Esta faria ligação com a Barragem da Usina de Barra Bonita, com a Represa de Barra bonita e com Santa Maria da Serra e Anhembi, a oeste estaria em ligação com o Porto de Areia e Ártemis.

N° + TANCUAN



O rio que se vive

Limitamo-nos a duas paisagens sensíveis:

A paisagem olfativa ou dos Odores, ligadas ao Saneamento.

A paisagem sonora, ligada à qualidade ambiental da cidade (Trânsito).

Paisagem Olfativa

Mapas 25 e 26 - Os odores e fedores do rio

Ao lado aparecem os tópicos urbanos da geografia do cheiro do rio e de suas beiras observados nas caminhadas de observação de campo durante o dia e de noite, de março a maio, época de chuvas - o cheiro é mais intenso na umidade. O critério de observação utilizado foi sensível, isto é o da vivência pessoal de cada observador, método mais próximo da vivência dos cidadãos e dos turistas a pé. De carro e mesmo de ônibus, é difícil observar o cheiro. A comissão falou de olômetro, porém achou não ser adaptado a esse tipo de diagnóstico participativo.

Como se pode ler no mapa, os cheiros observados estão quase sempre em situação de conflito. Exigem portanto solução negociada, pois são ao mesmo tempo físicos, jurídicos e culturais.

Estão classificados em três rubricas:

Em cor preta - os cheiros fétidos

Em cor violeta - os cheiros desagradáveis

Em cor verde - os cheiros agradáveis

A propósito da cor preta, os cheiros são fétidos, insuportáveis para o pedestre e para o turista a pé ou nos restaurantes vizinhos. São os mais sensíveis. Eles correspondem às desembocaduras dos esgotos sobretudo os da margem esquerda por serem os das beiras sociais mais utilizadas. Na margem direita prestamos atenção aos cheiros na paisagem em torno do Salto e Engenho Central. O Salto restitui o cheiro de todo o rio montante incomodando muito e desertificando o magnífico parque o que todo turista quer ver, por estar ao pé do símbolo da cidade. Nesta margem direita observamos os efluentes do próprio Mirante, os da parte oriental de Vila Rezende até o Shopping e as faculdades. Observa-se que os pontos fétidos pertencem à parte mais central do rio, em torno do Salto, do Hotel Beira-Rio, do Clube de Campo, do Museu da Água, da Casa do Povoador e da agência de turismo Torres, do Largo dos Pescadores e da Prainha, além da desembocadura do ribeirão do Enxofre.

O ponto mais fétido é o da desembocadura do Itapeva, na cabeceira sul da ponte do Mirante, que é a ponte de maior trânsito pedestre da cidade, na área imediata do Clube de Campo, do Hotel Restaurante e da captação n.º 1 da SEMAE. O antigo porto João Alfredo é também enquadrado como ponto fétido (não está na área do mapa ao lado). Incluiu-se nos fétidos o aterro sanitário de Pau Queimado. Fica longe do rio, porém de nascentes importantes.

Em cor violeta. Os cheiros desagradáveis.

Infectam a totalidade das beiras sociais, provocando náuseas em sítios da mais alta qualidade como Parque do Mirante, Parque do Engenho, no entorno da Lagoa das Almas (Ciaporá) e experiência da CETESB, estação de tratamento da SEMAE e Parque Renato Wagner, Rua do Porto inclusive o Largo dos

Pescadores. Incluem-se nos cheiros desagradáveis os odores dos Canaviais da época da safra e de replantio às beiras das estradas que margeiam o rio municipal. Acresente-se o mau cheiro dos canos de escapamento dos caminhões, ônibus e automóveis, notavelmente ao passarem pelas áreas de alta freqüência humana pedestre e turística, como as pontes, inclusive a Passarela. Pelas observações feitas, quase todos os engenhos situados às beiras de ribeirões da bacia do Piracicaba cheiram mal. Foi com certeza tolerado como pertencente ao custo do Progresso. Porém esse custo pode se tornar proibitivo para o comércio do turismo, sobretudo o turismo a pé.

Os cheiros agradáveis

Felizmente existem ainda e alguns deles não estão em conflito com os maus cheiros provenientes do rio e nem do lixo. Vários pontos de cheiro agradável intactos foram, por exemplo detectados nas áreas altas a noroeste do parque vegetal do Engenho Central, no parque da ESALQ, no parque do Lar dos Velhinhos, Parque da Chácara Nazaré, Jardim Infantil, Jardim Hermelinda de Queiroz (jardim da Boyes), na região das Lagoas de Monte Alegre, Altos de Ártemis, dos Viveiros vegetais de Santa Rita e de Tupi, UNIMEP e no esplêndido Pantanal de Tancuã e nas Beiras da represa Barra Bonita. Porém, a maioria dos cheiros agradáveis se encontram em conflito com os maus cheiros (fedores). Esse conflito está mapeado sobretudo nas áreas de mais alto valor cultural e turístico da cidade.

O consultor insistiu no desenterro do Itapeva a longo prazo. Esse enterro resultou de insuficiente estudo de impacto da época, no contexto difícil do colapso agro-industrial. O custo urbano, ecológico, social e cultural desse enterro é agora possível de ser avaliado para se viabilizar o retorno do Itapeva a céu aberto, pelo menos por grandes janelas, ao sol que pode ajudá-lo no saneamento científico e cultural da cidade, no seu centro sensível, cheio de parques - a paisagem olfativa faz parte de todo parque digno desse nome.

Propõe-se

Guiados pelas comunidades locais participantes, realizar projetos de micro, média e grande escala, a curto, médio e longo prazo, relativos à formação e melhoramento da qualidade olfativa do lugar Beira Rio. Estudar a viabilidade concreta de participação em cada projeto, mesmo mirim, engenheiros químicos e agrônomos da universidade, dos comerciantes dos perfumes (ACIPI), dos secretariados municipais do Turismo, Meio Ambiente (formação do pessoal da limpeza Pública e Jardins), Cultura, Trânsito, Saúde, Associação de pescadores, agências de turismo, Consórcio, Comitê de Bacias. Cuidado da coordenação, de não sufocar a iniciativa das comunidades e de seus técnicos locais com o investimento excessivo das informações dos convidados das instituições. A propósito, convidar as comunidades em projetos de saneamento do cheiro das instituições como a prefeitura , a SEMAE, o Hotel Beira Rio, a ESALQ, o Engenho Central e outros.

Micro e macro-projeto relativo ao cheiro, com participação de agrônomos, jardineiros e técnicos da SEMA.

Integrar o cheiro na lista do patrimônio cultural de Piracicaba. História do cheiro.

O tema prioritário do saneamento do rio é vivido em termos de cheiro. Aquele é tema de engenharia, este é tema da cultura intima do olfato. Ambas são inseparáveis. Talvez estejamos aqui no ponto estratégico mais importante e urgente do projeto Beira Rio e até de toda a cidade e município. Digamos então que o cheiro é a dimensão cultural do saneamento. Esta política foi aplicada pela indústria dos desodorizantes, diferente dos desinfetantes. O saneamento pode até cheirar mal. A questão turística do cheiro, notadamente nas proximidades dos restaurantes e hotéis, parques e jardins, escolas, hospitais, lares etc. é vital, quer seja saneado ou simplesmente desodorizado.

O tema da paisagem olfativa apareceu desde as primeiras reuniões da comissão em março, ligado à poluição do rio pelos esgotos industriais, agrícolas, comerciais, institucionais e domésticos. Reapareceu nas intervenções da SEMAE. Ressurgiu com força nas observações de campo dos membros da comissão e dos alunos da UNIMEP.

Teoria científico-técnica, jurídica, cultural e política

Cientificamente, a paisagem olfativa foi amplamente estudada no mundo ocidental. É o único sentido que funciona por molécula (sendo diretamente detectado pelo cérebro, graças aos terminais das fossas nasais). Todos os outros funcionam por ondas e em velocidade constante. Para a medição técnica dos cheiros existem olômetros. A Comissão não pôde utilizá-los. A Comissão não contou com engenheiros químicos especializados no olfato. O consultor utilizou seus conhecimentos de antropologia do espaço, pondo em transversalidade as observações de todos os colegas.

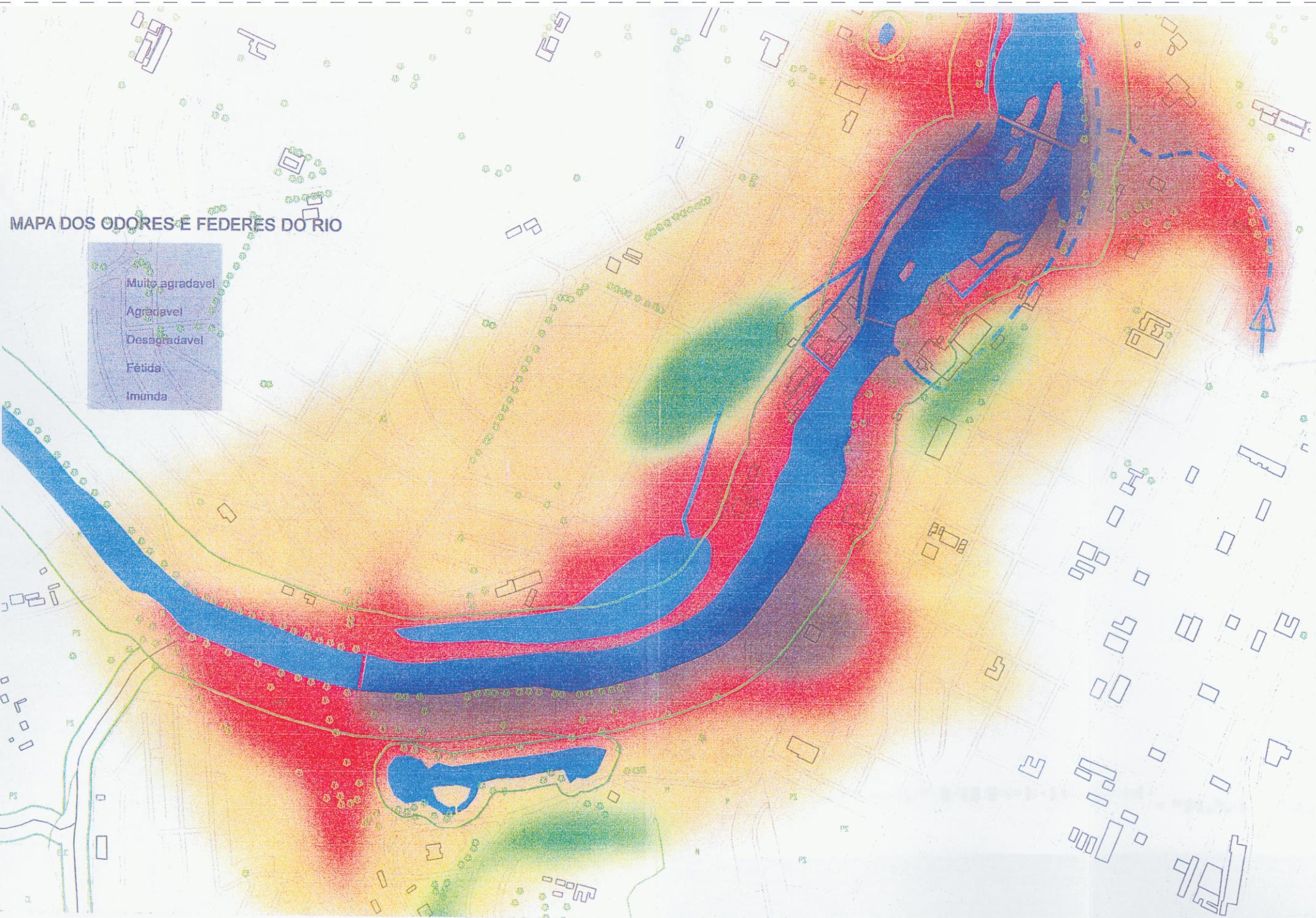
Juridicamente, existem leis no Brasil e na maioria dos países industriais. Porém a aplicação da legislação supõe gente formada e tecnologia adaptada. Piracicaba dispõe dessa tecnologia em suas universidades e na CETESB. Seria portanto possível estudar-se a viabilidade de sua aplicação. A comissão tinha membros do setor jurídico. Porém como já foi dito, estes não puderam participar com suficiente assiduidade. Esta questão ficará portanto para diagnósticos ulteriores e continuados.

Culturalmente, os odores como todos os demais espaços são vividos sob o registro cultural, altamente sensível na indústria e comércio dos perfumes, inclusive nos hospitais, escolas, meios de transporte, e nos espaços públicos em geral. Pode-se até afirmar que Piracicaba tem o seu odor próprio, parte de sua imagem para os que a visitam. Culturalmente, os cheiros são seletivos: o que é ruim para uns pode não ser para outros. Além disto, certos cheiros ruins porém úteis são conotados agradáveis por serem associados à produção e à memórias agradáveis da existência. É o caso da fonte de águas sulfurosas de Ártemis, o cheiro das moendas nas usinas de açúcar, as áreas de compostagem vegetal nas estrebarias e hortas. Neste sentido, os odores se discutem como se discutem as cores e os gostos, pois fazem parte da identidade, isto é, dos direitos humanos e da ética que subentendem - são valores culturais.

Politicamente, os odores da cidade e do município são um componente básico do espaço público. Por isto eles integram os territórios de responsabilidade de quase todas as secretarias municipais, mais notadamente: Saúde, SEMA & SEMAE, - SEMUTTRAN, SETUR, Esportes, agroindústria e comércio, Educação, Assuntos extraordinários (Orçamento Participativo) e outros. O saneamento se ocupa do aspecto físico-químico, porém a cultura se ocupa dos odores vividos, o da identidade olfativa que repele ou seduz.

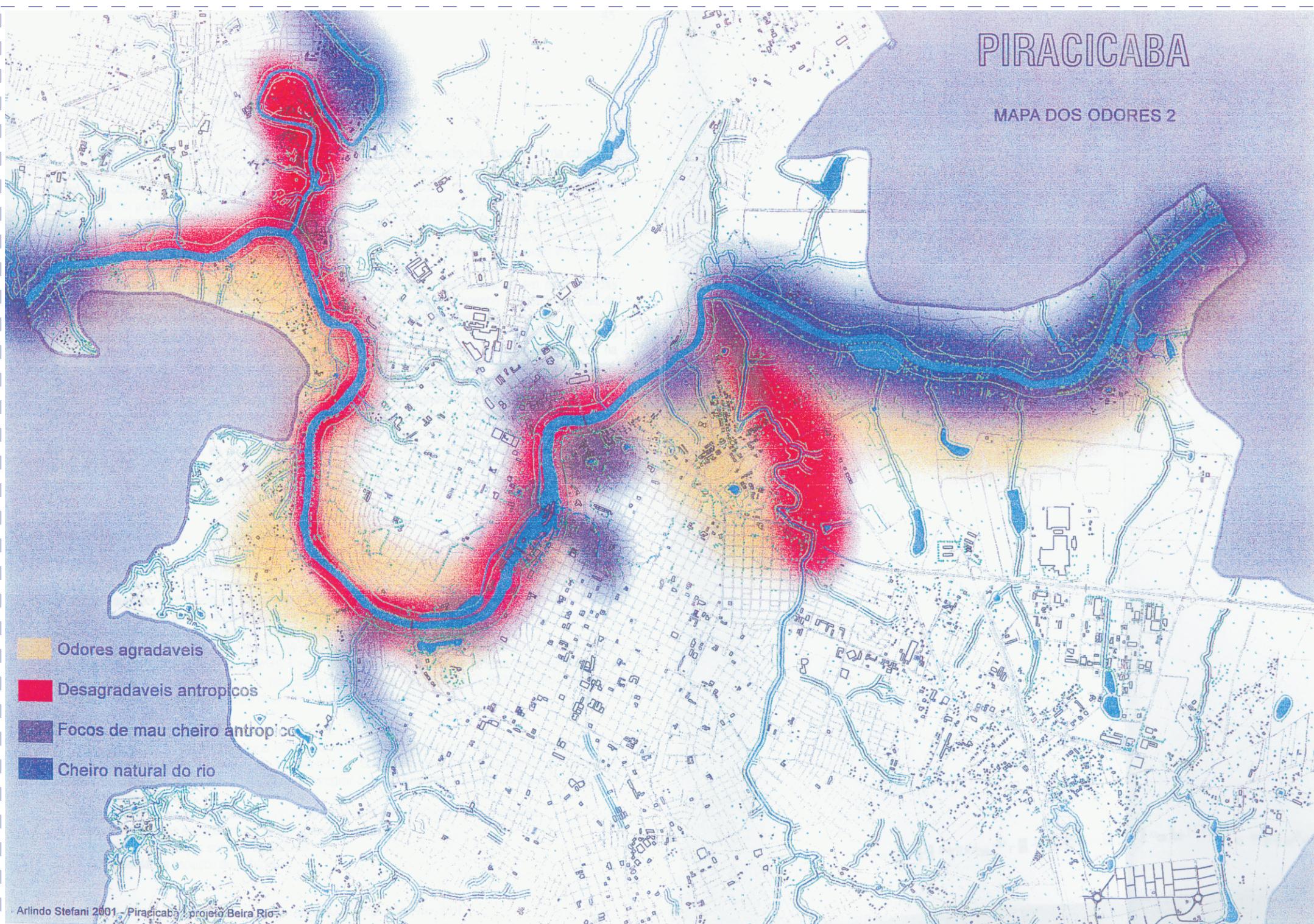
Ritmo dos cheiros

Vários testemunhas referiram a existência de um ritmo anual dos cheiros. O rio cheira muito mal na estiagem. Cheira menos no clímax das chuvas e nas enchentes. O Município também sente um ritmo dos cheiros: ascendente nas safras e plantios, decrescente no crescimento e maturação das plantações, salvo na aspersão dos pesticidas e dos adubos via aérea. Pode-se dizer então que o Progresso agro-industrial fede. Quanto mais se progride e enriquece, mais poluição e lixo ou desperdício se produz.



PIRACICABA

MAPA DOS ODORES 2



Paisagem sonora

Mapa 27 – Mapa Sonoro

A voz do rio

Como para a paisagem olfativa, o tema do som foi observado somente pelos membros da comissão que puderam participar nas caminhas e passeios de observação. Apareceu na intervenção da CETESB (Assis), da SEMAC (Gaudencio), do IHGP (Marly) a respeito das vozes do rio das épocas passadas, notadamente no porto, nos engenhos, nos meios de comunicação (civilização do barco a remo a vapor e motor, boi, cavalo, trem, bonde, caminhão, automóvel) da SEMUTTRAN (ruído das ruas e das estradas). A voz barulhenta do trem e do bonde foi lembrada com saudade - eram instrumentos populares, amados. Todos lembraram o símbolo sonoro do trabalho: o da sirene do Engenho Central (restaurada) e de Monte Alegre (muda).

Cecílio Elias Neto no seu Almanaque lembrou a barulheira das festas diárias, em particular das comunidades afro-brasileiras - precursores do mega-barulho das festas do Engenho Central e da Rua do Porto. Marly lembrou o barulho das festas dos Índios e o papel de atalaia da Trabucada avisando o Povoado de Piracicaba da passagem de barco pelo Tietê. Assim, não perdiam nenhum comboio. Finalmente, o campo sonoro do beira-rio apareceu com intensidade nas observações de campo, nas refeições no Mirante, na participação às festas - todas elas assombrosamente barulhentas. Faltaram engenheiros acústicos, paisagistas do som e do cheiro, músicos entre outros na Comissão. Estiveram por perto e foram ouvidos. Espera-se que integrem com suas competências e qualificações o diagnóstico permanente do observatório do rio físico e cultural. De fato, a Comissão deveria ser toda a Cidade e todos os cidadãos.

Perderam-se para sempre as vozes do rio do tempo dos Índios, dos Caipiras e mesmo do Engenho e das Olarias da Rua do Porto, as vozes dos remos, dos barcos a vapor - Marly lembra algumas daquelas vozes em seu livro Ypiê. Apareceram novas paisagens sonoras: a dos motores de carros, barcos, aviões, helicópteros. Elas compõem de maneira nem sempre agradável com a voz do rio e de suas corredeiras, da chuva, trovoadas e das ventanias

Legislação

Todos os países tem legislação sobre o ruído, notadamente em áreas urbanas. Na França, a lei sobre o ruído urbano é de 26 de junho de 1969. Após as 21 horas, todo cidadão tem direito legal de não ouvir som público superior a 35 decibéis. Uma moto emite até 90 decibéis. Um caminhão até 110 Db, além das vibrações. A graduação dos decibéis obedece a uma progressão geométrica e não aritmética. Um ruído que aumenta de um decibel não é somado ao nível inferior, mas multiplicado.

O instrumento científico comumente utilizado para a medida do som é o sonômetro. A SEMA possui tal instrumento. Sua aplicação é problemática pois exige formação técnica e jurídica dos agentes que a aplicam. Além disso, o delito sonoro ou infração sobrecarregaria os tribunais. A SEMUTTRAN se limitou portanto ao controle da velocidade, para diminuir o número de mortes.

Situam-se os campos sonoros observados a pé:

Em cor verde: os espaços sonoros vividos como agradáveis. Aos alunos do turismo foi proposto que alguém estudasse o espaço do beira rio de turistas surdos. O consultor teve três candidatas. É de pensar-se na biblioteca, sonoteca, olfatoteca do rio. Poderia integrar o futuro Engenho Central, na área do Parque do Mirante onde o rio ainda fala.

Cor violeta: os espaços sonoros ou vibráteis agressivos e vividos como desagradáveis.

Cor vermelha : os espaços muito desagradáveis.

Cor verde: os espaços sonoros agradáveis.

Cor amarela: os espaços de silêncio.

Cor preta Conflito sonoro. Piracicaba é barulhenta. Os pontos de mais barulho coincidem - mais uma vez - com os pontos turísticos emblemáticos da cidade. Além de revitalização e recuperação do rio, será necessário requalificar o rio.

Drama: quase todos os lugares de som agradável e de silêncio se encontram ameaçados de mau cheiro. Esse tema sugere a formação específica dos jardineiros e garis, como dos técnicos e guardas.

O Rio Imaginário

Mapa 28 e 29 – O Rio Festivo

Ao longo do diagnóstico houve muitas festas - Paixão de Cristo, Festa das Nações, Arrastões, Descidas de barco até Tancuã, preparação da Festa do Divino e outras. Das informações recolhidas nestas sinergias elaborei os dois mapas que seguem.

- Em cor vermelha: O engenho como território de festa
- Em cor laranja: as festas da água
- Em cor verde: mongolfiere e balões
- Em cor amarela: os esportes da água (o esporte é classificado nas festas)
- Em cor violeta: as festas alimentares
- Em cor laranja escuro: festa de lazer
- Em cor grená: os bosques e jardins festivos

Vocabulário

No sentido científico ou antropológico do termo, entende-se por imagem as representações mentais ou visão do homem e do mundo (idiossincrasia, em espanhol, weltungschaung, em alemão). Por conseguinte, a representação mental é o conceito central da antropologia, etnologia, museografia. A característica da representação mental é sua função motora dos comportamento (os, geradora dos valores éticos, de acolhida ou de desprezo dos outros (escravagismo, amnésias voluntárias ou involuntárias). Classificamos aqui não só o imaginário da literatura, do folclore do rio, seus contos, lendas, cantos, danças, sonhos e práticas mágicas, mas também a imagem mental do rio e da relação antrópica com o rio na superfície, no lençol freático, nas chuvas e umidade do ar (neblina).

Este capítulo constituiu com certeza a metade do diagnóstico pois incidiu na imagem ou CARA de Piracicaba, sua sedução ou atratividade para os turistas, industriais e imigrantes, a imagem de marca do comércio, do seu urbanismo e paisagismo.

Neste sentido, o rio que se imagina é o rio motor dos comportamentos ou das representações mentais - conceito básico das ciências da cultura, como da economia, do urbanismo e paisagismo, do comércio e indústria hoteleira e turística e do poder político. Numa palavra: o rio que se imagina é o rio da identidade de Piracicaba, sua imagem de marca, sua auto-estima e valorização coletiva

Portanto esse tipo de rio é o mais importante do projeto, pois é o nervo do rio da cultura. Interessa portanto a imagem da Noiva da Colina, a Cara de Piracicaba, seu prestígio fundamental, sua identidade, sua cara, sua estima na consideração dos outros e de si mesma. Interessa às Secretarias da Comunicação, da Cultura, do SEMA & SEMUPLAN (urbanismo e arquitetura), Saneamento (embelezamento dos aterros e estações de tratamento e captação), Obras Públicas, Trânsito e Transportes, Turismo, Esportes, Indústria e Comércio, Reflorestamento, Paisagem e, de modo geral, todos. É o rio do Design. O rio da IMAGEM de MARCA da cidade e do município. Do ponto de vista científico, o rio que se imagina é objeto da sociologia do imaginário (ensinada em muitas universidades do mundo, não é ainda ensinada em Piracicaba) da etnografia e antropologia cultural, podendo ser aplicada às escolas de hotelaria e turismo, parques & jardins.

O rio imaginário se refere à imagem da Noiva da Colina, a Cara de Piracicaba. Incide diretamente sobre a arquitetura, o urbanismo, o paisagismo, jardinagem, Turismo, Restauração, Cultura, Patrimônio, política, auto-estima ou auto-desprezo, sendo a chave da sociologia do poder e da identidade. A sociologia e antropologia política estão ligadas à sociologia do imaginário (ao que soubemos as universidades de Piracicaba não ministram essa disciplina.) No começo de tudo, essa questão foi tratado pelos filósofos desde a antigüidade. Os teólogos também trataram do assunto, na questão fundamental das religiões imanentes e

religiões transcedentes ou religiões da Salvação. Esse tema esteve presente na famosa teologia da Libertação e na filosofia do Orçamento Participativo.

Digamos que é a imagem de marca da cidade e do município. Como tal é seu renome e seu prestígio, a chave da sedução e atração industrial, comercial, habitacional. Entramos pela porta da poética do espaço e no debate inicial da comissão que desejava saber como a poesia intervém na construção de uma praça pública, poderíamos dizer ponte. O parecer do Consultor proposto à Comissão é de que o Centro de Ciências e de Tecnologia deveria estar ligado a um Centro de Filosofia e Antropologia Cultural do rio e do trabalho.

As imagens do rio como motores do comportamento Imagem-ação

Os comportamentos benéficos relativos ao rio

Através das observações de campo, das leituras e das conferências, concluímos que a imagem vivenciada do rio e de suas orlas pode ser esboçada nas seguintes notas.

O rio é amado

Esse amor ao rio que chega ao nível místico e poético

A relação com o rio é memória - o maior patrimônio

O rio ainda garante a vida da comunidade humana, da fauna, ictiofauna, flora.

O rio é instrumento de trabalho e de desenvolvimento econômico.

O rio faz viver mas também mata

Os comportamentos negativos ou problemáticos

Analizando os comportamentos relativos ao rio, nas margens e no seu leito, é possível tirar os seguintes tipos de mentalidades comportamentais. Todas se manifestam de maneira apaixonada, por vezes violenta. Debater do imaginário é sempre perigoso, porque ele é o motor das ideologias.

Teses errôneas na ótica da revitalização do rio

1ª Tese errônea : O rio é um bem comercial, jazida a ser explorada. O rio é coisa, não é gente. Portanto o comportamento predatório não tem problema.

2ª Tese errônea : O rio é reproduzível ao infinito. O progresso não tem fim, ninguém segura o progresso. Portanto, quem critica o progresso é retrogrado e inimigo da civilização.

3ª Tese errônea : A ciência e a tecnologia vão encontrar solução para todos os problemas do rio.

4ª Tese errônea : O desenvolvimento sustentado é durar, tenazmente. Não é regenerar.

A polêmica em torno dessas mentalidades agitou todo o contexto do diagnóstico, sobretudo em relação à Hidrovia, à Carioba II, à queima da cana, aos gastos em relação ao lixo e ao esgoto, etc. O mais importante para o presente projeto Beira Rio é como a mentalidade predatória é vivida nas comunidades e como é possível encorajar e instrumentar uma mentalidade sinérgica: viver COM o rio e não CONTRA ele. É a essência da definição que a Agenda 21 dá ao conceito de desenvolvimento sustentado. Este possui uma componente científica e técnica e outra componente ética. Hoje, ambas vão de par porque a ciência encontrou seus limites e a tecnologia também. Seria longo desenvolver aqui os argumentos contra as proposições ideológicas acima. Mais importa começar ações de comportamento diferente.

O que fazer quanto ao rio imaginário

Contribuir para a evolução dos comportamentos predatórios em comportamentos responsáveis.
Desenvolver a economia COM O RIO E NÃO MAIS CONTRA ele.

Todos os membros da comissão e seus convidados trataram desta questão, referindo-se a todas as escalas de responsabilidade.

Na escala abrangente mais ampla, citem-se Martinelli pela ESALQ, Assis pela CETESB, Moretti pelo Comitê de Bacias, Seydell pela SEMAE.

Na escala mirim: citem-se todos os pescadores da rua do Porto. Talvez um deles, o famoso Luiz Pacú, citado por sua filha Zelite (ouvinte da Comissão) lamentava:

"Tiraram tudo do rio, os pés de pitanga, de uvaia, goiabeiras, genipapo, jatobá, mangueira, enfim todo tipo de árvore que derrubava suas flores e frutinhas e sementes para os peixes comer. O restilo e detergente que desciam em forma de espuma destruindo tudo e dali a pouco os peixes estavam mortos de barriga para cima, rodavam e paravam no largo dos pescadores e outros lugares mais para abaixo. O rio tem sofrido muito e o povo junto. Na estiagem o rio estava limpo."

Para esta imensa energia afetiva está faltando instrumentos de ação. Cientistas e técnicos poderão contribuir para isso. O Elias do Boneco, agindo por intuição planta árvores, planta ainda e ainda para os peixes voltar ao seu rio que é sua mãe e seu deus.

Assis, engenheiro da CETESB, escreveu no jornal levantando alvoroço: "Gente, os peixes estão voltando". A frente literária, poética, teatral, musical, dançada e a frente jornalística é fundamental nesta recuperação e revitalização do rio imaginário, o rio da relação e dos comportamentos a todos os níveis e escalas. Sem este apoio ao rio imaginário, o rio sanitário não consegue revitalizar o Piracicaba. Nisto há uma aliança objetiva entre os engenheiros e os literatos, entre os industriais e comerciantes e os Elias do Boneco e Luiz Pacú.

Terceira parte***Diretrizes***

Do conjunto do diagnóstico descrito e ilustrado e segundo a mesma filosofia, decorrem as seguintes diretrizes para um caderno de encargos do programa de ações de um Plano Diretor da revitalização do Rio Piracicaba.

A medida humana da cidade e do município é o cidadão a pé mais frágil.

A cultura está no centro da revitalização do rio. Esta cultura brota da sinergia entre o rio e a cidade ao longo do tempo de do ritmo. Esta relação gera o espírito do lugar, isto é a sua identidade. Portanto, ao afirmarmos que a cultura está no centro da revitalização, afirmamos que o espírito do lugar está no centro do Projeto Beira-Rio. A relação entre a cidade, o município e o rio é de natureza cultural, isto é do tipo de comportamento que anima os cidadãos, suas instituições e empresas na suas relações com o rio e com seus afluentes e lagoas. Por mais criticáveis que possam ser os comportamentos das gerações passadas, elas criaram um espírito do rio, isto é, uma identidade. Ela não pode ser rejeitada, mas transformada e integrada na identidade do presente.

Trabalhar com o rio e não mais contra ele. O rio e a cidade fazem parte de um mesmo sistema coerente. O rio não é submetido à cidade, esta não é submetida ao rio. Ambos se colocam em relação de sinergia para a revitalização mútua. Esta posição ética e científica fundamentará e animará todos projetos de curto, médio e longo prazo, em todas as escalas.

Passar de uma cultura predatória a uma cultura solidária com o rio. Os comportamentos ou cultura fluvial das gerações passadas e da geração presente são predominantemente predatórios em relação ao rio, lagoas, à terra, à flora e fauna, como também com o ar. Esse comportamento derivou da idéia geralmente aceita na cidade, no país e no mundo ocidental de que a natureza era infinita, como o rio são infinitos e possuem capacidade de recuperação endógena sem fim, superando qualquer tipo de prejuízo natural ou antrópico de que são alvo. A ciência moderna veio em apoio aos fatos para demonstrar que tal crença era infundada, pois a vida do rio, da terra e do ar são limitados e podem portanto ter um fim. Todo dano causado ao rio e ao seu sistema tem um custo que deverá ser pago pela geração presente ou pela geração futura. A este compromisso ou responsabilidade se chama desenvolvimento sustentado, segundo a Agenda 21.

Participação democrática e responsável. Os habitantes e usuários do rio e de suas beiras tem portanto o direito de participar em todos os projetos públicos que lhes dizem respeito, em todas as fases do programa, desde a concepção até a realização, avaliação e gerenciamento permanente. Eles o fazem com o que sabem e com o que sabem fazer, segundo sua idade e grau de conhecimento intelectual e afetivo. Os cidadãos mais frágeis, como as crianças, os enfermos, os diminuídos físicos e mentais tem o mesmo direito de participar que os cidadãos mais fortes, ricos e qualificados. Como corolário, os cidadãos trabalham em parceria com os técnicos e os responsáveis políticos, na modalidade que convenham adotar para este fim. O emprego dos cidadãos é a primeira prioridade desta nova relação participativa com o rio.

O rio faz parte de uma bacia. Trabalhar em termos de bacia, isto é, o rio e seus afluentes nos dois hemisférios municipais e em co-responsabilidade com os habitantes de todo o vale. Este princípio inclui a relação de todo o ecossistema na sua biodiversidade.

O tempo do rio é tão importante quanto o espaço. A reconciliação com as 6 memórias fundadoras da identidade de Piracicaba é um princípio maior de orientação do projeto Beira-Rio. Estas memórias são as seguintes: indígena, caipira, negra, colona, industrial e do rio e suas beiras. A apropriação da memória coletiva é absolutamente necessária para garantir o futuro. Seu esquecimento é um perigo grave de perda de identidade. A reconciliação destas memórias é possível através da ação do Projeto Beira-Rio em todas as suas escalas, a curto, médio e longo prazo.

A identidade de Piracicaba é composta de sua memória inscrita no rio e nas suas beiras e afluentes, como na relação com a terra e a cidade material. O retorno às raízes do rio e do lugar é portanto uma tarefa permanente da memória. Estas são cinco : memória índia, caipira, negra, colona e atual. A sexta memória é a do ecossistema (geobiologia). A ignorância ou o esquecimento de uma das memórias deve ser considerado com um perigo maior para a identidade de Piracicaba. Os antigos gregos diziam que os deuses quando queriam castigar os homens os faziam perder a memória. Para todas as civilizações, a lembrança de si foi condição de sobrevivência. Assim será no futuro.

Os ciclos exprimem a energia do rio e da relação da sociedade com ele. Eles são também chamados ritmos. São de mesma importância que o espaço e a memória e indissociavelmente culturais e naturais. Eles servem de referência constante de todo o programa do Plano Diretor do rio urbano e rural.

Princípio de Direito. Legislação aplicável. Legislar segundo os meios técnicos de aplicação, de controle e de sanção positiva ou punitiva. Assim a lei ou decreto serve de instrumento para o bem comum e não como imposição arbitrária. Em caso contrário, a lei ou o decreto inaplicável desacredita o poder público e se torna contraproducente - agrava o mal que a lei pretende debelar, culpabiliza e revolta o cidadão que é levado à não cumprir a lei e a tornar-se um revoltado ou um corrupto.

O rio e suas beiras são espaço público e gratuito. Sua ocupação exclusiva por cidadãos particulares deve portanto ser negociada com o poder público. Sua utilização é colocada sob a responsabilidade do público segundo as leis que regem esse tipo de espaço. O espaço , o tempo e o ritmo do rio e do município são extensão da identidade espacial dos habitantes humanos. Corolários : a calçada como território do passo é prioritária sobre a faixa da rua ou da avenida. Da mesma maneira, o passeio a beira do rio, de afluentes e lagoas é espaço mais importante que o espaço destinado aos carros e aos parkings de estacionamento.

A prática democrática da cidade e do rio passa pela solução permanente de conflitos de interesses, todos legítimos em si. Entende-se aqui por conflito não o choque entre o bem e o mal, ou entre uma razão e um erro, mas no encontro de dois ou mais interesses todos legítimos que entram em atrito. Este é o fundamento jurídico e ético da democracia. O rio é um campo de interesse múltiplos e divergentes, portanto exigem negociação permanente.

Princípio de Participação e Concentração dos Atores do Projeto. Esse princípio consiste no papel não somente de delegação mas de participação ativa em todas as fases do programa : concepção, elaboração do diagnóstico e do projeto, escolha do projeto, implementação do projeto, avaliação, correção dos desvios ou incorporação das inovações, gerenciamento permanente da cidade a beira rio. As associações, clubes, sindicatos são instrumentos técnicos para tornar viáveis a participação dos cidadãos e dos três atores que são os habitantes, os profissionais e administradores e os políticos. Portanto, este princípio é uma ajuda à decisão quanto à seleção dos projetos, sua programação e implementação.

Segundo o princípio da participação cada ator entra com a sua própria competência e saber. O cidadão mais frágil como são as crianças tem o direito de participar e de serem informados constantemente dentro da seu campo de compreensão e linguagem. Neste sentido, cada habitante, o técnico, o político tem a sua própria especificidade, nenhum deles entra no domínio do outro. Assim, o habitante ribeirinho é o maior perito na arte de habitar o rio. O técnico é o melhor perito para comprehendê-lo e transformá-lo e o político é o

melhor perito para decidir no interesse comum. A conjunção destes três poderes é realizada no campo da ação a curto, médio e longo prazo. Para este efeito é necessário uma informação permanente dos técnicos, políticos e profissionais como da população aplicada aos projetos concretos. Evitar a formação dos atores em uma linguagem de tipo escolar ou universitária isolada de projetos concretos. Não agir por aplicação de conceitos mas induzir os conceitos da ação prática.

Para esta formação permanente um dos instrumentos de organização existentes no campo informal é o do Orçamento Participativo. Outros instrumentos são os Clubes, os Conselhos Comunitários, as Associações Comerciais, Esportivas, Culturais, Científicas, as ONGs e outras Entidades Comunitárias e Profissionais.

Quarta parte**Estratégias de Ação*****Indicações de um Programa
de Ações para um Plano Diretor***

Seguir duas estratégias simultâneas :

A indutiva a partir do agora e aqui das comunidades.

A dedutiva a partir do agora e aqui em grande escala.

O princípio estratégico consiste em apoiar a população em todos os projetos em que é a autora principal. Formá-la para que participe nos projetos de grande escala. O objetivo é a sinergia dos três atores do projeto : habitante, profissional, político, a começar pela escala do habitante.

A curto prazo e em escala local***Estratégia******Princípio de progressão sistêmica e não de sucessão mecânica***

Ganhar o longo com o curto. Programa de ações locais e a curto prazo. Porém as ações a curto prazo e de pequena escala (A) devem ser direcionadas para a médio prazo e média escala (B) e para a longo prazo e larga escala (C). Desta forma, a ação a longo prazo e de grande escala começa desde já na pequena escala e atravessa a segunda. Não há sucessão mecânica mas há um processo.

Esquema

A. 6 meses

B. 2 anos

C. 4 anos

O curto prazo em escala local (A) mesmo mínimo, é sempre o começo gerador do médio prazo e escala (B) e do longo prazo e larga escala (C).

Exemplo 1: uma caminhada de meia hora numa trilha silenciosa é direcionada na estratégia média das calçadas urbanas e na estratégia dos transportes públicos e do tráfego interurbano. A escala muda, mas o espírito ou o princípio diretor é constante.

Objetivo

O objetivo do curto prazo é psicossocial e político. Conseguir e reforçar a adesão e a dinâmica das comunidades ribeirinhas e a cobertura da opinião pública. Organizar o trabalho com as comunidades, com a ajuda dos turistas, usuários e amigos, estudantes das universidades. melhorar a competência (experiência) e a qualificação (aprendizado) dos animadores e dos funcionários.

Formação dos coordenadores ou líderes locais e organização das comunidades através destas ações escolhidas pelas comunidades que as preconizaram ou até começaram. Sempre dar prioridade ao que já está existindo. Não cortar a perna de carne e osso para substitui-la por uma perna de pau.

Informação continua do público: é o princípio de ressonância. Estabelecer ligação imediata entre as comunidades e a coordenação. Ir informando a comunidade pela comunicação ao vivo (telefone árabe) e pela rádio, jornal, televisão, festas e encontros sobre o plano a médio e longo prazo, a fim de barrar o caminho à demagogia do poder fácil e ambíguo.

Coordenação

Tarefa da Coordenação ou do Comitê: gerenciamento, controlando a coerência da estratégia. A coordenação deve estar vendo o painel todo a todo o momento, de cor. Essa visão global e continua existe nos animadores das comunidades locais, como foi notado na Rua do Porto. Ajuda na decisão das comunidades, na ajuda à direção ou organização, avaliação continua ou controle participante. Comunicar.

Lista de ações

Lista de ações em andamento que podem ser apoiadas a curto prazo, numa perspectiva estratégica de longo fôlego de política de participação de fundo:

Pólo Central

A. Curto prazo. Embelezar, limpar e arrumar o Barranco, com bancos, quebra sol e proteção contra a chuva e o vento. Banquinhos simples. Pôr em valor os lugares piscosos. Marcar e honrar árvores e lugares tidos por sagrados pelos antigos. Eliminar o mau cheiro imediato. Botar lixeiras.

B. Instalar Bicas d'água potável e sanitários a intervalos regulares, segundo as normas de saúde pública. Instalar cozinhas frugais higiênicas ao ar livre.

C. Realização do grande projeto BARRANCOS, sub-projeto do Centro Oficial do Mundo cujo polo é a Prefeitura e que comporta a abertura de Brechas nas muralhas do morro.

Pólo Central

A. Eliminação do mau cheiro do barranco da Rua do Porto.

B. A médio prazo: saneamento, diminuindo a nocividade dos esgotos e do rio

C. A longo prazo: o projeto do saneamento do Piracicaba urbano (4 anos).

Pólo Central

Ilha dos Amores acima do Salto

A. curto prazo: levantamento científico da área (já está feito com a ajuda da ESALQ - Kageyama e Martinelli) preparando a construção do corredor de espécies. Corolário: redescoberta das Ilhas pelo grande público (em andamento, pela ação da SEMAE com Valdizia, Seydell, Cancelieri e outros).

B. Médio prazo: Metamorfose do lugar. Em parte já feito pelo André Ranzani e equipe: Cancelieri e Tomas Butscher com a municipalidade de 1995 - 99 e agora de José Machado.

A escolha deste projeto fácil e barato obedece ao fato de ali passar meio mundo de cidadãos. Importante erguer passarela alta para todo passante ver e admirar, mesmo sentado.

C. Longo prazo: construção do corredor de espécies, ligação das ilhas ao hemisfério da colina sul de que fazia parte antes de Luiz de Queiroz, em contraponto com o parque do Mirante e a frente do Hotel Beira Rio. Preparar o desenterro do Itapeva.

Rua do Porto

A. Redescoberta da mina de barro da Tijuca do Calçadão com antigos oleiros e oleiras. Reconstruir uma maquete artesanal do dispositivo da olaria.

B. Escolha do lugar do Museu vivo do barro da Rua do Porto em função da animação dos restaurantes do Calçadão. Apelo a projeto do Museu do Barro com seu sistema, incluindo Parque.

C. Construção do Museu do Barro e inauguração.

Pólo Bandeirantes e City

A. Redescoberta da esplêndida mata ciliar Renato Wagner de um lado e do magnífico canal da beira direita entre o Mirante e a captação Belgo Mineira. Batismo das árvores, com o nome científico (ESALQ) e com o nome popular (SEMAC). Comunidade ribeirinha de São Dimas, dos Velhinhos e do Clube de Campo, da Cia City (proprietária do Terreno) e CODEPAC - o terreno da City foi o lugar da Cooperativa do Engenho Central, e ali foi a estação do trenzinho, do trem da Sorocabana e do bondinho.

B. Construção das calçadas e das trilhas da avenida Renato Wagner e do caminho do canal. Arrumação da Bica d'água. Cooperação do Shopping e das Universidades.

C. Paisagismo e urbanização: projeto de envergadura confiado a urbanista, em equipe com paisagista, engenheiro de pontes e arquiteto de pontes, agrônomo florestal e botânico, engenheiro de trânsito, programador. Economista para estimar os custos do programa.

Bongue

A. definir com a comunidade a integração da área no perímetro urbano. Traçar e construir as calçadas do caminho dos pescadores do lazer. Bancos públicos, abrigos, latrinas, lixeiras. Organizar a participação das comunidades até Glebas Califórnia. No outro lado, a mesma coisa com a comunidade da avenida Cristóvão Colombo e Cruzeiro, e seus usuários.

B. Construção do muro de contenção ou canalização, construção da ciclovia.

C. integração deste polo no grande projeto que compreende o Matadouro, a Pedreira, o Carrefour, o ribeirão do Enxofre, a Ponte Pinassi(Caixão), Klabin e a Favela.

Monte Alegre

A memória industrial Colona ou Imigrante

Tema: a mão do cortador de cana

A. Implementar o Projeto do Centro Comunitário de Monte Alegre com a equipe do Instituto Memorar). Ampliar o apoio empresarial dos proprietários da Usina e da Votorantim. Continuar o Arquivo Oral começado no diagnóstico. Fichário duplo: um na comunidade. Tombamento das Casinhas e da Fazenda (hoje propriedade da família Silva Gordo).

B. Recompor o mapa da comunidade em sua idade de ouro (1955) e sua cultura. Restaurar o polo das águas festivas da Lagoa e da Teixeirada, ampliá-las para as 4 lagoas a leste.

C. Realização do Projeto Monte Alegre/ Tema ou espírito do Lugar: a Memória do Colono da Cana e do Álcool. Símbolo: a mão do cortador de cana.

Corumbataí

Fonte da Cidade

A - a curto prazo, visita e encontro com a comunidade e a empresa mais próxima do lugar de captação. Passeio ao longo da adução até Capim Fino. Visita à Comunidade de Sta. Gertrudes que purificou uma das fontes do Corumbataí (1997 a 2000).

B - Ligação com Museu da Água e com as trilhas Beira Rio.

C - Reforestamento ciliar protetor dos mananciais da cidade de Piracicaba.

Pau Queimado

Os Catadores

A - Encontro e Visita à comunidade dos catadores de lixo do aterro sanitário Pau Queimado, sob o guia do Secretaria Municipal de Solidariedade (Cibele Marques da Silva), do SEMA, SETUR e CETESB e a comunidade de Pau Queimado. Especialistas da avifauna da ESALQ e do Jardim Zoológico. Artesãos (artistas) da associação de artistas do lixo. SEMUTTRAN. È um dos panoramas de primeira qualidade da cidade e do município, perto de mananciais. È uma das experiências mais sensíveis do desenvolvimento social.

B - organizar com eles a cooperativa de Tancuã. Ligação com a sociologia do bagaço, Sindicato dos Plantadores e moedores de cana. Responsáveis das Trilhas. Ligação com o Matadouro.

C - Estabelecer elos com as comunidades de experiências no estado e no Brasil e depois com as do mundo. Estabelecer contato com especialistas engenheiros e antropólogos. Criar um centro de informação de Pau Queimado centrado sobre o tema da Rudologia (Ciência do Lixo).

Ártemis

Com hidrovia ou sem Hidrovia

Tema do lugar: o Porto João Alfredo

Tema secundário: Ponte de Ferro, substituto da Balsa

A. Retorno festivo da beira do rio e limpeza da área do Porto João Alfredo e da Pêra da Sorocabana, com sua Tijuca. Saneamento do Esgoto que ali se despeja. Aliança com os moradores da margem direita, para abrir acesso da população ao rio. Aliança com a população da margem esquerda: condomínio, povoado de Deolinda Viana, Fazenda de Egidinho e de Gibran, Chácaras de Diocleciano Villar e vizinhos. Apoio da AMADA e dos fazendeiros Egidinho, Luizito, Gibran e dos empreiteiros Áureo Camolese, José Geraldo Viana e outros. Limpeza e restauração da piscina de Água Sulfurosa.

B. Organização do turismo rural (Luizito) e das trilhas de Ártemis das duas beiras. Paralelamente, informar a comunidade sobre o projeto Hidrovia, do qual ela seria o polo oriental maior no caminho de Piracicaba e de Campinas, e ocidental para o portal de Tancuã e de Barra Bonita, Sta. Maria da Serra, passando pelo Porto de Areia. Apelo a projeto da Pousada das Trilhas de Ártemis.

C. Realização do turismo rural e da participação da população na construção do polo hidroviário de Ártemis. Inauguração da Pousada das trilhas.

Tancuã

Portal Oeste de Piracicaba

guarda do parque natural e cultural de Tancuã

A. Construção participativa da rampa, embrião do futuro porto. Construção da praça pública. Organização e funcionamento da cooperativa de coleta lixo do rio e do Pantanalzinho. Reparação da iluminação pública. Água Potável. Organização de uma agência bancária e parada de ônibus e de carros.

B. Criação do estatuto do Bairro de Tancuã, unido ao povoado da margem direita, em frente e ligação com Ibitiruna e Pires na Barragem da Usina de Barra Bonita. Criação da escola, nomeação da professora que já diplomada que é hoje pescadora junto com sua mãe. Ajudar na instalação de uma agência de correio e telefone público. Aliança com os fazendeiros e com a Marinha para um terreno para a instalação do embrião do parque de Tancuã, fonte de emprego e de desenvolvimento científico e cultural da água, arqueologia subaquática (redescoberta da povoação submersa de Bela Vista, de onde - segundo Marly Perecin - a atalaia avisava Piracicaba com tiros de trabuco da passagem de comboios pelo Tietê).

C. Criação oficial do Parque. Caso não seja feito, o local já é um polo turístico de alta frequentaçāo, com visitantes fidelizados.

Ferro Liga

Tema : Centro das seis Memórias (índia, caipira, negra, colona, industrial e canal)

A. Contato oficial com os responsáveis da empresa, seguido de visita da comunidade aproximada e dos antigos operários.

B. Elaborar o projeto com a comunidade inclusive artistas e outros participantes, sob a guia de um urbanista

C. realização do projeto

Jardim da Boyes

Aliás, Parque Dona Hermelinda de Queiroz

Aliás, Cemitério dos índios

Aliás, « Sorocopeba » (Terra Sagrada) Culto dos Ancestrais

Tema : espaço de contemplação. Elo com Boyes, Ferro Liga, Museu da Água, Engenho, Lagoa da Almas (Ciaporã), Tijuca, Salto. Atores de base : moradores da rua Luiz de Queiroz, IHGP, Boyes, Ferro Liga, SEMAC, SEMA, SEMUPLAN . Participação obrigatória de um antropólogo.

A . visitar o lugar sob a guia do IHGP – Marly Perecin. Visitar e conhecer todas as plantas e o chão sagrado. Construir uma igaçaba e botá-la ao lado de Dona Hermelinda. Comemorar o lugar na primeira Lua Nova (Ciaporã) da Piracema

B. Elaborar um projeto com a comunidade de habitantes e das empresas, inclusive dos garis, equipe multidisciplinar. Projetar filme sobre ritual funerário dos índios e sua vida.

C. Realizar o Projeto

Ciaporanga

Lagoa da Almas

Tema : Núpcias dos índios

A . Visitar o lugar com os amigos e usuários do engenho Central , IHGP, SEMAC, CODEPAC, ESALQ, moradores de Vila Rezende, pescadores da Rua do Porto, CETESB

b. Elaborar juntos Projeto de restauração da Lagoa. Participação de Antropólogo.

C. Realizar o Projeto

Canais do Grande Projeto

Engenho Central e Ilhas

Tema : Energia do Salto

A . Visita aos sete Canais. Guias : SEMAC, SEMAE, Museu da Água, SEMA, Guarda Florestal, Bombeiros, Escoteiros, City Boyes, Ferro Liga e outros

B. Limpeza dos canais, restauração dos caminhos, dentro do esquema das turbinas, caieira eclusas, Parques do Mirante e do Engenho, Lagoa da Almas

C. Realização do Projeto

Os treze exemplos que acabam de ser indicados correspondem 'a estratégia do curto, médio e longo prazo juntos. Neste sentido vão agora projetos de grande escala, todos eles em A , B, C.

A comissão recebeu mais de 100 proposições sobre o que fazer para recuperar e revitalizar o rio e suas beiras norte e sul. Umas já realizadas em parte. Outras por fazer. Outras apenas em esboço. Estas proposições foram todas ouvidas com atenção e conservadas na memória do diagnóstico permanente do rio. A comissão considerou que tais projetos farão parte da fase da resposta aos editais de apelo a idéias e a projetos, fases consecutivas ao diagnóstico participante.

Neste capítulo se procura dar uma dupla coerência ao que fazer.

Por coerência entende-se uma orientação básica, afirmada por escrito pelo poder público e que serve de orientação para todos os conceptores e realizadores do programa em todos os tipos de projeto.

Uma coerência dedutiva, na escala global ou abrangente.

Uma escala indutiva, na escala local aproximada e ascendente.

O encontro das duas escalas é possível dentro da lógica de projetos comuns.

Tarefas permanentes A curto, médio e longo prazo

A primeira tarefa é política de cidadania.

Criar uma moral favorável ao projeto. Ampliar a adesão afetiva e técnica dos moradores ribeirinhos e de toda a cidade na revitalização e mudança de comportamentos em relação ao rio e às águas em do município. A prioridade não é portanto objetiva mas subjetiva, formadora, motivante ou encorajadora e organizadora. A coordenação deve estar atenta à essa dinâmica para avaliar o momento adequado de lançamento de projeto de maior escala.

A segunda tarefa permanente é saneamento básico com três frentes :

Saneamento sensível: eliminar o mau cheiro da área central onde passam multidões cada dia. É área do urbanismo, da paisagem, da cultura espacial sensível e da estratégia de gerência urbana. Eliminar a imagem de mau cheiro da cidade. Esta frente não é sanitária, é psicológica. Embeleza o perfume da cidade que se identifica com o rio.

Saneamento técnico-científica : de engenharia sanitária. É tão importante quanto a primeira.

A terceira é a do tratamento do lixo. O caso do aterro sanitário de Pau Queimado é particularmente negativo para a imagem psicológica da cidade no ponto panorâmico mais notável da cidade, como para a saúde pública: esse aterro está na área de nascentes. Pedagogicamente, poder-se-ia apoiar a ação do secretariado de Ação Social que organizou a coleta e reciclagem do lixo em termos econômicos rentáveis. Seria necessário implementar a imagem desta profissão, pondo em destaque a arte da reciclagem exemplificada nos artistas Marilú, Elias do Boneco, Daniel Ferraz e muitos outros. No mundo inteiro, há duzentos anos, A primeira é o saneamento das áreas sensíveis das beiras do rio, como a rua do Porto e Calçadão, a Avenida Beira Rio, dos espaços de maior frequentaçāo do público a pé: Barrancos da rua do Porto, Largo dos Pescadores, Engenho Central, Avenida Beira Rio com o Museu da Água, Ponte do Mirante, Ponte do Morato.

Outras ações de grande escala

Prefeitura

(Ver Mapa 20- Bairro da Rua do Porto)

O tema do centro do mundo, que é o espirito do lugar da Prefeitura, reclama a reorganização urbana da cidade da qual é agora a cabeça, numa escala correspondente ao novo corpo da cidade que se desloca para Oeste. Ela deve ser vista de longe como sinal da paisagem do Rio.

Propomos no capítulo 4 que o novo plano diretor da cidade e do rio constitua um espaço público nas suas 4 dimensões em volta:

Pela frente, o rio ao norte e em primeiro plano a Lagoa da Tijuca - Museu do Barro , a área do Calçadão, o Rio, a Lagoa das Almas de Ciaporã e a colina das 4 Palmeiras de Vila Rezende.

Pela direita, a leste, o bairro da Rua do Porto, os três portos - Índios, Freguesia e Engenho Central, o Parque do Engenho e do Mirante.

Pelo oeste, a área de lazer do Trabalhador, os altos do Castelinho até os Altos do Bongue, para lá do Enxofre, na direção de Ártemis, Tancuã e Tietê. Do outro lado da Ponte do Morato, um contraponto da Prefeitura que marque a paisagem do segundo hemisfério. Encontrar o tema: talvez o caminho de Cuiabá que passa por Charqueada.

Pelo Sul, a chácara Nazaré, o SESC e SENAC, a colina do antigo Centro e de lá para o vale de Piracicamirim e a porta de São Paulo.

A cidade toda, com suas duas faces, é reorganizada em função do novo centro do mundo que as anima pela referência ao RIO CENTRAL, suas duas Lagoas e o fecho do Salto de Piracicaba..

O projeto de 1976 está realizado. Importa avaliá-lo e medir seu impacto no tempo, a fim colocá-lo na nova perspectiva. O grande projeto é composto de vários sub-projetos de primeira importância : todos devendo ser confiado a equipes multidisciplinares sob a chefia de urbanista.

Os sub-projetos são os seguintes:

Rua do Porto (Bairro)

Engenho Central

Área oeste até a Pedreira do Bongue e, do lado norte, da área do Algodoal

Área do Salto comprendendo as Ilhas, os Canais de ambos os lados, Palacete, Boyes, Ferro Liga, Hotel até a embocadura do Itapeva, Ponte do Mirante (Irmãos Rebouças) Parque do Mirante, Até a Passarela e, como limite, o topo as 4 palmeiras imperiais do Barão de Rezende.

Engenho Central

Encontrar o espirito do Engenho Central e reconstituir a imagem do engenho total.

Esta imagem se apresenta em 4 faces :

A primeira face é o canal. Por ele, o Engenho captou o espirito do salto, nasceu, viveu, morreu e se metamorfoseia.

A segunda face é sua arquitetura sua organização fixa e em movimento.

A terceira é o trabalho humano em todos os níveis.

A quarta é a do trabalhador sua ressonância na cidade e nos canaviais, seu comércio no país e no mundo.

A primeira face é a do sistema do engenho como energia e ritmo, ligado ao Salto pelos canais. Pelo Salto, o engenho entra em ligação ecológica com todos as indústrias que nasceram do Salto. Dali para todas as memórias até os Índios e o Engenho tem então raízes em toda a cidade e em todo o município.

A segunda face é mais conhecida graças aos trabalhos de arquitetura, engenharia, botânica, história, navegação, comércio. Falta porém muitos componentes espaciais e temporais, e todo a civilização dos objetos técnicos. Assim, no espaço, reencontrar a Ciaporã, o porto dos Índios, a bica, os traços dos escravos negros, a vida diária dos trabalhadores do engenho e do rio, a ida e vinda das fazendas, a cooperativa, as festas de nascimento, educação, casamentos, emprego, doenças, conflitos, falecimentos, acidentes. uma imensa antropologia do espaço. Dever-se-ia pensar no engenho festivo do tempo áureo: Mirante e Bosque das alamedas. O trem e o bonde, os cavalos e carroças. O imenso lixo, lenha, carvão, o fogo e a água. O ventre do Engenho Central. Talvez plantar no engenho um canteiro de canas (já existiu). Aliança com o rio, com os barcos e vapores. Porém pouco se viu do engenho inscrito na paisagem da cidade, na sua componente bi-face - as torres da olaria do Calçadão espelham as do engenho. A rampa da rua do Porto, espelha o cais do Engenho e o porto dos Índios. E assim por diante.

A terceira face. O trabalho humano leva ao engenho total invisível, o engenho do arquivo oral e à coreografia de seus gestos e fatos. Trabalho para gente do teatro e dança como para os engenheiros agrônomos.

A quarta face. A metamorfose, o engenho do futuro. Ela não é todo o engenho. As outras faces existem. Os 12 anos de utilizações como cultura constituem sua 4a face do engenho total. Ele tem ressonância nas memórias do passado e repercute no futuro (projeto). Houve muitos projetos apresentados para a metamorfose (mudança de forma) . Tais projetos poderão ser reconsiderados na perspectiva do engenho total. A busca do engenho total seria a tarefa da Comissão do Engenho.

Em suma, procurar primeiro o espirito do engenho, "l'esprit du lieu" como preconizava Le Corbusier aos arquitetos". Dentro dessa visão que pude captar através do diagnóstico da comissão, eis a localização possível dos vários tópicos desejados pelo Senhor Prefeito e por sua equipe:

Piscina : Dois lugares. No bosque social do Engenho, onde já existiu, com vista sobre a cidade sul, na linha da igreja São Benedito.

Planetário : na área das 4 palmeiras imperiais de Vila Rezende.

Aquário : Na Lagoa das Almas - a Ciaporã. No fim do Canal maior do Engenho - ligado às Ciências do Rio : corredor de espécies das ilhas dos amores, museu da água, Boyes e Ferro Liga, olarias da Rua do Porto e Artesãos. Estamos ali no miolo da civilização piracicabana. Este aquário já existiu na ESALQ, no local do CENA. Deveria ser relacionado com o corredor de espécies das Ilhas.

Centro de Ciências e Tecnologia : na Moenda, perto da Grande Chaminé. Ou talvez melhor nas oficinas do Engenho Central. No eixo do triplo acesso e na passagem do trem e do bondinho.

Bondinho : no caminho do trem que saía e chegava ao engenho e irradiava para toda cidade norte até Ártemis, passava pela Ponte do Mirante e ia para a rodoviária. O trem da Sorocabana fazia parte das estradas para São Paulo. Este bondinho poderia prosseguir mais longo prazo até Ártemis.

Lagoa das Almas. Essa Lagoa foi redescoberta por um grupo da Comissão orientado por Marly Perecin do IHGP. Redigindo o presente relatório, observei-a no mapa da SEMUPLAN. Retive-a em todos os mapas da viagem do centro do mundo. Ela pertence ao patrimônio do Engenho Central.

A restauração e revalorização desta Lagoa seria um projeto a curto, médio e longo prazo. Reuniria todas as disciplinas científicas e artísticas. Ela incluiria todas as memórias do lugar, inclusive a do Engenho, do trem, dos cavalos, a memória da fauna e flora, ictiofauna e a terrível memória dos ofídios (talvez sejam eles que deram origem ao topônimo de Lagoa das Almas).

Ferro Liga Centro das Seis Memórias

Esta empresa ligada ao ferro, pertence como a Boyes, ao Museu da Água e ao Engenho Central à filiação do Salto graças aos seus Canais. Durante 100 anos ou mais. Para muito além dessa memória industrial de Piracicaba, Ferro Liga tem no seu paleosolo a memória sagrada do cemitério indígena, vizinho do seu santuário rupestre. Possui também a memória negra.

Assim parece-me que o espirito deste lugar é o das SEIS MEMÓRIAS : Índia, Caipira, Negra, migrante, industrial e do rio e suas beiras.

Sua vocação poderia então ser associada ao Museu da Água, do Museu de Ciências e de Tecnologia, ao Engenho Central, ao Porto da Rua do Porto, à Ciaporã.

Seria um sub-sistema do grande projeto do Salto.

No Ferro-Liga (poder-se-ia conservar esse topônimo histórico) estaria muito bem situado elencos de artistas, porque o lugar seria consagrado à imaginação.

Pontes

(Ver Mapa 3 – Os 2 hemisférios,
Mapa 18 – Arqueologia dos Transportes
e Mapa 19 - Pontes)

As pontes atuais de Piracicaba forma concebidas para carros, e nisto são apenas funcionais. Ora, o espirito da Ponte é o do ELO DOS DOIS HEMISFÉRIOS, unindo as duas faces da Cara de Piracicaba. A idéia das Pontes deveria integrar este espirito e serem reconcebidas em função do paradigma humano do passo do cidadão piracicabana mais frágil.

No sentido da funcionalidade, ela deveria comportar espaço para pedestre de dimensão pelo menos igual à dos carros e em situação protegida do ruído e do cheiro. A medida do pedestre é convencionada a 90 cm de largura para cada pedestre, sendo 180 cm para o cruzamento de duas pessoas.

Além disso, a ponte deveria oferecer aspectos arquiteturais, de urbanismo e de paisagismo e não somente de engenharia funcional de segurança. Assim, seria possível de criar bolsões de belvederes onde os transeuntes poderiam estacionar tranqüilos e ouvir e ver o rio, se possível sem sentir seu mau cheiro e sem barulho. Ali poderia haver pequeno comércio. Estes bolsões serviriam de ponto de vista espetacular do rio furioso da enchentes – rio espetáculo.

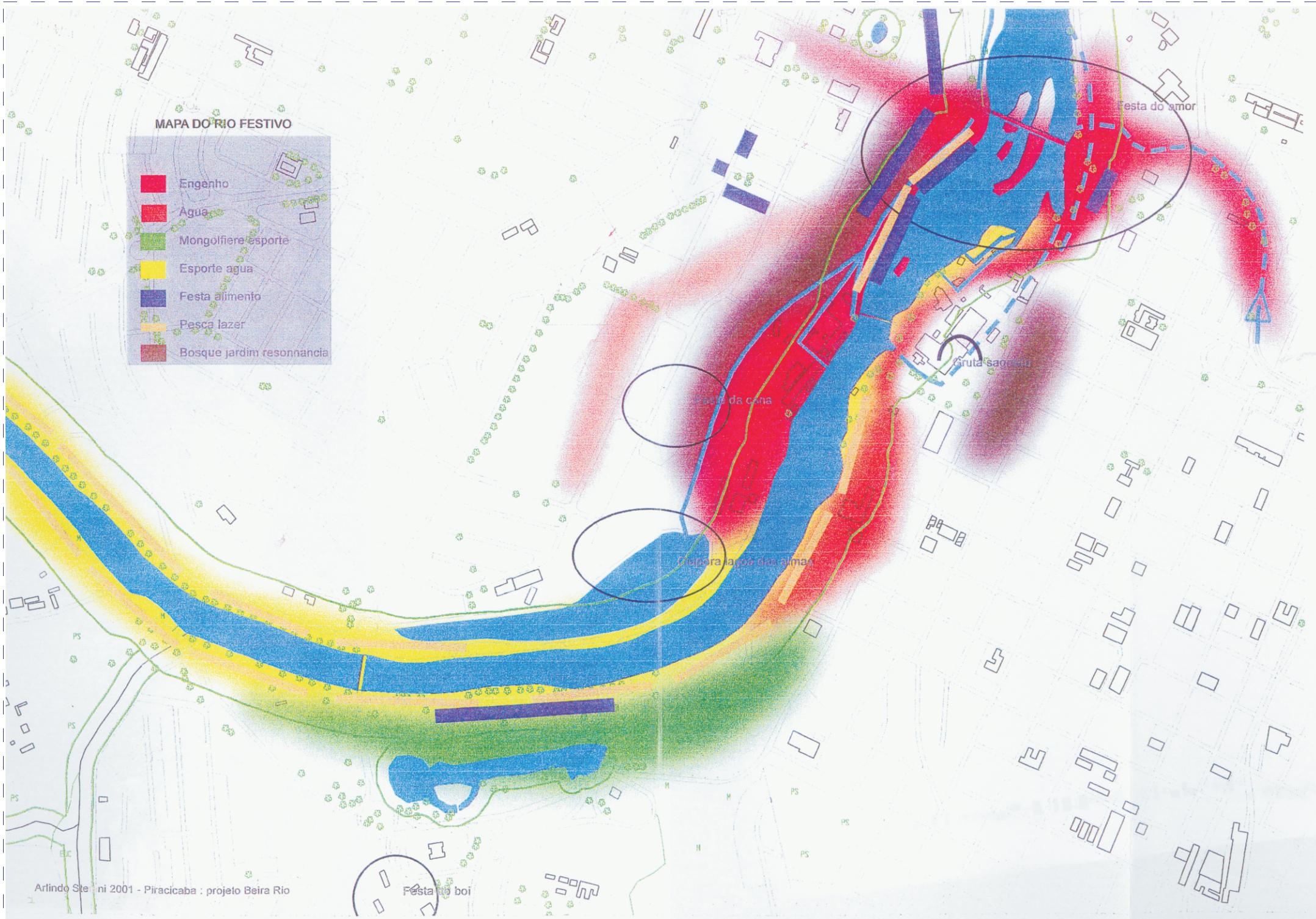
Esculturas e outras obras de arte, incluindo os lampadários, além da qualidade do material do Solo de Piracicaba poderia completar a ponte.

Esta concepção deveria integrar as cabeças de Ponte, tópicos relacionados com a grande temática mundial das portas, lugares de passagem de poder, de recepção e de adeus.

A primeira ponte a ser trabalhada seria a do Mirante. Depois a do Morato, a dos Velhinhos, do Caixão e de Monte Alegre. Aqui a porta deveria simbolizar o contato com Limeira.

Pensar no turista a pé.

MAPA DO RIO FESTIVO



PIRACICABA

MAPA DO RIO FESTIVO

Monte Alegre - Teixeirada lagoa -

Centro esquierdo

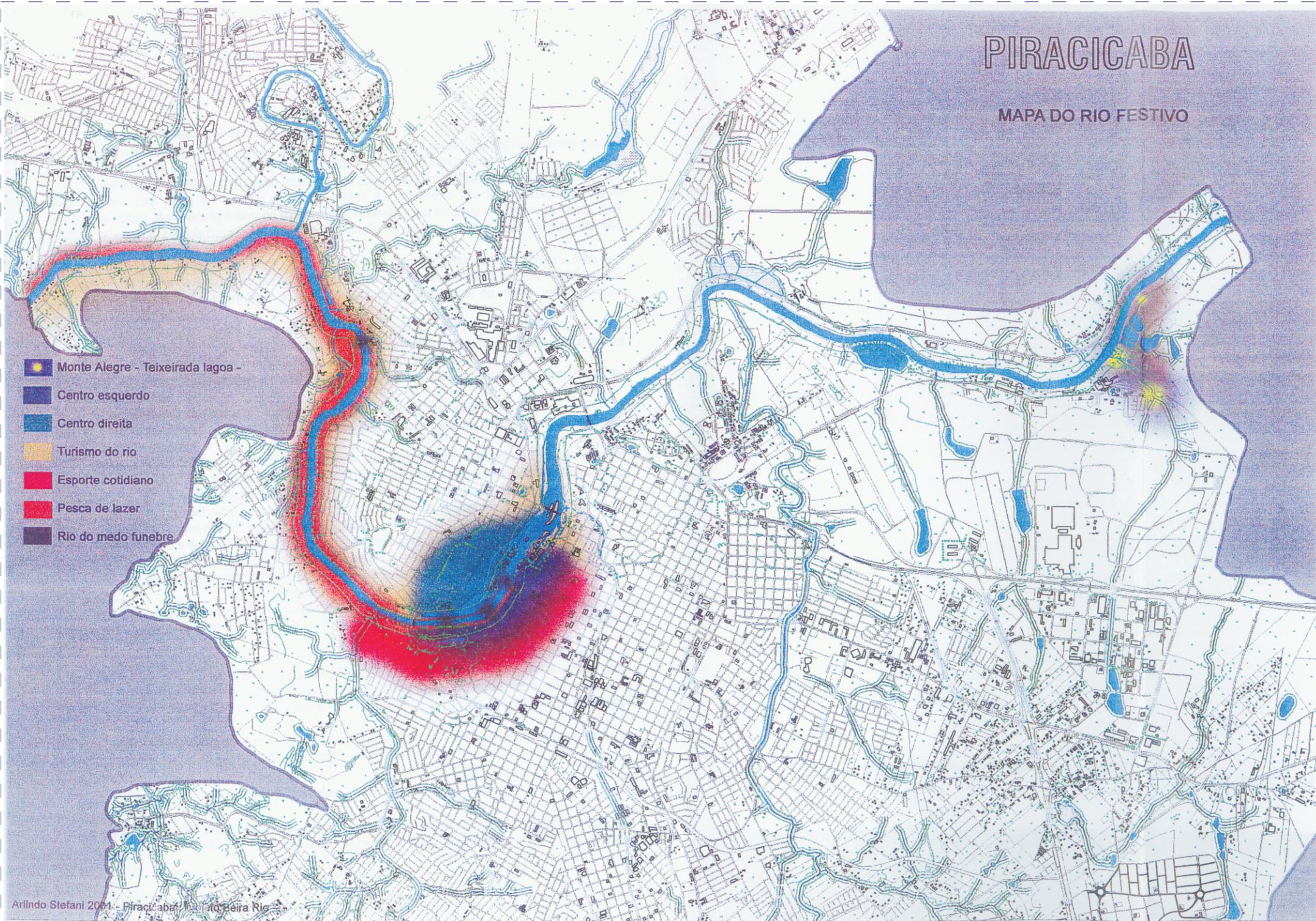
Centro direita

Turismo do rio

Esporte cotidiano

Pesca de lazer

Rio do medo funebre



Trilhas

Mapa 30 - trilhas

As calçadas do beira rio e da cidade, é o paradigma das trilhas

O tema das trilhas é o ritmo que ordena a sinergia do rio com a cidade. Quatro ritmos compassam a vida da cidade e do rio: o giro do sol, o ciclo do rio, o bater do coração e o andar a pé.

O paradigma da trilha é o passo do cidadão frágil pelas calçadas da cidade e pela beira do rio, nas duas margens. Este passo é a medida padrão da cidade em movimento (lei da acessibilidade). Nesse contexto, as trilhas são o aspecto festivo do passo, cuja expressão mais elegante é o passo da dança. Este princípio reordenará a reurbanização do beira-rio em função da ética e da qualidade de vida. Ele será também a chave da indústria do turismo.

O sistema das trilhas inclui o remo das canoas, o balão sonda, a mongolfiere. Porém a trilha está mais próxima do ônibus do que da bicicleta ou do cavalo. Ônibus é uma viagem a pé coletiva. A bicicleta tem ritmo diferente do passo e a convivência do passo e da bicicleta é conflitual no mundo inteiro. Separar portanto trilhas e ciclovias.

A prática do andar a pé é imemorial em Piracicaba. Há um grupo de piracicabanos, em cujos membros se encontra motorista da frota municipal, que vão anualmente a pé até São Paulo. Caminhar até Águas de São Pedro, ou até Tancuã é passeio de um dia - o próprio consultor

A idéia ensaiada nos passeios e nas caminhadas do Projeto Beira Rio e sobre o rio, pode ser resumida como segue.

Duas trilhas, uma beira rio e outra panorâmica, partiria de cada dos hemisférios.

Enquanto não se construam trilhas específicas para pedestres, a sugestão é de utilizar os povoados e vilas ou fazendas como paradas.

A originalidade seriam as pousadas: verdadeiros microsistemas da vida ecológica, social e cultural local, incluindo a do rio e a do solo e subsolo, e do ar ou clima. Cada pousada seria absolutamente reservada para pedestres, com a única exceção de segurança para ambulâncias de carro, helicóptero ou barco. Nela haveria uma síntese dos serviços mínimos do viajante: sanitário, água potável, descanso (sem ser hotel), toalete de crianças, sistema de lixo orgânico, telefone público.

Experimentamos durante o diagnóstico 4 grandes pousadas ou pólos: uma no Engenho Central, outra em Ártemis, outra em Tancuã e outra em Monte Alegre. Outras menores poderiam ser organizadas em rede. Cada pousada seria negociada com o fazendeiro ou o povoado de afetação que poderia encarregar-se da restauração.

As quatro pousadas deveriam ser diferentes, respeitando o espírito do lugar. Para a concepção e construção de cada uma, seria feito um apelo a projetos dirigidos às escolas de arquitetura de Piracicaba e vizinhança.

A concepção do conjunto, seria confiada a um paisagista de prestígio formando equipe multidisciplinar, sob a responsabilidade política da SETUR, Desportos e SEMA. Uma personalidade como Paulo Kageyama, Assis, Martinelli, Egídio Simoni, Renata Leme, Marcos Guidotti entre outros poderiam integrar tal equipe. Se não, confiar a concepção e realização a um grupo de estudantes com seus professores.

As trilhas não deveriam ser fios da meada, mas uma peregrinação ecológica total, evitando o espírito de escola. A trilha escola seria um tipo, não a totalidade.

As seis pousadas

As quatro grandes pousadas seriam Tancuã Sul e Norte, Ártemis, Engenho e Monte Alegre. As pequenas poderiam ser ESALQ e Porto de Areia. Começar a curto prazo pelos poucos que já estão emergentes.

Centro Pousada do Centro (Hotelaria, Engenho Central) - a pousada é por definição um acampamento de forasteiro, algo transitório, de passagem, do andante festivo que faz do caminho o seu objetivo e do fim do caminho o ponto de regresso ou de retornou ou contorno. O caminho é simbolicamente o andar da humanidade, sua base é primeiro passo da criança, sua flor é o passo da bailarina. O passo combatente é o do esportista. Em termos urbanos, a trilha se torna o paradigma da cidade, na expressão construída das calçadas e das praças e jardins, pátios e largos.

Pousada de Ártemis. Rede de pousadas em torno da antiga estação da Sorocabana.

Pousada de Porto de Areia: com sua rede de fazendas próximas.

Pousada de Tancuã, ao sul, com o povoado norte e com a rede" de fazendas em torno, todas com o duplo portal que sobe à Piracicaba e que desce para a Barragem.

Pousada da ESALQ, é a visita ao parque do saber em fauna, flora e água

Pousada de Monte Alegre, pousada da memória da Mão do Açúcar com sua rede de fazendas em volta, a começar pela de São José.

Dependente das trilhas altas, baixas ao longo do rio e no interior do município

A - A curto prazo,

Inventariar as trilhas existentes, uma das quais vai até a cidade de São Paulo (150 km). A médio prazo, construir e proteger essas trilhas exclusivas do pé (humano e animal) e paralela à ciclovia. A cada trecho a ser estudado, verificar um abrigo seguro, dotado de água potável, de toaletes e fossa séptica, de pouso, telefone, orientação, área e restauração, descanso, e de micro parque contendo a síntese da biodiversidade natural e cultural em torno. Modelo podendo ser visitado: Trilhas da Foz de Iguaçu, Trilhas do Véu da Noiva (Chapada dos Guimarães), Trilhas da Mantiqueira, e muitas outras no Estado, no Brasil e na América do Sul.

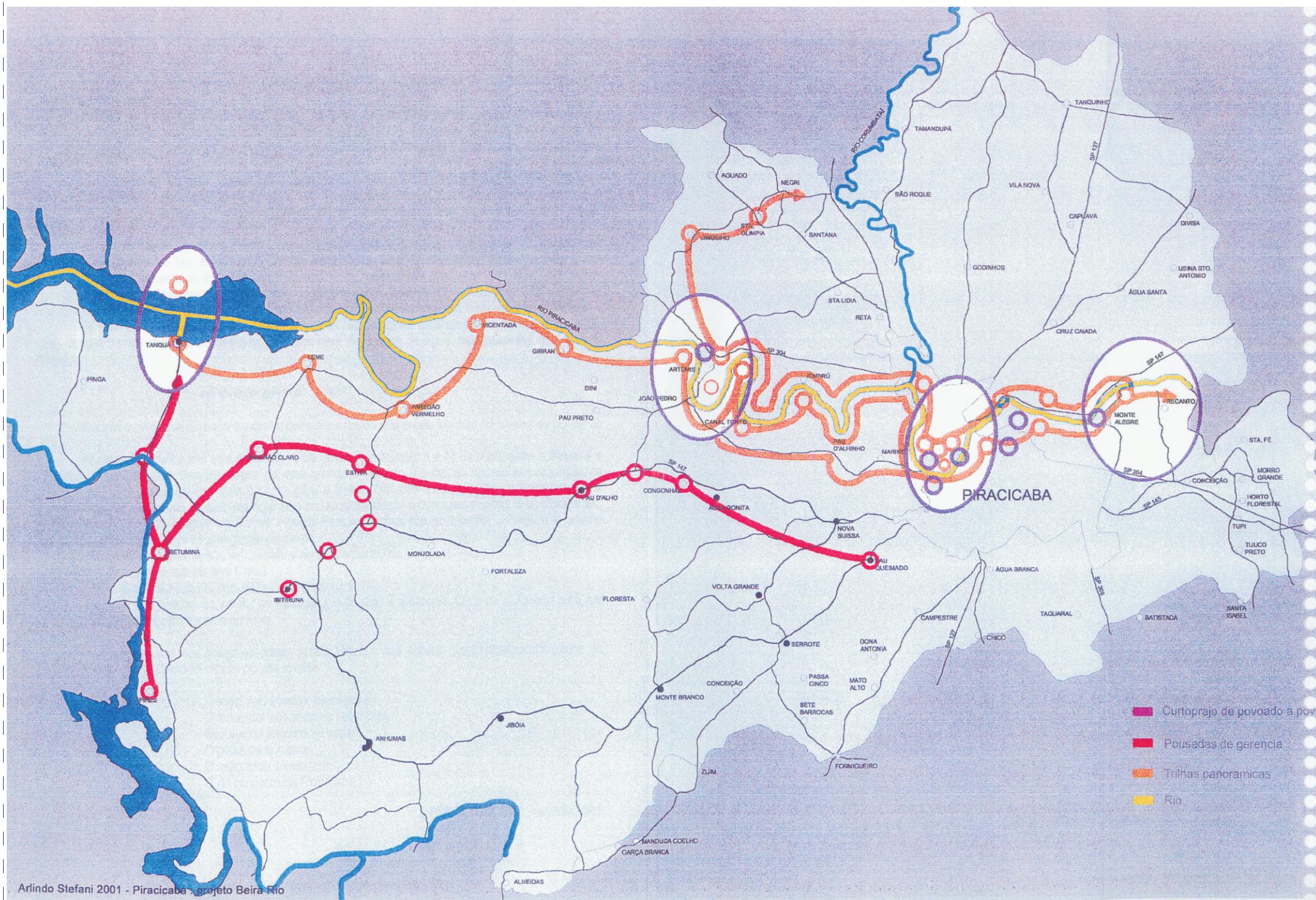
Cada parada e sobretudo cada Pousada deverá ser objeto de apelo a projeto ou a idéias.

Confiá-los 50% aos técnico piracicabanos e 50% aos técnicos da tríplice bacia. O tema do Salto poderá ser objeto de apelo a projeto Internacional. Elaborar o código das trilhas, sob o modelo

Conferir labéu oficial às trilhas e pousadas já existentes, como as de Ártemis (Luizito, Egidinho, Gibran e outros), as de Tancuã (circuitos de barco, circuitos das fazendas (trilhas panorâmicas)

B - A Médio prazo, construir as trilhas segundo o programa de prioridades: a primeira dela é a que percorre o beira rio urbano de Piracicaba, entre os quais no modelo das Trilhas da ESALQ e do Museu da Água, as trilhas dos 7 Canais, Trilhas da água boa, trilhas das 6 memórias, Trilhas do trenzinho dos engenhos que iam e vinham do Engenho Central, Trilha do Bondinho.

C - A longo, a reorganização urbana em função do rio festivo: o da civilização sob o princípio do prazer (turismo).



Brechas

A brecha é também chamada de Janela ou Porta. É sempre passagem de território, ou de lugar, quase sempre é lugar também.

Guardar para memória a cidade de Queiroz, de Rezende e de Morganti construídas de costas para o rio, afastados dele. Foi uma atitude fundadora de 100 anos de memória do beira rio. Tombar a rua Luiz de Queiroz no trecho que vai do Hotel até o encontro com a Moraes de Barros. Ela é uma das escritas da cidade beira-rio.

A cidade de costas para o rio é ligada ao tema da saúde pública. O pobre era condenado a viver perto do rio perigoso e doentio. O rio se precavia, indo para os altos. Porém, levou para os altos o seu lixo, à maneira de civilizações antigas que levavam para os abutres do céu os cadáveres de seus defuntos (Turquia, Tibete).

As civilizações indígenas e caipiras conheceram o cisco e a sujeira com o império das moscas. Porém não conheciam o lixo. Este é o produto da industrialização e da sociedades do desperdício e das embalagens. Será necessário ligá-la ao rio insalubre, o da tuberculose e do mosquito, dos ofídios, das enchentes cíclicas, e finalmente do mau cheiro do rio diluvial. A memória do saneamento (tratamento da água, tratamento dos esgotos, tratamento o lixo). A Varrição e ao Embelezamento. Engenheiros sanitários.

As brechas ou janelas ou portas serão aberturas nas muralhas urbanas do rio. No município rural, elas consistirão em abertura de desembarcadouros para os turistas da água, nas pousadas que tenham labéu.

A curto prazo

Estudar o pé de rua no encontro com o beira rio, a fim de que sejam brechas ou janelas ou portas do rio.

Atualmente, poucas tem esta qualidade. Uma delas, por exemplo é a 13 de maio, entre a Boyes e o Palacete. Traz consigo a memória negra, da casa grande e senzala. Ao dar no rio, ela leva tropeção na avenida, não tem passagem e a vista é opaca para a beleza fastuosa do parque do engenho central. A paisagem da rua não foi considerada até hoje. Não houve sensibilidade à paisagem popular, a do olhos a pé. Outro exemplo, as ruas Moraes de Barros, Rangel Pestana (antiga rua do Morrão) , Freijó e a própria Armando Salles, precisariam de uma janela para o rio.

Outro exemplo: Ártemis não tem acesso e nem vista para o rio.

Outro ainda: Tancuã não tem pé para Canal

Monte Alegre não tem rio, nem beira e nem lagoa.

Nas vilas dos distritos no interior do município, o cenário é o mesmo. O rio ou o ribeirão está por perto, mas não está ali, não é a cara do lugar.

Assim as brechas nos abrem as portas para o Rio que nos espera para trabalharmos juntos na criação de Piracicaba. Como foi dito no poema síntese

O índio veio aonde o peixe pára.
O industrial veio aonde o peixe pula.
Nós vamos aonde o rio espera.
O peixe criou o Índio.
O salto criou o industrial.
O rio conosco cria Piracicaba.

ARLINDO STEFANI - agosto 2001

Relação dos Mapas
Projeto Beira Rio

- Mapa 1 - Perímetro**
Mapa 2 - Rio Linear e sua Bacia
Mapa 3 – Os 2 Hemisférios
Mapa 4 – Beiras : Área de Preservação
Mapa 5 – Taba : Marco Zero – Buscando o Espírito do Lugar
Mapa 6 – Povoamento Caipira
Mapa 7 – Deslocamento para Margem Esquerda
Mapa 8 – Memória Afro- Brasileira
Mapa 9 – Centro do Mundo
Mapa 10 – Memória dos Imigrantes
Mapa 11- Viagens do Centro do Mundo
Mapa 12 – Canais
Mapa 13 – Anos de revolução Industrial
Mapa 14 – Os Pólos Urbanos
Mapa 15 – Beiras
Mapa 16 – Muralhas Urbanas
Mapa 17 – Muralhas Urbanas
Mapa 18 – Arqueologia dos Transportes beira Rio
Mapa 19 – Pontes
Mapa 20 – Sociologia – Bairro da Rua do Porto
Mapa 21 – Monte Alegre
Mapa 22 – Monte Alegre - Contexto
Mapa 23 – Ártemis
Mapa 24 – Tancuã
Mapa 25 – Odores
Mapa 26 – Odores e Fedores do Rio
Mapa 27 – Mapa Sonoro
Mapa 28 – O Rio Festivo
Mapa 29 – O Rio Festivo
Mapa 30 - Trilhas